3 1761 06981315 2

DP
575
18
P5

BIBLIOTHECA RELIGIOSA

O LIVRO DAS FLORES

Volume 300 reis

Volume 300 reis

Legendas da vida da Rainha Santa

POR

ALBERTO PIMENTEL

LISBOA
LIVRARIA EDITORA
Praça d. D. Pedro
1874

PUBLICAÇÃO DE NOVO GENERO

BIBLIOTHECA RELIGIOSA

O LIVRO DAS FLORES

(LEGENDAS DA VIDA DA RAINHA SANTA)

POR

ALBERTO PIMENTEL

«Tudo são flôres na chronica legendaria de Santa Izabel.»
HISTORIA DE PORTUGAL—PINHEIRO CHAGAS.

LISBOA
LIVRARIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & C.ª
68, Praça de D. Pedro, 68
1874

DECLARAÇÃO

A edição d'esta obra pertence a Henrique d'Araujo Godinho Tavares, subdito brazileiro.

LIBRARY
JUIL 2 1968
UNIVERSITY OF TORONTO

Typographia Editora, Praça de D. Pedro, 67

Tudo são flores n'este livro, que hoje enceta a Bibliotheca Religiosa emprehendida pela casa editora dos srs. Mattos Moreira & C.ª: umas que embalsamam com divinas essencias a alma d'uma virtuosa rainha portuguesa; outras que ao contacto de suas mãos abençoadas substituem no regaço da princesa santa o ouro destinado aos operarios que reedificavam o convento de Santa Clara de Coimbra, e se volviam ouro para remunerar a piedosa canceira dos trabalhadores do templo d'Alemquer.

Por esta rasão, e não por outra, se denomina das flores este livro, que se reconhece minguado de galas e bellesas proprias a engrinaldar condignamente o assumpto que versa.

I

> Com milagrosas obras fue mas santa que Reina, siendo Reina perfetissima.
>
> Faria e Sousa—*Epitome das historias portuguezas.*

Occupava n'aquelle tempo o throno de Portugal el-rei D. Diniz, unico do nome, e em idade de eleger esposa condigna de sua alta qualidade, e esclarecido espirito.

Era o principe dotado dos raros talentos que merecem lustrar-se com nobresa e virtudes crédoras d'elles. Quando por ventura o desvairassem as levesas de trovador, que foi, requeria a altura do solio e a grandesa da patria, que o considerava um dos primeiros entre imperantes e lettrados, que não caminhasse o moço empós de sua phantasia a offuscar a fama do rei e do reino portuguezes.

Assim foi que o monarcha, reunido conselho, deliberou tomar por esposa a filha d'el-rei D. Pedro d'Aragão, princesa cujas virtudes andavam celebra-

das nas Hespanhas a par de sua incomparavel formosura, e logo a espectativa do regio matrimonio fez com que se prefigurasse a um e outro povo realisada na terra a mais completa realesa que é possivel invejar para governo d'homens. O rei, apostado em nobilitar os seus dominios e vassallos, por que madrugava no moço o animo do varão que devia crear *o primeiro Estudo*, como diz Ruy de Pina, e accender entre os seus o fogo purificador da alma,—a poesia; e mandar desbravar *dilatadissimas brenhas* para, na phrase do padre Francisco de Santa Maria, *utilisar o inutil em beneficio dos povos* e lançar á terra as sementes do soberbo pinhal de Leiria, d'onde os seus successores deviam fazer apparelhar as náus conquistadoras de novas plagas; e desopprimir Portugal dos pesados privilegios da nobresa e promover o desenvolvimento da marinha como consequencia immediata do desenvolvimento da agricultura.

A rainha, sobre ser formosa, alliava á nobresa do sangue os thesouros de seu coração, que pareciam vinculados á memoria veneranda d'uma tia materna de seu pai, filha d'el-rei de Hungria, e já conceituada de santa pela Egreja catholica. Por tal maneira ficariam preenchidos quantos vacuos póde abrir na vontade d'um povo a eleição d'um imperante. Urge, para satisfação de todos os desejos e de todos as necessidades, que haja sempre mão piedosa para suster o gladio da justiça e gladio da justiça pendente de mão piedosa.

Para as feridas que em todos os paizes ulceram o coração do povo, faz-se mister que chovam do

alto os balsamos que hão de mitigal-as e cicatrizal-as. A obediencia, que nasceu parelha do homem, tem o que quer que seja de grilhão; importa que a justiça o não forje tão duro, que pareça de ferro, nem tão leve, que não tenha peso, e tudo isto se consegue quando ao braço que o recebe e ao braço que o lança se interpõe mão que não se considere executora. Essa mão devia de ser em Portugal a da princesa virtuosissima, eleita do rei. Portanto, quando sahiram embaixadores para a côrte de Aragão a justar a projectada alliança, foram com elles a esperança e a alegria de todo o povo. Não obstante a pompa com que em terras de Hespanha acolheram os fidalgos portuguezes, prenuncia de bom despacho, veio noticia de que el-rei D. Pedro estava vacillante em desapossar-se da filha estremecida para dar quanta riquesa ella valia a uma corôa extranha. Reflectiu, porém, o principe d'Aragão e antepoz á saudade do coração o interesse do estado. Tractado diplomaticamente o casamento e serenadas por intervenção de Castella as discordias que distanciavam el-rei D. Diniz e seu irmão o infante D. Affonso, foi escripturada a carta de arrhas na villa de Vide, que era o local pouco antes occasionado para o duello dos dois irmãos e dos seus.

Bom agouro era o d'esta subita paz entre irmãos que pelejavam, trazido inesperadamente pela aproximação d'uma festa nacional. O iris da alliança coloria risonhamente o ceu onde os portuguezes punham os olhos da sua esperança, e quando a princesa, desatada das prisões do amor paterno, entrou em Portugal, já estavam depostas, nos campos do

Alemtejo, as armas que deviam defender os direitos do rei e as reluctancias do infante.

Sahiram a recebel-a aos confins do reino, principes, prelados, ricos homens e grande numero de povo da villa de Bragança e suas vizinhanças. Fluctuavam de sobre os cavallos as plumas aprezilhadas aos gorros dos cavalleiros com broches de prata; scintillavam ao reverbero do sol os gibões de seda floreados d'ouro; ondulavam desfraldados os balsões nas mãos dos pagens d'armas; reluziam metaes nos ornatos das laçarias; soavam trombetas e atabales á mistura, e contrastava com os garbosos cavalleiros do sequito, na timidez do cavalgar, o cortejo nupcial das donzellas e covilheiras do paço assentes sobre custosos silhões nas mulas que serviçaes da casa real tomavam de redea. Confundiam-se no ar as acclamações de fidalgos e mesteiraes, como se o concerto das vozes afinasse pelo concerto do jubilo, que em todos era o mesmo.

De Bragança jornadeou o prestito real para Trancoso, onde esperava el-rei com a restante nobresa de sua côrte, e ahi foi que na egreja de S. Bartholomeu se consummou religiosamente, a 24 de junho de 1282, o pacto matrimonial contraido por procuração na cidade de Barcellona. Ahi demoraram os noivos, rodeados de festas palacianas e populares, até ao fim de julho, e então se passou a côrte á cidade da Guarda, e da Guarda á de Vizeu, até descer á de Coimbra. Foi o transito real uma ininterrompida série de ovações, como se aporfiassem os povos em manifestar sua adhesão a tão almejados desposorios, e ao mesmo passo um en-

sejo que o rei aproveitára para vizitar as terras do seu reino, facto muitas vezes repetido durante a vida de D. Diniz, e que dá ampla medida do seu espirito de justiça e benevolencia.

Em Coimbra recomeçaram os festejos commemorativos do noivado. Ahi residia a velha nobresa que cercára o throno de D. Affonso III, e pois era de esperar que a nobresa não quizesse deixar ficar offuscado o seu orgulho perante as sumptuosas e enthusiasticas demonstrações do povo em tão longo itinerario. Por sua parte a rainha, apesar de noiva e moça, para logo correspondeu e excedeu ao muito que de suas virtudes se esperava. Instituia asylos para as donzellas a quem a pobresa impellia para o abysmo da deshonra; (1) chamava a si os filhos de fidalgos decahidos, não da nobresa de seus maiores, mas dos bens de fortuna que elles esbanjaram; dotava as orphãs que veriam em sua pobresa um invencivel estorvo a crearem familia, especialmente as orphãs de lavradores carecidos, para as quaes fundára um hospicio, ao pé do convento de Santa Clara de Coimbra, e d'onde saíam para receber a benção nupcial e um dote em terras com obrigação de cultival-as.

Assim era que a rainha semeava o sentimento da familia entre os corações portuguezes, e fundava as colonias agricolas que deviam tornar prospera

(1) Reflectidamente attribue o sr. Pinheiro Chagas á rainha santa o «lançar assim os fundamentos d'essas santas Misericordias que outra rainha tambem caridosa havia de desenvolver depois em mais larga escala.»
Vêr *Historia de Portugal*, vol. 1.º pag. 143.

e numerosa a sociedade que as novas familias constituiam.

Uma das orphãs chamadas ao paço de Coimbra para receber a protecção da rainha, perdera seu pae, quando a pobresa o perdera a elle, e vivia esmolando para a mãe impossibilitada de procurar meios de subsistencia, porque os herpes d'um cancro lhe iam roendo e mutilando um dos pés.

Chamava-se Violante a donzellinha, que todos os dias se expunha aos perigos da seducção para recolher com as migalhas mendigadas, que eram abastança da mãe enferma, e sua.

Vira-a a rainha pela primeira vez uma tarde, quando, acompanhada de suas damas de honor D. Izabel de Cardona, sua parenta e ao depois segunda abbadeça do convento de Santa Clara, e D. Maria Ximenes Coronel, divagava, dilatado o coração pelas obras piedosas d'aquelle dia, á beira do Mendego, e a donzellinha caminhava a pequena distancia afadigada com o taleigo de suas esmolas.

Ordenou a rainha a D. Izabel de Cardona que chamasse a gentil caminheira. Veio, tremula e purpurejada, á presença da rainha, a orphã e, hesitante a principio e mais tranquilla depois, referiu a lamentavel miseria de sua mãe. Marejaram-se de lagrimas os olhos da princesa, ouvindo dos labios da donzellinha a reproducção dos queixumes maternos, quando pela manhã ella sahia para a peregrinação do esmolar. Comprehendeu e justificou a rainha a dôr d'aquelles queixumes e disse á orphã, soccorrendo-a largamente, que se recolhesse e fosse

quieta d'animo, que as bençãos do Senhor iriam com ella.

Afastou-se aturdida da venturosa surpresa a rapariga, com os olhos postos no chão, e, quando os accidentes do terreno a esconderam, ficou-se a mirar os maravedis com jubilo que propriamente se poderia chamar louco. Depois, bem certa de ter a esmola segura na mão fechada, lançou-se ás carreiras pelo caminho adiante para antecipar á mãe, quanto possivel, a boa nova.

Ficou a velhinha em grande jubilo; não obstante, menos surprehendida do que a filha esperava.

Fez reparo a donzellinha, e a mãe respondeu:

—Não te disse eu, Violante, que sua real senhoria era uma santa que boas vindas havia de trazer a todos os pobres de seus estados? Permittiu Deus que fossemos dos primeiros a ser vistos de seus olhos. Agradeçamos a Deus o ter ouvido as orações, que eu fico resando quando tu sáis aquella porta. Se eu podesse fazer uso dos meus pés, iria pela manhã pedir audiencia a sua real senhoria, que não a recusa a ninguem, para lhe beijar a mão que tão generosamente nos favoreceu.

Oraram mãe e filha, longo tempo, em acção de graças. Depois, desdobrada a noite, adormeceram na sua inesperada felicidade, e Violante sonhou uns sonhos venturosos que ao mesmo tempo a maravilharam e entristeceram. Contou de manhã á mãe quanto dormindo ouvira e vira:

—O que eu sonhei, minha mãe! A senhora rainha havia-me chamado a si, e toucado por suas

proprias mãos, e posto na cabeça um grande veu, branco como a neve, que me cobria o corpo todo. E eu chorava d'alegria, e a minha mãe tambem, porque estava curada do seu pé enfermo...

—Ó filha!—exclamara a velhinha—prouvera a Deus que assim fosse!

—Pois eu sonhei-o, minha mãe, e era a senhora rainha que nos trazia pela porta dentro todas estas alegrias, e ambas estavamos então muito ricas e muito felizes. Depois comecei a vêr uma nuvem negra, muito negra, que vinha crescendo, e eu sentia-me agoniada, e tremula, e quando queria saber o que era aquella nuvem negra... acordei.

—Quer isso dizer, minha filha, que até na felicidade do sonho nos não devemos esquecer de que vivemos todos subjeitos ás incertesas do mundo. Não ha sol sem nuvens, a não ser o de Deus. Esse é que é aurora eterna, filha! Tudo o mais é da terra, e ha de ser como a terra, que ora brota rosas ora espinhos. Não sejamos ingratos para com a omnipotencia divina, que se dignou soccorrer-nos por intervenção de sua real senhoria. Estende a mão fóra da adufa, e colhe essas flores que me alegram os olhos quando tu me foges da vista. Põe-n'as em derredor do meu firmal, já que de portas a dentro não temos outra imagem, e eu não tenho outra recordação de teu pai.—E tirando pela cabeça o laço de que pendia o firmal, reliquia de grande devoção n'aquelle tempo, continuou: Que ao menos teu pae, por favor divino, assista em espirito á nossa ventura d'hoje. Elle m'o deu, filha, na vespera das nossas bodas, e com elle quero ser amortalhada. Mas,

para louvar o Senhor Deus, não tenho duvida em o tirar do seio para d'aqui o vêr reverenciado entre as tuas flores.

E quando o firmal estava como em altar, e havia no albergue um ar de festa, que contrastava com a miseria que as paredes exteriormente denunciavam, ouviu-se subito rumor de vozes, que soavam perto, e Violante poz a cabeça fóra da adufa, e logo se recolheu para dizer á mãe, tremula de commoção:

—É sua real senhoria, mais as suas donas, que eu vi hontem!

—A rainha!—exclamou boqui-aberta a velhinha.

A orphã não teve mais tempo que o de correr á porta, e abril-a e aguardar os nobres hospedes.

A mãe quiz, deslembrada de suas maguas, erguer-se, e logo recahiu na usual posição, porque um dos pés se negou a auxiliar-lhe o intento. Era o roido do cancro.

A noiva d'el-rei D. Diniz entrava de faces radiosas no albergue, sem receio de que o ar que inficciona os antros da pobresa empéstasse as suas flores de laranjeira.

Correia de Lacerda (1) é prolixo chronista d'este descer da realesa, n'aquelles tempos em que a realesa o éra, até ás furnas em que gemem as miserias humanas.

Diz o prelado portuense:

«Como não póde haver maior miseria que a en-

(1) *Historia da vida, morte, milagres, canonisação e trasladação de Santa Izabel, sexta rainha de Portugal.*—Edição de Coimbra (1868) pag. 60.

fermidade sobre a pobresa, tinha grande magua da pobresa que cahia em alguma enfermidade, em rasão do que vizitava os enfermos pobres não só nos publicos hospitaes, mas nas proprias casas, onde os servia e consolava, e dando saude a muitos, provia com o necessario a todos e quando não podia evitar-lhes com os remedios a morte, mandando dar aos corpos sepulturas, lhes mandava fazer suffragios pelas almas.»

Ficou sobremodo commovida a rainha quando attentou nas flores que engrinaldavam o firmal, e viu a viuva soterrada em palhas e mallogrando esforços repetidos para lograr erguer-se.

A orphã estava entre as flores e a mãe, como se o acaso quizesse que a rainha comprehendesse o que seria aquelle desabrochar d'um candido coração entre as flores da sua idade e a desgraça do seu destino.

E entrou-se de profunda sympathia pela donzellinha, cuja voz respondia oscillante ás interrogações da princesa, como se n'aquella hora começasse a realisar-se o que de alegre havia no sonho d'aquella noite.

Assim aconteceu em verdade, como pelo seguimento d'esta narrativa se verá.

Mas... a nuvem negra do sonho?

A nuvem negra não póde escurecer por emquanto o horisonte da viuva e da orphã, subitamente doirado pelos resplendores da Providencia Divina.

Á felicidade da filha corresponde a ventura da mãe.

Entrada a quaresma, quiz a piedosa rainha lavar

por suas proprias mãos os pés a doze mulheres, doentes e pobres, imitando santamente o mais formoso exemplo de humildade que o doce Jezus ensinára a homens. Entre as escolhidas teve preferencia a mãe de Violante, mas, chegada a occasião da ceremonia, esquivou-se a mergulhar o pé canceroso na bacia, querendo substituil-o pelo outro. Insistiu a princesa, e a viuva obedeceu. Lavado e enxuto o pé, como se não tivera macula, foi a viuva transportada ao seu albergue e d'ahi ao passo real e, passados dias, entraram de cicatrisar as ulceras, como se as mãos da rainha houvessem saneado radicalmente a enfermidade.

O citado bispo do Porto, sem nomear a viuva de Coimbra, refere todavia o caso pela maneira seguinte:

«Não quiz em uma occasião d'estas uma mulher, ou por pejo ou por decóro, metter na bacia um pé em que tinha um cancro, que sendo lastimoso asco da vista era petulante escandalo do olfato. Vendo a Santa Rainha esta decorosa renitencia, desejando exercitar a sua ardente charidade, disse a uma senhora, que andava servindo n'aquelle ministerio, que lhe mettesse o pé á força; obedeceu a virtuosa senhora, e tanto que ella e as que ministravam a agua viram aquelle lastimoso espectaculo, viraram o rosto, e se retiraram do officio, fugindo do cancro, como se fosse venenoso; porém a Santa Rainha, tendo-o por astro feliz, com lastimado, porém firme aspecto, armada de religiosa constancia, não alterou a piedosa obra, lavou o pé com toda a suavidade, e depois de o alimpar com mimosa adver-

tencia, como se fosse flôr, beijou a chaga. Não entrou Mardocheo no paço de Assuéro vestido de sacco, porque da presença dos reis (por lhe evitarem os desgostos) se removem os objectos tristes. Esta Santa Rainha, que só tractava dos saudaveis desenganos, para exercitar os caritativos affectos, mandava vir á sua presença os objectos lastimosos, e das chagas da enfermidade fazia maravilhas de edificação; e não querendo o Senhor deixar sem visivel premio o divino agrado, que teve d'este acto heroico, publicou com um milagre o successo, por que, recolhendo-se a pobre para sua casa, se achou com saude perfeita, confessando que n'aquelle osculo recebera a saude, e sendo o cancro tão voraz, que depois de lhe comer a carne, lhe ia roendo os ossos, achou o pé sem differença alguma do outro, vendo-se que, se o Senhor restituiu a mão a um tolhido, a Santa Rainha restituiu o pé a uma aleijada...»

Logo se espalhou em todo o reino de D. Diniz a noticia conceituada de milagre, tal como hoje a lemos nos chronistas do tempo, e só uma tradição oral de Coimbra conservou o nome e a historia da viuva e da orphã.

II

São cousas do paço.
D. Francisco Manuel de Mello—
Apologos dialogaes.

Ficáram viuva e orphã sob a protecção da rainha, e desde logo familiares da côrte, que n'esse tempo não tinha residencia definitiva.

Violante era a donzella querida da esposa de el-rei Diniz, posto a não vissem com olhos benevolos as damas de nobre nascimento que se acercavam da magestade e com ella privavam. Todavia a orphã, sem deslembrar a sua obscura origem, parecia desconhecer o azedume com que, a occultas da rainha, lhe fallavam as donas do paço, mormente D. Thereza Pires, aia do cortejo real, cuja inclinação a Fernão Lobeira, um dos alvasis de conselho, era notoria.

Vivia a orphã conchegada á companhia da mãe, que, inteiramente curada de suas antigas enfermidades, era criada da rainha, como sua filha.

Difficil seria reconhecer n'aquella gentil menina, em que as graças da mocidade iam desabrochando dia a dia, a donzellinha da ribeira do Mondego, não porque nem a humildade lhe restasse do que fôra, mas porque a bellesa a tornava outra, mais vivo o carmim das faces, mais composto o semblante, e mais gentil o desenho das fórmas.

Queixava-se a orphã á mãe de que Fernão Lobeira, sempre que a côrte estava em Lisboa ou nas vizinhanças de Lisboa, a ia seguindo com a vista até obrigal-a a descer os olhos e crescia o seu desgosto quando mãe e filha se lembravam de que uma vez, no paço do Castello, o alvasil, distanciando-se intencionalmente do alcaide Fernão Rodrigues Bogalho, lhe pedira uma flôr, que a menina por distracção havia colhido.

Era desejo da viuva revelar á rainha a innocencia da filha e o procedimento do alvasil, mas como quer que n'esse tempo andasse preoccupada a côrte portugueza com as discordias de D. Sancho de Castella e D. Alvaro Nunes de Lara, á conta da cidade de Albarrazim, e a rainha estivesse em Badajoz, onde se avistára com as princesas castelhanas no proposito de realisarem a paz, foi a revelação differida para quando a côrte, reposta no seu antigo socego, não andasse dividida e agitada.

Grande era n'aquellas idades a dissolução da côrte, e o povo, vendo esfriada em el-rei a febre do amor, que a principio o levára a doar á sua noiva a villa de Trancoso e o senhorio das villas de Cintra, Obidos, Abrantes, os padroados das egrejas e alcaidarias móres, sentia-se desgostoso dos vexames

que a rainha soffria de animo frio e semblante imperturbavel. Boquejava-se dos amores d'el-rei com mulheres extranhas, taes como D. Aldonça Rodriguez e D. Gracia de Sousa, das quaes houve filhos. A rainha, cujo coração era alheio ao rancor do ciume, acolhia benevolamente os filhos de ganhadia, como se dizia ao estylo da epocha, e perdoava as leviandades do marido sem lançar-lh'as em rosto. Não era porém da mesma clemencia a demais côrte, onde a intriga lavrava como incendio em rastilho. A rainha appellava para a luz que, como aurora apoz as negruras da noite, vem esclarecer finalmente os animos desconcertados. Certo é que a justiça eterna costuma illuminar os que se deixam ir boiando na torrente das paixões, e punir-lh'as com os rigores bastantes a despertarem o arrependimento. Assim aconteceu a el-rei, grande homem e grande espirito, a quem o desamor dos filhos castigou do amor illicito com que queria ás mães. As donzellas da côrte não tinham comtudo animo tão soffrido que se não irassem até á represalia quando o escudeiro estremecido ou o pagem namorado as esquecessem ou trahissem desvairados por novos amores. A mesma rainha algumas vezes foi alvo das machinações do paço, e agora vem de geito contar uma das tradições cujo caracter maravilhoso releva na chronica santa da esposa de D. Diniz.

«Como o coração d'el-rei—escreve o bispo D. Fernando Correia de Lacerda—andava n'este tempo cego do amor illicito, sendo que a Santa Rainha era uma mulher forte, teve d'ella desconfiança, porque

nem a magestade está segura de calumnia no paço, onde é ouvida a inveja. Servia n'elle um pagem, de quem a Santa Rainha, em rasão de sua vida virtuosa, fazia confiança particular, servindo-se do seu modesto silencio para as obras de sua occulta caridade; e sentindo outro que ella fizesse o favor á virtude, que pertendia a emulação, insinuou a el-rei que aquelle agrado nascia da infidelidade e não do merecimento, e sendo que a santa honestidade da Rainha Santa era irrefragavel prova de sua inviolavel fé, devendo el-rei castigar a ousadia, creu a impostura, porque a má disposição de seu animo facilitou a credulidade do aggravo, e determinou tirar ao innocente a vida, a quem a malicia tinha imputado a injuria. Para que a vingança se tomasse com cautela, chamando em segredo um homem que tinha a seu cargo um forno de cal, a que n'aquelle tempo lançára o fogo, lhe disse que quando na hora certa de um dia determinado mandasse um pagem da rainha a saber se fizera o que lhe ordenára, o lançasse dentro no ardente forno, porque assim convinha a seu real serviço. Chegado o prescripto dia, á hora signalada, mandou el-rei o innocente pagem com o recado fingido ao logar do incendio, em que determinava que se queimasse a innocencia, e Deus dispunha que ardesse a culpa. Obedeceu elle com diligencia prompta, e como tinha por inalteravel devoção entrar nas egrejas quando ouvia fazer signaes ao levantar da hostia consagrada, ouvindo-os no convento de S. Francisco da Ponte, que estava no caminho, entrou n'elle e ouviu uma e outra missa, e assistindo no exercicio de sua devoção, poz Deus

embargos á sentença de sua morte; dispondo o Senhor que se consumisse no fogo quem lhe procurava o incendio... Estando el-rei cuidadoso do successo, e desejando saber se o fogo tinha desvanecido em fumo o seu presumido aggravo, chamou outro pagem, que atrevidamente tinha infamado na magestade mais decorosa a mais innocente castidade, e lhe disse que fosse saber se se tinha dado á execução a sua ordem. Chegou elle ao logar que se destinára para o supplicio do outro que estava na egreja ouvindo missa, e entendendo o executor da morte que áquelle mandava el-rei tirar a vida, lançando-o precipitadamente entre as flammas, se reduziu justissimamente em cinzas, porque a divina justiça faz que pereça o culpado no laço que se arma para o innocente... Acabadas as missas se foi o devoto innocente para o forno, onde o delinquente estava consumido; e dando o recado d'el-rei lhe trouxe em resposta que a sua ordem se dera á execução.» (1)

Grande discrição era precisa para atravessar incolume de macula, real ou phantastica, a perfidia dos alcaçares reaes. A innocencia não é boa companheira, porque, além de indefesa, é cega. Violante, a casta orphã transplantada do seu jardim de Coimbra, para os espinhaes da côrte, escudava-se apenas no amparo da rainha e no conchego da mãe. Era pouco.

Primeiro que raie a luz, que desfaz as duvidas,

(1) Esta legenda foi posta em romance pelo sr. A. M. da Cunha e Sá, no livro *Da parte d'el-rei.* Lisboa—1873.

se condensa a noite que as faz e as avulta. A inquietação que continuava a lavrar no paço em rasão dos accidentes politicos da Hespanha protegia os maus designios das Penelopes da intriga.

«. . . D. Diniz, — escreve o sr. Pinheiro Chagas na sua *Historia de Portugal* — estava lançado contra sua vontade nas discordias de Castella, discordias que duraram todo o reinado de Sancho IV, e que fizeram tempestuosa a menoridade de Fernando IV. N'essas discordias entrou elle comtudo mais como medeador que como contendor, o que prova o respeito que os principes de Hespanha consagravam á prudencia e tacto politico do rei de Portugal. Foi tomado como arbitro na lucta civil travada entre a rainha D. Maria em nome do joven Fernando IV com D. Affonso de Lacerda; conseguiu apazigual-os, assim como conseguira restabelecer a paz entre Castella e Aragão. Em recompensa d'isto, no tractado concluido em 1297 entre Portugal e Castella, cedeu esta a D. Diniz differentes villas entre as quaes devemos contar a de Olivença, que hoje por um acto de incrivel má fé está outra vez nas mãos da Hespanha.»

Sabem os botanicos, por muitas vezes o haverem lido, que as folhas da sarraceria são laço para insectos. Tambem os que teem andado por côrtes devem saber como a perfidia é lá armadilha para incautos e inexperientes.

D. Theresa Pires, despeitada de que Fernão Lobeira lhe encarecesse d'uma vez a bellesa da orphã protegida da rainha, foi denuncial-a á virtuosa protectora como recatada e dissimulada amante do alvasil,

Resistiu o espirito da rainha á tentação da suspeita e retrucou á nobre denunciante:

—Olhae, D. Theresa Pires, que é essa uma grave delação, e que por infundada a tenho. Não quero fazer aggravo á vossa inteiresa, mas o amor é fogo, e não será para extranhar que o fumo do incendio tolde a vista e o entendimento.

—Real senhoria, eu sei de preceito...

—Que estaes namorada, D. Theresa, do alvasil Fernão Lobeira. Não vos quero mal por isso, que é a vossa a idade das paixões. Pesa-me porém que o amor vos dê inquietações extranhas á vossa pessoa. Attentae que a orphã é desprotegida e pobre, e que se lhe irá o dote com a honra mal que lh'a deslustrem sem o ella merecer. Ao pé da orphã está a mãe, a quem Deus salvou da morte depois que os physicos descorçoaram de salval-a. Ferir a filha, seria matar a mãe. Morreriam ambas da mesma vergonha. Não ha juizes que condemnem sem provas. E as vossas onde estão, sr.ª D. Theresa Pires?

—As minhas são os gabos que Fernão malbarata á bellesa da orphã, como se ella, subida ás maiores dignidades da casa de vossa real senhoria, désse na vista de quantos cavalleiros entram no alcaçar!

—Em que vos pese, D. Theresa, eu só vejo orgulho onde vós encontraes criminalidade. Cada qual vale o que é: ella como filha do povo, vós como descendente de nobres. Cumpre ponderar, D. Theresa, que o pae de Violante era lavrador honrado, e vós bem sabeis como o sr. rei quer que se considerem do seu reinado em diante aquelles de seus vas-

sallos que elle alcunha de *nervos da republica*. Grande despraser seria para el-rei que se fizesse injuria a filha de lavrador. De provas irrefutaveis careceria el-rei para se convencer. Funda magua me dá este assumpto, se bem que vos estime como mereceis, D. Theresa Pires, quando o amor vos não céga. Bem sabeis como eu quero á orphã, e tanto que suppliquei a el-rei a fizesse respeitar de seus escudeiros. Não seria Fernão Lobeira, o nobre alvasil, que violaria indignamente as ordens de el-rei. Fernão tem genio de foliar. Quiz porventura conhecer até que ponto o amor era em vós desatino. Não teve por certo intento culpado. Ide, pois, em paz, D. Theresa, e reprimi o coração, que vos está malquistando com vós mesma. Deixae que o tempo aclare as vossas duvidas. O Senhor Deus permittiu desde o principio de todas as idades que os annos fossem confirmação de desenganos. Tambem os incredulos mofavam do patriarcha Noé, quando elle apparelhava a arca salvadora do genero humano, e o diluvio universal não só convenceu os que pereceram na immensidade das aguas, senão que deixou convencidos os que de Noé descenderam.

Tem a virtude o raro condão de vencer quando não logra convencer. D. Theresa Pires saiu humilhada da eloquente brandura da rainha, se bem que no imo peito a estivesse esporeando a novos desconcertos a fragua do despeito. Ciume era talvez o termo verdadeiro, se n'aquella epocha os brios d'uma dama d'honor podessem supportar em si mesma a suspeita de ser vencida em concurso amoroso com uma mulher do povo. Hoje, mercê da ci-

vilisação ou d'outra causa qualquer que está na propria rasão do homem, parece que os impetos do coração não toleram barreiras de casta. Mas, consoante o pensar do tempo, D. Theresa Pires, depois de se concentrar breves instantes, afogueada das faces e anciada da respiração, mandava chamar á sua presença a *mulher do milagre*, como dizia o povo referindo-se á mãe da orphã.

Simultaneamente entrava nos aposentos da rainha, por sua urgente determinação, a filha da *mulher do milagre*.

A esposa de D. Diniz carinhosamente recebera a orphã que, despercebida do que se passava, tinha nos labios o casto sorriso que dirieis o desabrochar d'uma rosa.

Procurara a rainha os mais discretos rodeios até apontar ao scopo da entrevista:

—Dir-me-has, Violante—apostrophára a princesa com a meiga familiaridade com que usava tractar a sua dilecta protegida—se o sr. alvasil Fernão Lobeira é tão assiduo na côrte como eu supponho.

Ficou-se calada a orphã, sem visivel alteração de phisionomia, como se não entendesse o sentido da apostrophe.

—Quero eu dizer se o sr. alvasil Fernão Lobeira frequenta a côrte sem ser nos dias em que o sr. rei exige sua presença?...

—Saiba vossa real senhoria que eu não tenho feito reparo no sr. alvasil, se é que elle tem frequentado a côrte. A ultima vez que o vi pediu-me elle uma flôr que eu havia colhido e, como me parecesse que o sr. alvasil estava zombando de mim,

estuguei o passo e fui contar a minha mãe o que se tinha passado. Tem genio alegre o sr. alvasil, mas a mim me pesou que se intromettesse com uma pobre criada de vossa real senhoria. Desde então não tornei a vêr o sr. alvasil, e com prazer da minha alma o confesso, porque minha mãe pareceu-me ficar tão resentida como eu...

—Disseste bem, Violante, tornou a rainha: o sr. alvasil Fernão de Lobeira tem genio alegre e, como nem todas as alegrias são leves, algumas devemos evitar. Pois que não pódes responder ao meu intento, vae cuidar de tua mãe, que, além do peso dos annos, soffre agora o da enfermidade, como se o Senhor Deus quizesse em sua infinita bondade que a sua alma se purgasse de toda a macula terrena.

Saiu a orphã inteiramente alheia á reservada intenção da rainha, e a rainha quedou-se jubilosa da pura ignorancia da orphã. Esta é a norma das almas que nasceram fadadas para se não contagiar da lepra do mal. O não crêr antes de verificar, e o verificar sem escandalo. Assim procedeu a rainha. Differentemente acontecia porém áquella mesma hora nos aposentos de D. Theresa Pires.

É por via de regra a côrte uma proveitosa lição de caracteres, um mundo de poucos encravado no mundo de todos.

Basta um pano de raz, pendente d'uma porta, para separar contrastes. Diz-se geralmente que entre o mal e o bem apenas medêa uma linha. Este aphorismo certamente o pensou algum experimentado aulico. A linha divisoria é a da soleira atra-

vessada cem vezes ao dia pelos familiares das côrtes.

D. Theresa Pires, demudada do gesto e da compostura, que se requer em pessoas de sua esphera, mormente se o sexo as obriga, encarara na viuva, chamada á sua presença, esbrazeada das faces e terrivel no olhar.

—Doloroso é,—dissera ella—o ferir com tão profundos golpes o coração materno, mas, sendo a deshonra um incendio que, quanto mais lavra, mais devora a vida, ouvi-me, com a possivel serenidade d'animo, que não é com tempestades que se salva a galé batida das ondas.

Ouvia tremula a velhinha, mal podendo respirar de oppressão, idade e doença.

A dama d'honor proseguiu:

—É publico no paço dos senhores reis o escandalo dos secretos amores de vossa filha com Fernão Lobeira, o alvasil.

Um som rouco e aspero, como o do estalar d'uma corda, rematára na garganta da viuva o grito que se formára na alma ou onde quer que o amor materno póde de repente inflammar-se nas lavas de angustia sobre-humana.

Retezaram-se-lhe as cordoveias do pescoço, d'um azul escuro, como se ella, n'um esforço derradeiro, quizesse furtar a cabeça á manopla do algoz.

E logo o corpo, já curvado para o chão, foi açoitado de contracções e estremecimentos que pareciam o deslaçar-se da naturesa exhausta.

—Não vos disse eu, continuou serenamente a dama—que não é com tempestades que se salva a

galé batida das ondas? Tomai, pois, tento e, sem tornardes mais publica vossa vergonha, cuidae de chamar vossa filha a melhor caminho.

—Senhora! balbuciára a viuva como cadaver a que fosse dado fallar d'entre o tumulo.

—É angustioso, já vol-o disse, mas o muito que do coração quero a Violante obriga-me a recommendar-vos que vos apresseis a tiral-a quanto antes dos laços que o amor traiçoeiramente lhe armou. Podereis sahir com vossa filha sem escandalo, e antes que a senhora rainha, que tudo parece adivinhar, tome conhecimento de vosso descredito.

—Descredito! repetira a viuva como para dentro de si mesma.

—Nunca vos fez vossa filha confissão de seus impuros amores com o sr. alvasil? Fallai lisamente, que eu estou disposta a cobrir-vos quanto possível a vergonha. Sois chegadas a hora em que os amigos desapparecem. Fallai portanto, e não desaproveiteis o soccorro que generosamente vos offereço.

A viuva, como se a si propria sobrevivesse, e á sua grandissima dôr, entrou de monologar com os olhos authomaticamente postos na dama:

—Sim... ella contou-me... Eu queria revelal-o a sua real senhoria... Não pude... Se esta côrte nunca se aquieta!... O alvasil pediu-lhe a flôr...

—A flôr? atalhou D. Theresa Pires com os olhos chammejantes d'infernal fogo.

A *mulher do milagre* proseguiu como se não ouvisse a interrogação:

—Pediu-lhe a flôr, e ella, a pobre Violante, a minha querida filha, que ainda era pura então, con-

tou-me tudo... oh! tudo. E eu podera ter sido sincera para com a nossa santa rainha... Meu Deus, perdoai-me! Não mais a quero vêr, que não terei já vida para tamanha angustia! E a senhora rainha, a nossa mãe, a nossa protectora, que me restituiu o meu pé... o meu pé que estava coberto de chagas... e m'o tornou perfeito, como se nenhuma enfermidade tivera... a nossa santa rainha ha de vêr minha filha deshonrada, perdida! Oh! vão buscar-m'a, que a quero entregar ás justiças d'el-rei, mais o sr. alvasil!...

D. Theresa Pires, a quem as vagas revelações da viuva confirmavam a suspeita dos amores da orphã com Fernão Lobeira, adiantou-se dois passos, tremula, desvairada e, quedando-se de repente, ergueu o braço vibrante contra as faces da velha e exclamou tartamuda:

—Desgraçada! Mais o sr. alvasil, dizeis impudentemente! Ousais vós, filha de mesteiral e mulher de lavrador, levantar o rosto para accusardes o sr. alvasil! Oh! que não sei que mão occulta me toma as forças, que vos não esmago debaixo das minhas plantas!

A viuva fixou os olhos torvos e raiados de sangue, caminhou ameaçadora para a dama d'honor e regougou:

—Ide buscar-m'a já, antes que a sr.ª rainha o saiba! Não vol-o disse, não vol-o ordenei? Que o não saiba a senhora rainha, sim, que o não saiba... Não ouvis passos, sr.ª D. Theresa Pires? É talvez sua real senhoria... Que venha, que venha... Poderá fazer novo milagre.... A sr.ª rainha é uma

santa... restitiu-me o meu pé... que vos fizera asco em Coimbra, e que sua real senhoria beijou... Em Coimbra, por certo vos lembrais... Oh! Coimbra! a minha terra, a minha querida terra, onde nós eramos tão felizes!... Minha filha era um anjo... Violante! Violante! pede a sua real senhoria que te ouça; ella dirá se tu és culpada ou não!... Violante! Violante!

E sahiu com impetos de louca, rouquejando desvairadamente:

—Violante! Violante!

Respondeu-lhe uma voz doce, limpida, argentina.

Era a da filha.

Ouviu-se um grito cavernoso e profundo, e após o grito o baque d'um corpo.

A *mulher do milagre*, vendo a pequena distancia a filha, cahira inteiramente exhaurida de forças contra o pavimento.

Inteiramente, dizemos, porque estava morta.

III

> Se é dura palavra um Não, mais duras são as boas palavras, que suspendem, e encobrem o mesmo Não, até que o descobre o effeito. Quem fez o Não tão breve, não quiz que se dilatasse.
>
> Padre Antonio Vieira—*Sermão da terceira quarta feira da quaresma.*

Abraçou-se freneticamente Violante ao cadaver da mãe, como se quizesse restituir-lhe a vida, mas até os milagres do amor são impossiveis perante o silencio e a frialdade da morte.

Deu rebate no paço o subito trespasse da velhinha, e, a exemplo da rainha, não se dedignaram de acudir a consolar a dôr da orphã as mais nobres senhoras de Aragão e Portugal, que rodeavam o throno de D. Diniz.

Entre as ultimas concorreu D. Theresa Pires com tão consternado semblante, que se diria profunda e sincera a sua magua.

A orphã, cega em sua innocencia e nada sabida em fingimentos do mundo, ouviu-lhe as piedosas

fallas com a mesma adoravel candura, ensombrada de doce melancolia, com que havia escutado as demais.

Por determinação da rainha, entrára á sala, em que fôra depositado o cadaver, Frei Pedro Serra, capellão que trouxera da côrte de seus pais. Ajoelhou o padre a orar recolhidamente, e a rainha, pondo os joelhos em terra, por longo espaço ciciára orações.

A orphã, escondendo o rosto nas mãos convulsas, alternava soluços com palavras. As damas da rainha ajoelharam em derredor do feretro, e resavam.

D. Theresa Pires resava tambem.

E o santo Christo, o livido Christo do Calvario, aureolado pelos reflexos tremulos dos cyrios, ouvia sereno e triste, como na montanha em que o crucificaram, o ultrage que lhe estava cuspindo na face esmaiecida aquella mulher que, horas antes, assassinára outra mulher decrepita, pobre e enferma!

O' ineffavel religião do amor, ó meiga philosophia do perdão, que recebias no teu seio os pescadores, que te apostolisavam, e as creanças, que te sorriam, só tu podias curvar-te humilde, na imagem do teu divino iniciador, ao ouvires, á mistura com os hymnos da fé, as sacrilegas palavras da mentira!

Não, tu não és só uma idéa, uma eschola ou uma seita. Os philosophos da antiguidade tinham nos labios tempestades que fulminavam. Demosthenes era terrivel de colera, quando embargava o

passo a Philippe; Diogenes pretendia esmagar a grandesa de Alexandre.

Só tu, ó dulcíssimo Jesus, não queres confundir o impio orgulho dos que te insultam, e, em vez de desencadeares sobre as cabeças desvairadas e escandecidas o raio, que aniquila, procuras alvorecer-lhes no animo, lentamente, a manhã da verdade, que tudo aclara!

Para estas infamissimas negruras, que entenebrecem a alma da mulher que assassinára outra, não desce já o relampago de justa colera, que de subito as rasgue e as desfaça. Não; para toda a noite ha aurora. A serena luz da alvorada é que hade rarefazel-as e descondensal-as, porque, se assim não fôra, a tua doutrina, ó Christo, não seria de perdão mas de castigo; não seria bonança mas tormenta; não seria paz com os homens mas guerra a elles e com elles!

Quando a rainha se levantou, curvou-se a par de Frei Pedro Serra e murmurou como se o cadaver a podesse ouvir:

—Mulher boa, que estás no seio do Senhor Deus, intercede por tua filha e por nós. Pede amor e justiça para todos.

Estas palavras, se D. Theresa Pires as comprehendesse, deviam de ser para a sua alma o primeiro diluculo da luz que desce a esclarecer os mais sombrios entendimentos, quando o crime os ensandece ou a indifferença os adormenta.

Despejou-se a sala, concluidos os actos religiosos. Apenas ficou a orphã a segredar saudades á mãe inanimada.

E um beijo teve de ser o ultimo, não porque a magua immobilisasse os labios de Violante, mas porque era chegada a hora de levantar o corpo.

Sahiu o feretro, e ficou o Christo e a orphã.

Ella ajoelhada, como se o cadaver ainda estivesse ali. O Christo abrangendo com os braços abertos o vacuo que deixára a mãe, e a solidão em que ficava a filha.

Bemaventurados os que choram!

Digam os que me lêem, e não me acreditam, se já houve maior consolação para o grande tormento do chorar!

Bemdito sejas, ó Christo, porque abençôas os que choram!

Estas palavras, que são as de todos os que soffrem, eram tambem, e com dobrada razão, a esse tempo, as da virtuosa rainha.

El-rei, cégo o espirito das nuvens do amor adultero, faltava a quantas alegrias e tristesas alvoroçavam a côrte.

Não nos admiremos portanto, de que faltasse á beira do feretro da *mulher do milagre*.

As paixões são como o tufão: arrastam. El-rei ia arrastado á voragem do esquecimento no redemoinho dos prazeres sensuaes.

A rainha não se indignava, como já dissémos; chorava.

Mas o Christo havia dito no sermão da montanha: «Bem-aventurados os que choram.»

E assim como no vapor aquoso que se agglomera na atmosphera se refrangem os raios variegados do sol, assim nas lagrimas dos que choram

tremeluzem os cambiantes da manhã rehabilitadora.

O iris da bonança fel-o Deus para as tempestades do ceu e da terra.

No anno 1290 começaram a reatar-se, lentamente, com o nascimento da infanta D. Constança, os vinculos do amor, que a loucura deslaçára, e que de novo deviam encadear el-rei á suave prisão que o matrimonio havia forjado.

Em fevereiro do anno seguinte nascia em Coimbra o principe D. Affonso.

Grande jubilo levou á côrte tão fausto acontecimento.

Revia-se o pae na bellesa do filho, que devia ser herdeiro da sua corôa, e não o cegava a alegria quando encarecia as graças da creança, porque os historiadores a descrevem tão formosa, que, recemnascida, serviu de modelo para a imagem de Jesus menino, mandada esculpturar para o altar da capella dos reis, no convento de S. Domingos de Lisboa.

Sem embargo, dissémos acima que os vinculos do amor entre o rei e a rainha começaram a reatar-se lentamente. O nascimento dos principes e o milagre do pagem, já referido, aclararam o espirito de D. Diniz, mas o certo é que, habituada a pupilla á escuridão, só pouco a pouco póde ir supportando a intensidade da luz, que requer graduada. Assim aconteceu com el-rei. E, quando as nevoas da cegueira se dissiparam inteiramente, o monarcha portuguez, aliás nobre e generoso de animo, devia de conhecer que as demasias do coração estavam sendo punidas pelo proprio coração.

Da larguesa com que repartia os seus affectos, grande magua devia provir quando teve de sahir armado a combatel-os.

Mal serenadas as discordias da Hespanha, em que D. Diniz fôra obrigado a envolver-se, ageitou-se ao infante D. Affonso, irmão do rei, ensejo favoravel de estabelecer partido em Portugal, por isso que todas as vistas da côrte estavam concentradas no ultimo acto do sangrento drama da politica hespanhola.

Era o caso que o infante se havia matrimoniado, sem dispensação de parentesco, com D. Violante, filha do infante D. Manuel, da qual houve um filho e quatro filhas.

D. Affonso, a quem seu pae fizera doação de castellos e villas, com a clausula de que não passariam a mãos de bastardos, requereu novamente dispensação de parentesco e, sendo-lhe negada, e havendo as doações de tornar á corôa, pretendeu d'el-rei lhe legitimasse os filhos para succederem na herança, sob ameaça de se acostar a Castella.

Diversamente se considerou na côrte a pretensão do infante, que pediu a intercessão da rainha.

Respondeu a rainha ao infante, que lhe queria aos filhos como a sobrinhos, que eram, mas que lhe não parecia justo alhear os bens da corôa, com prejuizo do reino, no interesse dos sobrinhos.

O rei, coração facilmente impressionavel, inclinou-se desde logo a deferir á legitimação pedida — já esquecidas, e é esta uma prova de sua branda indole, as antigas rebeldias do irmão — contemporisando com o infante.

Assim aconteceu.

Foram reconhecidos legalmente os filhos de D. Affonso.

A rainha, que oppozera repugnancia á concessão, porque mais lhe parecia amor que justiça, não contrapoz resistencia, e D. Diniz jubilou de não ter de escudar d'essa vez o coração amoravel com o broquel que lhe defendia o peito, quando houve de pelejar.

Este facto trouxemos nós á conta da larguesa dos seus affectos.

Iamos, porém, fallando dos filhos de D. Diniz, e occasião é de dizer que, em virtude do tractado de 1297 entre Portugal e Castella, se ajustaram as bodas de D. Fernando IV com a infanta D. Constança, e do principe D. Affonso, herdeiro da corôa portugueza, com a infanta hespanhola D. Beatriz.

Duarte Nunes de Leão historia em breves periodos o que ha de mais essencial nos dois casamentos:

«Como o assento das pazes foi feito, logo el-rei D. Fernando recebeu per palavras de presente a infante D. Constança, e por serem parentes, fez solenne promettimento e juramento juntamente com a rainha sua mãe, de nunca deixar a infante. Acabado isto, el-rei D. Diniz deixando sua filha em Castella, trouxe comsigo a infante D. Beatriz irmã d'el-rei D. Fernando, sendo ainda mui moça, por esposa do infante D. Affonso seu filho, que a recebeu em Coimbra. A sua nora deu el-rei D. Diniz muitas rendas e lugares com sua jurdição e casa mui honrada de pessoas de authoridade, que a serviam, como foi o

arcebispo de Braga D. Martinho, o conde D. Martim Gil de Sousa, alferes-mór e outros homens principaes do reino.»

A cavalleiresca generosidade de D. Diniz para com a nora e o filho, foi-lhe ao depois causa de grandes maguas, tantas vezes repetidas quantas foram as rebelliões do herdeiro do throno que, solteiro ou casado, se costumou a viver independentemente do pae.

«Levado por um certo gosto d'ostentação, pôz D. Diniz casa particular ao infante herdeiro apenas a creança real completou seis annos; deu-lhe depois um palacio para habitar, separando completamente a casa do principe da familia real. Privou-se assim de vigiar a educação de seu filho, e entregou-o a influencias estranhas que lhe podiam ser perniciosas. A indole do moço principe era infelizmente d'aquellas que precisam de ser constantemente domadas; e o povo, dando-lhe depois o cognome de *bravo*, não quiz só commemorar a sua valentia nos campos de batalha, mas tambem e principalmente o seu genio rude e impetuoso.» (1)

Não antecipemos, porém, os acontecimentos, e tornemos ao ponto em que estavamos fallando do casamento dos infantes, porque elle prende com a nossa narrativa.

D. Theresa Pires proseguiu no caminho da infamia, em que a paixão a lançára.

Fernão Lobeira continuava rindo da furia dos ciu-

(1) Pinheiro Chagas—*Historia de Portugal*, vol. 1.º, pag. 135.

mes que dementava a dama, encarecendo-lhe, quando ella provocava conversação, as virtudes e bellesas de quantas mulheres enxameavam na côrte, sem embargo de differença de condições.

Violante, defendida pela protecção da rainha, que a considerava pura, como em verdade era, continuou a viver no paço. Não consentiu a esposa de D. Diniz que sahisse a innocencia ultrajada e ficasse a perversidade vencedora. Esperou portanto a hora em que a justiça de Deus punisse o crime, que logo lhe foi manifesto, sem delatar publicamente que D. Theresa Pires assassinára de vergonha aquella pobre mulher que todos estimavam, e morrera com a suspeita atroz de que a filha lhe deshonrára o nome impolluto.

Nada soube a orphã.

Continuava a ser meiga e submissa.

O lucto que vestia dava á sua gentil figura um encanto dolorido, como o de uma rosa sobre um tumulo.

Entretanto D. Theresa Pires perseguia com fastidiosa insistencia o alvasil. Queria enliçal-o nas cadeias do amor, e Fernão Lobeira sempre a esquivar-se com a jocosa alegria que lhe era peculiar. Pesavam á dama as facecias do cortesão. Doía-lhe aquelle expansivo rir do moço, quando ella procurava insinuar-lhe no animo a convicção de que o idolatrava. E tanto se revolveu em leito de Procusto, e tão crueis espinhos lhe iam rasgando o coração fibra a fibra e dia a dia, que resolveu jogar o golpe decisivo, reptar o alvasil para duello de vida ou morte.

Declarou-se-lhe abertamente.

Fernão Lobeira ouviu-a com respeitosa compostura e, por não offender os brios de dama que os não tinha, respondeu com delicadas evasivas ou, como escreveu o padre Antonio Vieira, encobrindo o *não* até que o effeito o descobrisse.

Todavia, volvidos tempos, o alvasil Fernão Lobeira requeria a el-rei authorisação para desposar uma donzella do sequito da rainha, notavel por sua formosura, descendente d'um Fernão Gonçalves, cavalleiro contemporaneo de D. Affonso Henriques, em cujo reinado consta haver praticado um feito d'armas, de que não resta clara noticia.

Duarte Nunes de Leão, fallando de Fernão Gonçalves, diz que: «No anno de 1162, dia de Santo André á noite, um cavalleiro honrado por nome Fernão Gonçalves, e alguns homens piães, com grande ousadia tomaram aos mouros a cidade de Beja, sendo grande povo, e bem guardado de gente, com ardís, que tiveram. Mas o modo per que se tomou, não ficou em lembrança, para se poder escrever, como se deixaram muitas coisas notaveis, que aconteceram n'aquelles rudes tempos de homens barbaros, e de que os melhores se presavam serem descendentes de godos, gente imiga de todas boas artes, e disciplinas, e arruinadora das lettras e policia, que em Hespanha tinham implantado os romanos. Polo que não ha mais testemunho d'este feito, que duas regras em barbaro latim, que na Sé de Lisboa se lêem hoje.»

Não discutamos a selvageria dos godos, que não faz ao nosso proposito, e digamos tão sómente que

a noiva de Fernão Lobeira se nomeava Guiomar Gonçalves.

Foi ao que parece galanteio de poucos dias, e sobre breve, recatado, o que teve por desfecho o casamento.

D. Theresa Pires, já desilludida da concorrencia da orphã ao coração de Fernão, porque Violante vivia recolhida no seu lucto e na sua dôr, não suspeitava fim secreto na demora do alvasil no paço. N'aquelle tempo os nobres eram por via de regra commensaes dos principes, sem embargo das funcções que desempenhavam, e das distancias que tinham a transpor. Foi D. Duarte o rei portuguez que mais se distanciou da importuna convivencia dos aulicos, porque ordenou que os fidalgos que não tivessem cargo na côrte fossem a viver em suas terras.

Pediu o alvasil aos reis que não fizessem notoria a sua pretensão á mão de D. Guiomar Gonçalves, para que não sobreviessem impertinencias de D. Thereza Pires.

Pouco antes do casamento, foi a zelosa dama encontrar o alvasil, debruçado em balcão do paço, a confidenciar amorosamente com D. Guiomar Gonçalves.

O ciume escaldeou-lhe subitamente o sangue.

Na impossibilidade de assassinar a mulher que estava ao lado de Fernão, como assassinára a viuva do milagre, correu a denunciar á rainha a surpresa, confiada em que, sendo a rainha inimiga d'escandalos, puniria aquelle.

Muito ao invez do que esperava, responderalhe a princesa:

—Vejo que continua o vosso desatino, minha boa D. Theresa Pires! Não queiraes tolher ao alvasil Fernão Lobeira o direito de estar fazendo confidencia á sua noiva.

Respondeu e correspondeu ás ultimas palavras da rainha um som rouco e aspero, como o que havia vibrado a mãe de Violante, quando aquella mulher, que sentia o coração dilacerado de ciume, a assassinára com as armas da mentira e da infamia.

Havia soado a hora da justa punição.

Dias depois celebravam-se na côrte os desposorios de Fernão Lobeira, o alvasil, com D. Guiomar Gonçalves, a descendente do heroe da oblitterada façanha.

No numero das pessoas que concorreram á capella do paço, escusado será dizer que se não contava D. Theresa Pires.

Cumpre notar n'este lance que foi el-rei D. Diniz o primeiro dos monarchas portuguezes que instituiu capella permanente na côrte.

Não se supponha que estamos phantasiando episodios por nossa conta e risco, com sacrificio da historia e da verdade.

Não se fizeram esperar as bodas dos infantes portuguezes com os infantes de Hespanha, e D. Theresa Pires viu na ausencia a unica solução possivel da embaraçosa situação em que se encontrava.

Instou com a rainha para que lhe permittisse o encorporar-se no cortejo nupcial que devia acompanhar a noiva de Fernando IV.

Condoeu-se a rainha piedosa e consentiu-lh'o,

não sem recommendar a D. Betaça, aia a quem a infanta dilectamente queria, que tivesse dó d'aquella mulher, que provavelmente se ia finar a Hespanha.

Diz-se que, desde Trancoso a Miranda e de Miranda a Alcanhises, terra de Hespanha, onde as côrtes de Portugal e Castella se avistaram e se fizeram os desposorios dos infantes, fôra D. Theresa Pires lástima de quantos a viram e ouviram.

Devia de ir atormentada de remorsos aquella desgraçada mulher, contemplando a orphã que enluctára, e de profunda dôr ao encontrar com a vista o alvasil, que perdera, e se requebrava em blandicias para a noiva!

Ali, dados os primeiros passos na terra do voluntario exilio, certamente lhe avultaria a saudade, e talvez o desespero, as recordações de quantos pensamentos e sonhos lhe ficavam sepultos em toda a parte, especialmente em Lisboa, aquella pequena mas formosa Lisboa da idade-media, que o sr. Alexandre Herculano tão pittorescamente nos descreve.

«A idade-media, escreve o insigne historiador, essa época altamente poetica, porque tinha crenças; e profundamente symbolica, porque era poetica; havia feito de Lisboa um symbolo d'historia religiosa e politica. O municipio christão, partindo do alto alcaçar ou castello, dilatava-se até ás raizes do monte em cujo topo campeava, a cavalleiro de todos os cabeços dos arredores, a torre de menagem, guarida do alcaide-mór, (1) como represen-

(1) Desempenhou este cargo, no tempo de que nos occu-

tante do senhorio real e da aristocracia: á sombra do alcaçar e a mais de meia encosta, a cathedral alçava os seus dois campanarios altivos, quadrangulares, macissos: entre essas duas expressões materiaes da monarchia, da nobresa e da Egreja, a casa da camara—os paços plebeus do concelho proximos do campanario septemtrional da sé, chãos e humildes, representavam o povo, que em silencio se preparava para ir estendendo os braços endurecidos pelo trabalho a subjugar algum dia, á direita o alcaçar, á esquerda a egreja. Na configuração da cidade resumia-se a historia social do passado e a prophecia do futuro. Como tantas coisas da idade-media, Lisboa era um verdadeiro symbolo.»

De Fernão Lobeira refere a tradição que, depois de noivar, estabelecera residencia, e fôra feliz, n'um dos primeiros predios que se edificaram na rua Nova, hoje dos Capellistas, obra d'el-rei D. Diniz, então considerada a melhor de todas as ruas, e onde em recinto gradeado, se reuniam a tratar de seus negocios os mercadores da velha Lisboa.

O terremoto de 1755 derruiu o predio, mas o nome do alvasil não pereceu entre as ruinas da habitação que, seculos antes, ouvira os amorosos murmurios e as meigas confidencias que D. Theresa Pires devia de adivinhar em Hespanha, se era que ella lá podia escutar mais que o tremendo *Não*, que, para maior tormento, apesar de breve, se lhe dilatou por toda a vida angustiosa.

pamos, Fernão Rodrigues Bogalho. Os alvasis eram Fernão Lobeira, e Pedro Annes Gayo.

Nota do author.

Em Hespanha morreu, de feito, a desgraçada aia da rainha de Portugal, salteada de sombria tristesa e crêmos que de pavorosos remorsos.

Todavia entre as negruras que deviam fazer noite em torno do seu espirito, uma doce imagem entrevira algumas vezes, mas até essa só com o apparecer-lhe em pensamentos a castigava ao mesmo passo que lhe interrompia as cerradas intermittencias da alma:—era a de Violante.

Mais tarde saberemos pelo decurso da narrativa as rasões que justificam as conjecturas que deixamos escriptas.

IV

> Sobre estas grandes virtudes tinha o rei D. Diniz outra, por que dos seus era muito amado, que foi ser mui humano e conversavel, sem perder nada da magestade de Rei, e grande trovador, e quasi o primeiro que na lingua portuguesa sabemos escrevera versos...
>
> Duarte Nunes de Leão—*Chronica dos reis de Portugal.*

Estará completamente realisado o sonho de Violante?

Ainda não.

A nuvem negra, que de subito lhe inoitecera todas as felicidades phantasiadas no catre em que adormecera mendiga e acordára protegida da rainha santa, não póde ser unicamente a sombra da suspeita que nem siquer lhe embaciára a honra, porque o bafo empestado da calumnia só aos olhos da credula velhinha maculára a crystalina transparencia da castidade da filha.

Perdera a mãe, é certo, mas a morte, tal como lh'a descrevia a virtuosa esposa de D. Diniz, não era escuridão que envolvesse a alma, mas um arraiar de luz divina sobre as mizerias terrenas.

Morrer não era para a orphã, doutrinada pela rainha, o descer ao sepulchro; era adejar para Deus.

O pó da vida, como o pó da terra, quando revolvido pela nortada da morte, doira-se, segundo lhe diziam, de reflexos prismaticos illuminado pelo sol da eternidade, pelos cambiantes da aurora eterna que serve de pedestal a Deus.

Não podia, pois, a morte da mãe ser a nuvem negra do sonho.

Onde estavam então as sombras presagas de tempestade?

Por toda a parte a cercava a protecção da rainha.

Não era tão só que não tivesse uma corôa a defendel-a.

Para sudario das lagrimas da orphandade bastar-lhe-hia a purpura da realesa.

Para linitivo ao doer da saudade lá estava o coração da rainha, rescendente de balsamos celestiaes.

Não era, como todas as orphãs, uma flôr nascida na serra—que tudo o que ha de mais arido no mundo são as montanhas e a viuvez—exposta á furia dos ventos, baloiçada pelas borboletas e pelas gotas d'orvalho, vendo as borboletas fugir, porque a verdadeira companhia só nossa mãe a faz, e sentindo resvalar das petalas todos os diamantes da manhã, porque ao luto da orphandade não ficam bem os reverberos das joias...

Não. Ella vivia mimosa dos regalos do paço; aspirava, ainda que a distancia, as fragrancias das salas sumptuosas; e, ao contrario das tristes flores

da serra, que não teem lago onde se retratem, via-se a miude na superficie dos rios, a cujas margens passeava a côrte, e ouvia o murmurio das aguas, que lhe iam repetindo: És bella! és bella!

Onde estava então a nuvem negra?

Louca interrogação!

Quem póde dizer na madrugada formosa d'um dia de maio, quando as flores desabrocham, e as aves a saudam, e o ceu é azul, e o sorriso da aurora escarlate, e doirado o olhar do sol, e n'este conjuncto de tintas ha uma doçura ineffavel,—quem póde então dizer aos que vão passando, confiados na tranquillidade do ceu e da terra, e absortos na paisagem matutina: Cautella, caminheiros: o anoitecer ha de ser tempestuoso?

Ninguem.

Lá para o entardecer baloiça-se no ceu uma nuvem sobre o poente. Dir-se-hia um fio de cabello arrebatado pela aragem e suspenso no ar.

A pouco e pouco vae-se desdobrando o fio. Parece que a viração está desennastrando um novello. Cresce, alarga-se, augmenta-se. O que era fio de cabello momentos antes, volve-se trança. E, desfeito o veu doirado do occaso, destaca-se no ceu a cabeça negra da tempestade e, esparsa a trança, basta ella para cobrir o mundo.

As sombras da vida são como as sombras da atmosphera: d'um fio de cabello pende ás vezes uma tormenta.

O phenomeno, tantas vezes presenciado — o que faz suppor que não é phenomeno, mas lei — mais uma vez o encontrará historiado o leitor nas pagi-

nas que se seguem, porque o verdadeiro romance da orphã começa agora.

É ella, a gentil donzellinha da ribeira do Mondego, a formosa d'olhos pretos e faces rosadas, ella, violeta escondida nos jardins da côrte portugueza, é Violante, a orphã, que nós vamos associar ao reinado de D. Diniz e ás piedosas legendas da rainha santa.

Atravez da politica revolta d'aquelles tempos e dos resplendores que circumdam a fronte da princesa reverenciada no throno e no altar, queremos nós contemplar a humilde imagem da orphã, porque sob toda a vida obscura pulsa um coração, e dentro de todo o coração ha um romance.

Vamos procurar a côrte, aonde a côrte estiver, para encontrarmos a orphã.

D. Diniz, repousado breves tempos de sua constante intervenção na politica da Hespanha, estancea no castello de Leiria, da sua querida e amena Leiria, não só namorado da suavidade do valle aberto entre os rios Liz e Lena, mas até das eminencias circumjacentes, uma das quaes deve á honra de hospedar a miude o rei trovador a denominação de *Monte-real.*

Tambem aquellas paragens da antiga Callipo attraem a virtuosa rainha, porque melhor a alma se confia a si mesma quanto mais fóra do mundo está, e porque, amantissima do marido, venera no antigo castello a gloria da cruz que lá hastearam as hostes de Affonso Henriques e Sancho I, seus antecessores.

Foi D. Sancho o ultimo rei portuguez que re-

tomou aos moiros o castello de Leiria, e elle mesmo, orgulhoso do triumpho, lhe deu foral em 13 d'abril de 1195.

D. Diniz fez á rainha doação do senhorio de Leiria no anno 1300. Ali, pois, encontraremos D. Diniz embriagado nas seducções da naturesa que o fascinam. Ali quizera elle trovar, feriado de maiores canceiras, se o peso da corôa lhe não relembrasse os seus deveres de imperante. Ali o rodeam os seus jograes, e ali reveste a sua côrte o caracter verdadeiramente cavalleiresco do seu reinado.

Mais talvez poeta por educação, que poeta por vocação, foi todavia el-rei D. Diniz o verdadeiro typo do trovador d'aquellas idades, quer o estudemos nos seus cantares, quer nas suas aventuras amorosas.

Creado em França, onde seu pae, então conde de Bolonha, longo tempo residira, entregue, desde tenros annos, aos cuidados do erudito Aymerico d'Ebrard, respirara, despidas as faixas infantís, a atmosphera das letras, que maior lustre dão á nobresa dos principes, e que são nobresa de quem a não tem. Tornado a Portugal, encontrou a lingua portugueza no laborioso periodo da sua emancipação, e, habituado a estimar as letras, procurou e conseguiu nobilital-as na terra que lhe era base do throno. O seu casamento com a princesa D. Isabel fel-o representar um papel importante na politica da côrte d'Aragão, que dominava em Provença, a patria dos trovadores.

Subito desperta na alma do rei o sentimento da poesia, e afasta gentilmente o seu manto de crusa-

do para tanger o alaude dos provençaes, como elle proprio o diz:

> Quer'eu em maneyra de Proençal,
> Fazer agora um cantar de amor.

O amor! Nada falta pois na côrte cavalleirosa do rei trovador: ha amor e poesia.

Para os que vêem nas trovas de D. Diniz a maior condemnação do seu caracter, devem ser attenuantes estas palavras de Caetano Lopes de Moura: «Sempre em seu principio toda a poesia foi amorosa; o amor era pois tudo para a maior parte dos trovadores, e o monarcha portuguez teve de amoldar-se ao gosto do seu seculo...» (1)

Poetando o vamos encontrar no castello de Leiria, se bem que o trovar lhe não concentre habitualmente todos os cuidados que a realesa impõe.

Rodeiam-n'o Ayres Nunes, o clerigo, Estevam da Guarda, seu privado e ao depois seu testamenteiro, e o velho João Lobeira, (2) e outros, e muitos, todos nobres e trovadores.

(1) Cancioneiro d'el-rei D. Diniz. Pag. XIX.

(2) Pelo que se vê do tomo 6.º da *Monarchia lusitana*, pag. 139 e seguintes, João Lobeira *presumia ser natural de Galisa, aonde esta familia dos Lobeiras é conhecida, derivado o appellido do Castello e terra de Lobeira*, vizinho da Cidade de Orense. N'um velho manuscripto da bibliotheca publica de Lisboa, acha-se que «os Lobeiras *são galegos antiquissimos e procedem de Rodrigo Sanches de Lobeira, primeiro bispo de Compostella. (Thesouro da nobresa das familias gentilicas do reyno de Portugal*, desenhado e illuminado por Luiz Antonio Xavier, etc.) Diz porém Brandão que João Lo-

Entra o luar pelas janellas do castello, e recortam-se no horisonte luminoso as eminencias alpestres. Dir-se-hia que a Provença se havia transportado a Portugal. Instam com o rei os trovadores para que diga alguns de seus cantares, e o rei, certamente influenciado pela magia da noite, recita uma trova:

Pero eu dizer quyzesse,
Creo que non saberia

beira era portuguez, filho de Pedro Soares d'Alvim, e dá-o como filho natural e legitimado por D. Affonso III. Encontramos noticia da legitimação no indice manuscripto dos documentos archivados na Torre do Tombo, e existente na B. de Lisboa, parte 2.ª, pag. 451. Brandão pensa que o appellido lhe viria da mãe, porventura parenta do bispo D. Ayres, e que João Lobeira tinha grande logar na côrte em rasão do valimento de seu tio D. Mem, que fôra valido de D. Affonso III. D'este João Lobeira faz Brandão descender todos os que ha em Portugal, conjecturando, como vimos, que a mãe fosse dos Lobeiras de Gallisa. Tambem lhes dá origem hespanhola o author d'outro manuscripto *(Triunfos de la nobleza lusitana y origen de sus blazones* por Antonio Soares d'Albergaria) que suppõe descenderem os Lobeiras da rainha Loba. Da legitima mulher de Pedro Soares achamos menção nas *Familias de Portugal tiradas dos melhores nobiliarios etc.*, por Jacinto Leitão Manso de Lima, tomo 3.º. pag. 145, manuscr. Ahi vimos que Pedro Soares d'Alvim, senhor de Pousada, pae de João Lobeira, casára com D. Maria Esteves, filha de Estevão Mello, de Lavandeira, e de D. Mayor Lourenço da Cunha, neta paterna de Martim Pires, senhor da quinta da Lavandeira na terra de Santa Maria, junto á Feira, etc. Da mulher que foi mãe de João Lobeira, e se suppõe hespanhola, não achamos noticia. Seja qual fôr a origem dos Lobeiras, parece poder conjecturar-se que o alvasil Fernão Lobeira, que figura nos primeiros capitulos d'esta narrativa, era filho, talvez natural, do trovador João Lobeira.

Dizer, nen er poderia;
Per poder que eu ouvesse,
A coyta que o coytado
Sofre que é namorado
Nen er sey quen m'o creesse,
Senon aquel a quen desse
Amor coyta todavia
Qual a mi dá noyte e dia:
Este cuydo que tivesse
Que dig' eu muyt'aguysado,
Ca outr' omem non é nado
Que esto creer podesse.
E poren quen ben soubesse
Esta coyta ben diria,
E sol non duvydaria...
Que coyta que deos fezesse,
Nen outro mal afficado
Non fez tal, nen é pensado
D'omem que lhi por posesse.

Foi a trova d'el-rei acolhida com applausos, que a lisonja cortesã encarecia. D. Diniz sentia-se verdadeiramente orgulhoso no meio dos trovadores que lhe faziam circulo, e, como o cambiar delicadesas sempre foi da côrte, voltou-se para Ayres Nunes e disse:

—Trovae agora vós uma serranilha, que não ha quem em serranilhas vos exceda.

Ayres Nunes inclinou-se e obedeceu:

O'y oj' eu hua pastor cantar;
Eu cavalgava per hua ribeyra,
E a pastor estava senlheira:
E ascondi-me pola ascuitar;
E dizia mui ben este cantar:

«Sob' o ramo verde froledo,
Vodas fazem a meu amigo
Choram olhos d'amor!»

E a pastor parecia mui ben
E chorava, e estava cantando:
E eu, mui passo, fui me achegando
Pola oyr, e sol nam falei nem;
E dizia este cantar mui bem:

«Ay estorninho do avelanal!
Quando contades vós, moir' eu;
E pen', e d'amores ei mal.»

E eu oy-a suspirar enton,
E queixar-se estando com amores:
E fazia guirlanda de flores,
Des y chorava, mui de coraçon;
E dizia este cantar enton:

«Que coyta ei tan grande de soffrer!
Amor amigu', e non ousar ver,
E pousarei sob o avelanal.»

Pois que a guirlanda fez a pastor,
Foi-se cantando, indo-s'en manselinho;
E irei m'eu logo a meu caminho,
Ca de a nojar non ouve sabor;
E dezia este cantar ben a pastor:

«Pela ribeira do rio cantando
Ia la sigue d'amor, quen amores,
Á, como d'osmas ai nela frol.»

Estava-se em pleno sarau poetico. Parecia que o luar, á competencia com a poesia, queria invadir o

amplo recinto occupado pelos trovadores. El-rei esquecera-se por momentos das canceiras governativas que em toda a parte o salteavam, mormente em Leiria, onde emprehendera fazer, a pequena distancia da villa, e junto da embocadura dos rios Liz e Lena, o principal porto da sua esquadra, (1) e onde, para obstar á invasão das areias, cuidava em semear o famoso pinhal a que o seu nome estará eternamente vinculado. (2)

Havia fallecido o almirante-mor de Portugal, Nuno Fernandes Cogominho, e el-rei, fascinado pelo que da grandesa maritima das republicas italianas se apregoava, ordenára que alguns portuguezes de sua côrte, então reunidos em Avinhão, onde assentava a Santa Sé, fossem a Genova escolher nautico digno de tomar o commando da esquadra portugueza e de succeder a Cogominho, homem experimentado, do qual Duarte Nunes de Leão conta uma das suas pelejas com os castelhanos na chronica d'el-rei D. Diniz.

Foram os fidalgos a desempenhar-se da missão que lhes havia sido incumbida; e trouxeram a Portugal Manuel Pezagno, de nobre nascimento, e muita sciencia maritima, com o qual vieram vinte peritos genovezes, desde logo agraciados com o posto e soldo de «alcaides das galés.»

(1) «Esse porto entulharam-n'o as areias, e hoje ninguem dirá que pôde alguem pensar em fazer d'ali um surgidouro mesmo para os pequenos navios da idade-media.» Pinheiro Chagas—*Historia de Portug.* 1.º vol. pag. 149.

(2) «... diz-se que mandou vir penisco de França, tal era a attenção que prestava ás minimas coisas.» Idem—*Idem.*

Este almirante Pezagno, corrompido pelo tempo o nome, foi em Portugal o tronco da familia dos Pessanhas, que perpetuou a gloria da sua origem tornando-se celebre na historia das nossas grandes navegações.

Um dos genovezes companheiros de Pezagno era um rapaz gentil, esbelto de fórmas, rude como todos os marinheiros, e incredulo como muitos d'elles.

A religião de mestre Carlo, alcaide de galé, era o mar. O grande Espirito creador revestia para elle as multiplices fórmas do oceano. A bonança era a paz do mysterioso Espirito das aguas com os homens; a tempestade a punição d'algum aggravo recebido. A suprema potencia do universo era, para elle, unicamente aquella. A verdadeira força reverenciava-a no braço occulto que levantava os escarceus, e encapellava as ondas, e rasgava abysmos, e a verdadeira bondade adorava-a na mão invisivel quando, compadecida dos homens, se espalmava sobre as aguas e as aquietava como por encantamento.

O vento, o raio, o trovão, a chuva, a luz eram na religião de mestre Carlo forças subalternas da divindade Oceano.

Quando o velho Espirito do mar se cançava da sua complacencia para com os homens, bastava-lhe revolver-se no seu gigantesco leito para que rolasse sobre o mundo a grande roda do vento, e descessem do ceu as fitas vermelhas do raio, e rebentasse o estrondo do trovão, e ar e luz e agua se confundissem e baralhassem e chocassem no redemoinhar tenebroso do cahos.

Por isso quando, baloiçada a galé sobre o dorso dos vagalhões, entrevia a morte na cerração da tormenta, dobrava o joelho, e descobria-se, e concentrava-se em profunda adoração ao mar.

Outra religião não a tinha nem a queria.

Fallaram-lhe, mal que chegou a Portugal, dos milagres da rainha santa.

Riu incredulamente.

Para elle os unicos milagres conhecidos e reconhecidos eram os phenomenos do oceano, a subita transição da tempestade á calmaria, as monções, os meteoros, as maravilhas do mysterio santo depositado no seio das aguas.

Uma das primeiras mulheres portuguezas que elle viu e ouviu, quando, com o almirante-mór, entrara ao paço d'el-rei D. Diniz, foi Violante, a meiga e gentil orphã, e emquanto o almirante se demorára ratificando na presença da côrte o tratado estabelecido, cujas condições o leitor póde ver em alguma das muitas chronicas do tempo, mestre Carlo aproximou-se rudemente das serviçaes, que sahiram a vêr os genovezes, e dirigiu a palavra a Violante, que se tornou purpurina como romã e tremula como a mais flexivel haste d'um canavial.

Mestre Carlo ficou enfeitiçado da melopea que suspirava nos labios de Violante, e do carmim das rosas que subitamente desabrochavam, nas faces da orphã, sobre o setim da cutis.

Em Piza e Genova, as duas cidades rivaes que se disputavam o sceptro da realesa do Mediterraneo, vira elle formosas mulheres cuja bellesa pare-

cia ainda mais um motivo de rivalidade para as duas cidades inimigas.

Violante sentiu-se constrangida e ao mesmo passo perturbada na presença de mestre Carlo. Não podia explicar a si mesma a commoção porque estava passando. Queria soltar-se d'aquelle enleio, e não teve forças para rompel-o. Ouviu, córando sempre. E quando o genovez se riu de ella ter dito a *santa rainha*, ao fallar da esposa d'el-rei, sentiu no coração a dôr agudissima d'uma espada que lh'o estivesse trespassando, e toldou-se-lhe a vista, e parecia fugir-lhe o solo sob os pés, mas não pôde afastar-se porque lhe fugira a luz dos olhos e do entendimento.

Quando o almirante Pezagno sahiu e os alcaides de galé o acompanharam, Violante quiz desviar do genovez o pensamento, e não pôde.

Admirou-se de si mesma, e da sua cobardia.

Elle pozera em duvida quantos prodigios a virtude da rainha operava, um dos quaes a orphã vira com os seus proprios olhos realisado em sua mãe; vira-o sorrir-se como quem não só duvida mas até está mofando, e a rainha era a sua protectora, a sua mãe, o seu amparo, o seu guia, o seu anjo da guarda,—e Violante queria esquecer o genovez, e sempre a memoria a trazer-lh'o ao pensamento, e o pensamento a avivar-lh'o ao coração!

Teve receio de enlouquecer, a orphã!

Quizera confessar á rainha o seu enleio, mas ousaria dizer-lhe que em terras de Portugal havia um homem que zombava dos seus merecimentos, por todos respeitados e admirados?

Não podia ser.

Se sua mãe vivesse ainda, contar-lhe-hia o que se passára, e ouviria o seu conselho, e fortalecer-se-hia com a sua palavra.

Mas já não tinha mãe.

Lembrou-se subitamente do sonho de Coimbra, e a lembrança da nuvem negra mais a fizera tremer e receiar.

Restava-lhe só uma protecção: era a de Deus.

Para essa se voltou, como se volta para o unico tronco que a póde defender a fragil planta que verga ao peso dos seus muitos espinhos e das suas poucas flores.

Desde então mais se afervorou na oração.

Nas suas supplicas, apesar de ser ella a mais carecida de valimento, entrava sempre mestre Carlo, porque elle não cria, e ella o reputava fóra do grémio dos que são dignos do amor de Deus, porque o amam.

Todas as noites, fosse qual fosse o sitio em que estivesse a côrte, eram chamadas a resar em côro com a rainha as damas, aias e serviçaes do paço.

N'essa noite, e no castello de Leiria, no momento em que Ayres Nunes recitava os ultimos versos da trova:

«Pela ribeira do rio cantando
Ia la sigue d'amor, quen amores,
A', como d'osmas ai nela frol.»

ouviu-se de repente o cantico melodioso e suavissimo em que a oração da noite se levantava até Deus, e quem, como os trovadores da côrte, estava

habituado a distinguir as vozes, facilmente conheceria duas, as mais ungidas, as mais afinadas, as mais vibrantes de todas: a da rainha e da orphã.

Ergueram-se, a exemplo do rei, os trovadores que o rodeiavam, e permaneceram inclinados emquanto as ondulações do cantico entraram na sala á mistura com as vagas do luar.

Uma ultima nota, limpida, crystallina, angelica, rematára o concerto ineffavel.

A voz da rainha descia n'aquelle momento do ceu aonde subira.

V

Que contos poderemos ter melhores
Para passar o tempo, que de amores?
Camões—*Lusiadas*—C. VI.

Mestre Carlo ficára enamorado.

A sua rudesa de marinheiro foi quebrantada pela brandura dos affectos, que logram amenisar as mais rijas temperas, desde o dia em que pela primeira vez entrára ao paço do rei de Portugal.

Violante, ora abraçando-se á Cruz, que tinha por defesa e protecção, n'aquella nova conjunctura em que se encontrava e em que não podia consultar a rainha,—ora ouvindo, timida e enleiada, a voz do coração, que se alvoroçava em jubilos desconhecidos, pensava no genovez, por mais que tentasse afastal-o do pensamento inquieto.

Mestre Carlo não conseguiu dominar-se a ponto de não procurar fazer-se encontrado com a orphã. Seria caso para reparo que elle lhe fallasse, quasi á porta do castello, se n'aquelle tempo as pittorescas

narrativas dos genovezes, que se faziam cargo de contar assombros e proezas do mar, não prendessem especialmente a crédula attenção das serviçaes da côrte.

Tornou-se costume em Leiria juntarem-se os genovezes com as donzellas do sequito real, n'uma chan sotoposta ao castello, e por elle dominada, ao pôr do sol, e travarem conversação emquanto as primeiras sombras da noite não chamavam as donzellas á capella, onde a rainha, depois de se haver debruçado pensativa a qualquer das janellas do alcaçar, as estava esperando para os exercicios religiosos.

Estes *rendez-vous* crepusculares, motivados pela chegada dos vinte genovezes da esquadra portugueza, são, para assim dizer, mais uma feição cavalleiresca da côrte de D. Diniz, que tem todo o caracter galante da idade media, côrte de trovadores provençaes e escudeiros namorados,—verdadeira côrte d'amor, no meio da qual se ergue, formosa e humilde, a imagem da rainha santa, como um symbolo do christianismo, pharol acceso para salvar do abysmo os naufragos do amor.

Esta parece haver sido, em verdade, a missão sacrosanta que a Providencia destinára á esposa de D. Diniz.

No seu coração poz Deus auroras celestiaes para descondensar quantos desvarios podessem inoitecer o espirito atordoado pela embriaguez da poesia.

A ella cabe o velar por todos, o rasgar as sombras oppressoras do entendimento, o illuminar os caminhos emmaranhados de florestas tenebrosas.

Venha ainda um facto comprovativo.

Andava d'amores el-rei com uma camponeza dos arredores de Leiria, e tão enamorado d'ella, que só por ella trovava.

Todas as noites, a deshoras, sahia o real trovador por um corredor escuso do paço, descia cautelosamente a escada e, atravessando as sombras dos campos interpostos ao castello e á cabana, só recolhia ao castello quando a luz da manhã o avisava na cabana.

Quiz a rainha dissipar a loucura do principe, sem amargurar-lhe o coração nem offender-lhe o animo. Ordenou certa noite que todos os serviçaes do paço se postassem com tochas accesas, em duas extensas filas, ao longo do corredor escuso.

Ia o rei a sahir, mysterioso como namorado que era, e de subito, e quando já seria desaire retroceder, ficou tomado de profunda surpresa quando os reflexos das luzes lhe bateram nos olhos.

Indignado, perguntou a um e a todos os serviçaes quem lhes déra tão ousada ordem.

A rainha, anciosa do desenlace da surpresa, sahiu então a dizer brandamente ao principe:

—Andaes, senhor, tão cego, que não tive por inutil allumiar-vos o caminho!

Commoveu-se el-rei de tamanha doçura no reprehender, e prometteu emendar-se.

Diz a tradição que a promessa foi cumprida; sem embargo, a aldêa da camponeza ficou-se chamando *Aldêa d'amor*.

Era, pois, a rainha a arvore protectora a cuja sombra se acolhiam todos os indefesos corações do paço.

Quando as donzellas sahiam ao entardecer a conversar os genovezes, nas vizinhanças do castello, um olhar maternal, apesar de parecer distrahido, as acompanhava e envolvia:—era o da rainha.

Á noite reunia-as a princesa na capella do castello, para que a efficacia das orações supprisse o que não alcançava a carinhosa vigilancia com que a todas seguia.

E rasão de sobra tinha a rainha, porque no coração de muitas das donzellas do paço se debatiam sentimentos perigosos por encontrados.

Violante, como já sabemos, ficára captiva d'amor, se bem que ella não podesse definir a si mesma a naturesa d'aquella prolongada commoção, que a enleiava desde que pela primeira vez lhe fallára mestre Carlo.

A contar d'esse dia foram mais fervorosas as suas orações, mas tambem mais inquietos os seus sonhos.

Sonhando, entrevia d'um lado a rainha, chamando-a a si, do outro o genovez cujo olhar a fascinava, e, entre estes dois personagens das suas visões nocturnas, conhecia ella um doloroso antagonismo, uma dualidade contradictoria, porque a rainha lhe fallava em Deus, e o genovez não respeitava Deus nem a rainha.

Como quasi sempre acontece, os sonhos eram para Violante a continuação dos ultimos pensamentos do dia.

D'uma vez, em que mais agitada ella passára a noite, havia contado a mestre Carlo a singela historia de sua vida.

—Que pobresa não era a nossa em Coimbra! Como eu soffria de vêr soffrer minha mãe, quando pela manhã me via sahir para esmolar, e tinha de me deixar sózinha, porque o cancro, cada vez mais voraz, lhe tolhia o andar! Quando eu recolhia á noite, ainda a grande distancia de casa me começava a bater descompassadamente o coração... Se eu ia vêr minha mãe! Como eu a beijava! Como a abraçava! Oh! que nem siquer podeis imaginar, senhor mestre Carlo! Doce coisa é ter mãe! Todas as esmolas lhe depositava no regaço; era tudo d'ella. Eu comia qualquer fructo que me davam, dessedentava-me em qualquer fonte do caminho, e de mais não precisava. Assim era o nosso viver. Uma tarde, quando suas reaes senhorias estavam em Coimbra, vi a senhora rainha na ribeira do Mondego, e a senhora rainha fallara-me com tanta doçura, que logo me quiz parecer que era anjo. Depois esmolou-me e disse-me que fosse na paz de Deus. Ao outro dia, quando eu tinha entre flores este firmal, que era de minha mãe, e que ella muito estimava, porque meu pai lh'o dera, senti vozes que se aproximavam. Fui vêr quem era, e logo conheci a senhora rainha! Até me fugiu a falla, sr. arraes! Sua real senhoria em nossa casa! Eu delirava de contentamento! E logo a senhora rainha nos tomou á sua conta, a mim e a minha mãe. Ah! que era milagre tudo o que se passou!...

Mestre Carlo fez um rapido gesto negativo, e tão rapido, que se diria involuntario.

Violante proseguiu despercebida:

—Eu havia sonhado, na noite em que recolhi

com a esmola de sua real senhoria, que minha mãe e eu subito nos viamos cobertas de felicidades! Que doçura a d'aquelle sonho, sr. mestre Carlo! Imaginai vós o ceu...

Mestre Carlo, mal reprimida a sua loquacidade d'homem do mar, atalhou:

—Não me digaes vós que imagine o ceu, sr.ª Violante, porque o estou vendo agora em vossos olhos, e ouvindo em vossas fallas. Se vos ouvisse no mar, que é a minha patria, cuidaria ser musica de sereia, que nos viesse seguindo a galé...

—De sereia! exclamou Violante. Eu já ouvi contar no paço a historia d'uma sereia, que vivia no mar, e era muito formosa. Vós, sr. mestre Carlo, podereis em verdade dizer-me se no mar ha sereias...

—No mar ha mysterios, sr.ª Violante, maravilhas occultas que nem vós podeis imaginar! Quem podesse levantar d'uma só vez todas as aguas que enchem o mundo, veria certamente as maiores riquezas da terra, os palacios deslumbrantes das sereias, os cofres dos seus collares, que ellas cantando desfazem distraidas. Feliz de quem depois encontra as perolas que ellas semeam pelo mar! Ah! sr.ª Violante, quem podesse vêr o fundo das aguas! Milagre é esse que a vossa sr.ª rainha, que de santa tem fama por todas as côrtes da Europa — disse com sorriso d'incredulidade—não conseguirá fazer! Se eu vos podesse levar na minha galé, sr.ª Violante, e vós visseis o mar, grande e bonito como é, e as ondas que se aquietam e irritam por encantamento, e o luar e o sol tão differentes d'este

luar e d'este sol que vós aqui tendes, não haveria forças que vos tirassem para terra e melhor comprehenderieis então a historia da sereia, que vos contaram!

Violante escutava embevecida o extranho fallar d'aquelle homem, mesclado de palavras portuguezas e italianas, e como que tambem se sentia arrebatada do enthusiasmo que o inflammava a elle.

—Fallastes, sr. arraes, exclamou Violante, do cantar das sereias, e, em que vos pése, a historia que eu sei, pela ter ouvido contar, diz que era muda a sereia.

Sorriu incredulamente mestre Carlo e replicou com vivacidade:

—Contai pois a historia, sr.ª Violante, não porque em terra se saiba o que se passa no mar, mas porque me dá gosto o ouvir-vol-a.

—Heis de ouvir fallar, quando melhor conhecerdes a côrte, do sr. trovador Pero Marinho. Era caçador e monteiro seu avô, nomeado D. Froyam. Certa tarde cavalgava o cavalleiro pela riba do mar, e viu adormecida na ribeira uma mulher marinha, tão formosa, que se lhe ficaram os olhos n'ella. Logo ordenou a seus escudeiros que a despertassem e detivessem, e ella, que entrementes acordou, quiz fugir para o mar, e já não pôde, porque se viu enleiada. Transportou-a para sua casa, com a ajuda dos escudeiros, o caçador D. Froyam, e de bonita que era a tomou por esposa, com grande magua de que não fallasse. E, esforçando-se por arrancar-lhe a voz, mandou accender uma grande fogueira, e fez que queria lançar ás chammas um

filho, e a sereia, tanto que isto viu, e com o amor de mãe e a magua de perder o filho, entrou de bradar que lh'o não matassem, que a matavam a ella. Não diz mais a historia que eu sei, e ouvi contar a um escudeiro, que priva com o sr. Pero Marinho. Dizei vós agora, sr. arraes, o que se vos offerecer.

—Digo que essa historia me parece uma trova inventada pelo sr. Pero Marinho. Nada sabeis do mar, sr.ª Violante, e menos sabeis ainda porque vos enganam os que vos contam historias de sereias. Quer-me parecer que são tão verdadeiros os milagres attribuidos á senhora rainha, como as historias attribuidas ás sereias!...

Isto disse o genovez baixando a voz e sorrindo maliciosamente.

—Não digaes isso, sr. mestre Carlo!—replicou com extranha affoutesa Violante—Sua real senhoria é uma santa, como sua tia, que tambem foi rainha e santa! Sim... cuido eu que vos estava contando o meu sonho de Coimbra... Sonhei que eu e minha mãe haviamos de ser muito felizes, e fomos,—tão felizes que a senhora rainha, lavando-lhe o pé, lh'o tornou são como era antes do cancro! Já vistes maior milagre, sr. arraes?

—Nem maiores nem menores os hei visto, sr.ª Violante! Vossa mãe sarou, porque o mal tinha cura, e a cura se fez por si mesma. Quantas vezes não acontecem casos d'esses no mar! Ha tempestade, e é preciso manobrar com rapidez. Acontece abrir-se um golpe na mão. O ar do mar aggrava-o, a agua reverdece-o e anda muitos mezes aberto.

De repente, sára. Havieis de dizer se lá andasseis, sr.ª Violante, que tinha havido milagre! Sim, milagre, mas do mar, que eu nos milagres do mar acredito, sr.ª Violante, e nos milagres do amor tambem...

Violante ouvia convulsa, anciada, oppressa.

Estava-lhe sendo horrivel a fascinação d'aquelle homem, que tão ousadamente descria dos milagres realisados pela rainha, e que de toda a gente eram sabidos. Todavia elle havia-lhe fallado como ninguem lhe fallára ainda.

Milagres do amor, dissera elle.

Pela primeira vez ouvira ella pronunciar essa palavra dulcissima, ao mesmo passo aturdida d'ouvil-a e receiosa de comprehendel-a.

Oh! que se tivesse viva sua mãe, como lhe segredaria baixinho, muito baixinho, que aquelle homem, desconhecido porque era extrangeiro, lhe não puzera tanto medo como o sr. alvasil quando lhe pedira a flôr que ella havia colhido! E como lhe diria tambem, balbuciante, timida, medrosa d'ouvir-se a si mesma,—que mestre Carlo, que logo no primeiro dia parecera rir incredulo dos milagres da rainha, agora lhe deixava perceber claramente que os não acreditava!

Mas Violante perdera sua mãe, e a saudade não póde galvanisar cadaveres, porque não a inventaram os homens: nasceu divina.

Quedou-se Violante com os olhos postos em terra e silenciosa:

—Já vos molesta a minha presença, sr.ª Violante?—interrogou mestre Carlo.—Acaso estareis

cuidadosa d'outros pensamentos? Não será desacerto perguntar-vos em que meditaveis?

—Na sr.ª rainha, respondeu Violante, que se sentia carecida de repouso. Talvez que sua real senhoria haja carecido dos meus serviços...

Violante, procurando um pretexto para ausentar-se, não mentia. Havia, antes de baixar os olhos, e emquanto mestre Carlo fallava, relanceado a vista a uma das janellas do castello, e descoberto a rainha na sua posição habitual.

Subito sentiu no coração uma punhalada, como a que uma leve sombra de remorso deve vibrar ás almas immaculadas.

Violante como que sentiu remorsos de estar ouvindo mestre Carlo, o descrido marinheiro, ali, ao alcance da vista da rainha, que ella enxergára como a estrella da manhã, que norteia o viajor transviado, e que ella adorava como se aquella janella lhe fosse altar, e o castello templo, e o perfume das flores incenso, e os ultimos raios do sol aureola...

Mestre Carlo, de improviso agitado pelos despeitos de todo o homem que principia a amar, replicou com azedume, que a sua rudesa de marinheiro augmentára:

—Reparae melhor, sr.ª Violante, e vereis a sr.ª rainha debruçada ao balcão do castello. Certo é pois que vos achaes molestada de minha presença, e sinceramente vos digo, senhora, que me pesa o vosso desdem. Desde que pela primeira vez vos avistei no castello dos srs. reis, fiquei rendido de ver-vos. Pois que me quereis afastar, ouvide a

verdade toda, como a sabe dizer um marinheiro. Sou filho do mar, já vol-o disse, e só no mar, e na minha galé, tenho posto os cuidados de minha alma. As ondas são para mim como as salas da côrte para os senhores reis: a minha casa. Não, engano-vos, sr.ª Violante, a minha casa é a minha galé, mas eu amo as ondas, porque ellas me teem respeitado a galé. Pois bem, sr.ª Violante, desde o primeiro dia que vos vi, o vosso pensamento foi o meu maior cuidado. Não desdenheis ouvir-me até ao fim. Ordenai sacrificios, e eu obedecerei. Podemos soccorrer-nos mutuamente. Sois orphã; eu sou quazi orphão tambem. Sou filho do mar, como sabeis, e o mar representa a liberdade,, porque rompe todas as fragas e acolhe todos os forasteiros. No mar não ha patria, sr.ª Violante: lá se nasce, e vive, e morre. Quem nasce no mar alto, que patria tem? Meu pae era genovez, minha mãe tambem, mas eu nasci no mar. Baptisou-me uma onda. Tive por berço a galé que meu pae me deixou. Vêde que grande berço, sr.ª Violante! Quem dorme o primeiro somno no reino da liberdade, não póde viver escravo. Assim é! repetiria a minha equipagem, se me ouvisse agora, e que, como homens livres que são, escolheram á vontade, e a convite de meu pae, o nome que me pozeram: Carlo! Pois assim é, ou antes, assim devia ser, mas a verdade é que eu estou escravisado por vós, sr.ª Violante, e que o meu amor me parece mais temeroso do que a tempestade, do que todas as iras do Espirito das aguas. Quereis um sacrificio? Dizei qual ha de ser. Bem sabeis como eu amo a mi-

nha galé, o meu berço, a minha casa, talvez a minha sepultura. Tendes acaso ciumes da minha galé? Não vacillarei um momento. Chegarei ao alto mar, sósinho dentro d'ella, abril-a-hei a golpes de machado, darei tempo a que se subverta, e quando da minha galé só restar um redemoinho d'espuma, que lhe será epitaphio, nadando cortarei as ondas, caminho da praia, para merecer o vosso amor, de que pareceis julgar-me indigno...

Violante estava divinisada pela commoção. Nem o maior pintor do mundo, que tentasse conglobar n'uma só pessoa todos os sentimentos do coração humano, conseguiria dar á sua imagem a multiplice expressão, digamos assim, da phisionomia de Violante.

O amor, a alegria, a magua, o remorso, a resolução, a incertesa, a saudade, a esperança—todas essas encontradas correntes, que agitam o mysterioso mar da alma, referviam doidejantes como que revolvidas pela ardente eloquencia de mestre Carlo.

Violante não pôde responder.

O genovez, dementado pelo desespero, proseguiu:

—E não respondeis, sr.ª Violante! E tendes coração que emmudeça tão de gelo e tão sem vida! Infeliz de mim, senhora, que vim acabar meus dias em Portugal, longe da Italia que é patria de meus paes! Se ao menos o sr. rei precisasse de nos enviar ámanhã a essa inquieta Hespanha, morreria de magua dentro da minha galé, ao pé da minha equipagem, e seriam elles os primeiros a sepultar-me nas aguas! Triste me é morrer em Portugal, sr.ª

Violante, desdenhado por vós, que estaes procurando pretextos para vos esquivardes, e talvez para sempre. Dizei que é desatino meu, sr.ª Violante, que o amor me enlouquece, e que vós, tão formosa e gentil como sois, não tereis coração tão duro que não procureis tornar-vos a avistar commigo!... Dizei-me, sr.ª Violante, que não ides molestada de quanto me ouvistes, e que ámanhã voltareis aqui, como é vosso costume, e das demais donzellas do paço!...

Violante, sem levantar os olhos, e abalada de violenta commoção, murmurou quasi inintelligivelmente:

—Voltarei.

E, pondo o olhar na janella onde estava ainda a rainha, afastou-se, caminho do castello, sem embargo de que as restantes serviçaes se ficassem por mais algum tempo ouvindo os genovezes, e charlando com elles alegremente.

Entrou no seu aposento, e o mesmo foi ajoelhar-se e cobrirem-se-lhe de lagrimas as faces empallidecidas.

Era que a rainha, quando ella passava debaixo da janella, lhe havia sorrido angelicamente.

Violante desatou o firmal, que trazia pendente, e osculando-o, e orvalhando-o com as lagrimas que lhe emperlavam os olhos, disse curvada sobre elle:

—Pela memoria de minha mãe, juro esforçar-me, quanto em minhas forças couber, para obter a conversão de mestre Carlo. Se, porém, fôr tamanha a sua cegueira, que lhe não deixe vêr a luz da ver-

dade, juro que procurarei esquivar-me ao amor do homem, que o não tem para Deus.

Ergueu-se e encaminhou-se para a capella, onde esperou a hora das orações nocturnas.

Não obstante o seu empenho em adormecer tranquilla, foram inquietos e tormentosos os sonhos d'essa noite, como já dissémos.

Nem dormindo, se esquecera o coração de que tinha soado a hora da lucta.

D'um lado estava a promessa feita a mestre Carlo; do outro o juramento proferido sobre o firmal.

E no meio d'estes extremos oppostos... a orphã.

VI

> Não havia o povo de julgar santa quem taes milagres fazia?
>
> Pinheiro Chagas — *Historia de Portugal.*

Não cria mestre Carlo nos milagres da rainha, e todavia tantos são elles, e tão surprehendentes alguns, se não todos, que quasi não ha chronista e historiador que atravesse o reinado de D. Diniz sem referil-os e encarecel-os.

Nós, havendo feito já menção dos que prendiam com o principio da nossa narrativa, vamos grupar n'este capitulo os mais assignalados, para que nos fique menos estreita a medida a que tem de circumscrever-se a historia dos amores de Violante.

Iremos enumerando-os, assim como nos occorrerem, reservando, porêm, para menção especial o milagre da paz que serenou, ao cabo de tristes contendas entre D. Diniz e seu filho, o reino de Portugal.

Havia no paço uma dama, de nome Urraca Vas-

ques, que era de tempos a tempos atacada de convulsões violentas, que lhe tomavam a falla, e a lançavam em desatinos de verdadeira loucura. Quando tornava em si, achava-se a dama exhaurida de forças, e doloridamente lamentava que houvesse de viver condemnada a tão amiudados accidentes.

Foi a rainha encontral-a convalescente e desanimada, e, instada para que interpozesse o valimento de suas orações, genuflectiu, e orou, e, pousando a mão sobre a cabeça da dama, o mesmo foi vel-a para logo espiritada de saude e coragem.

D. Fernando Corrêa de Lacerda é o historiador d'uma apparição milagrosa que vamos referir:

«Caminhando pouco tempo depois da morte da defuncta rainha (D. Constança, filha de D. Diniz e de santa Izabel) os nossos reis de Santarem para Lisboa, apartando-se a rainha Santa no caminho de Pontevel, que vem para a estrada da Azambuja, seguiu-a um ermitão gritando que désse ouvidos a suas vozes, e vendo que lhe não deixavam fallar á Santa Rainha, camo pretendia fazer, continuou, dizendo a gritos que a rainha D. Constança lhe apparecera muitas vezes em sonhos, em uma ermida em que elle fazia vida solitaria e lhe encommendára que dissesse á rainha sua mãe, que ella estava no fogo do purgatorio, e que para a sua alma se vêr livre das ardentes flammas, lhe mandasse dizer por um sacerdote casto um annal de missas; ouvindo aquellas vozes, começaram os que vinham junto da Santa Rainha a fazer zombaria do ermitão, dizendo-lhe que, se a defuncta houvesse de apparecer a alguma pessoa viva, seria a uma ou outra mages-

tade, e não a uma tão desconhecida pessoa; como se as coisas sobrenaturaes pertencessem a particulares graduações; o certo é que nem o paço nem o campo, graduam, nem impossibilitam para os favores do ceu, e que os favores do ceu assi os podem lograr os que andam no campo, como os que vivem no paço. Se Isaias foi propheta sendo criado na aula, tambem Eliseu foi propheta sendo tirado da lavoura.

«Como o ermitão vinha tão perto da Santa Rainha, não deixou ella d'ouvir aquella notavel declaração, e perguntou aos que a acompanhavam se o conheciam? Porém não se achou quem d'elle tivesse conhecimento, nem quem soubesse que n'aquelles contornos houvesse alguma ermida. Tanto que a Santa Rainha chegou á villa da Azambuja procurou o ermitão para lhe fallar em segredo, e fazendo-se toda a diligencia, não se achou d'elle alguma noticia. Dando conta a El-Rei d'aquelle successo, ambos o tiveram por mysterioso, e determinaram que pela defuncta rainha se mandassem fazer aquelles suffragios, porque em tão santas obras não podia haver diabolicas astucias. E chamando a Santa Rainha a Fernão Mendes, clerigo de sua casa, de quem havia constante opinião que imitava na terra a puresa que têem os anjos na gloria, lhe encommendou que desde aquelle dia até se prefazer um anno dissesse missa pela alma da Rainha defuncta. Fel-o assim com a devoção que requer tão sacrosanto sacrificio, e estando a Santa Rainha em Coimbra, na noite do dia em que se acabaram de dizer as missas lhe appareceu em sonhos a defuncta filha, ves-

tida de vestiduras alvas, e lhe disse que acabadas as purificativas penas ia lograr as felicidades eternas. Com esta visão acordou a Santa Rainha e deu conta a El-Rei, e estando o outro dia pela manhã para ouvir missa, lhe veio o casto sacerdote dizer que se tinha acabado o anno, e conferindo o apparecimento, o tempo e o aviso, se confirmou que foram vozes do ceu os gritos do ermitão, e dando a Deus muitas graças de lhe fazer tão grandes favores, mandou dizer pelas religiões muitas missas.»

Somos agora chegados a uma das legendas das flores, doce tradição com que, como logo veremos, alguns escriptores francezes querem engrinaldar e perfumar o altar d'outra santa e d'outra rainha do mesmo nome.

O leitor adivinhou decerto já, que nos referimos a Santa Izabel, rainha d'Hungria.

N'estas religiosas legendas das flores, que esmaltam a chronica da esposa d'el-rei Diniz, representa um notavel papel, em conformidade com o maravilhoso da historia, a rosa, que não só é a rainha das flores, mas tambem a flôr santa por excellencia.

Os padres christãos dão á rosa uma origem divina, e pela primeira vez a fazem florecer no paraiso.

Um antigo agiographo refere a historia d'uma virgem, chamada Dorothea, que converteu á religião christã um dos mais notaveis escriptores do paganismo, de nome Theophilo, enviando-lhe rosas do paraiso em pleno e rigoroso inverno. (1)

(1) Rosenberg, l. c. pag. 16.

Não podiam portanto as rosas deixar de colorir e embalsamar as paginas da vida da rainha santa mais accentuadas do maravilhoso que reveste as tradições religiosas.

Conta-se que mandando a rainha de Portugal reedificar o convento de Santa Clara de Coimbra, e querendo premiar a canceira dos afanosos obreiros *de sua mão*, como dizem as chronicas antigas, lhes sahira ao encontro com uma abada de dinheiro em oiro.

Surprehendeu-a a presença d'el-rei a meio do caminho, e a rainha, interrogada sobre o que no regaço escondia, respondeu: São rosas.

Mostrou,—e eram rosas.

Assim foi que as flores esconderam, aos olhos do principe, a piedosa liberalidade da rainha na reedificação, não d'um palacio, mas d'um templo; não do solio, que sustenta a corôa, mas do altar em que se hastêa a cruz.

Não ha realmente em todas as legendas religiosas que compõem o *Flos sanctorum*, o poema dos santos, a epopea dos bem-aventurados, mais encantadora e doce maravilha do que esta metamorphose do oiro em rosas,—do salario humano em recompensa divina!

A poesia da tradição explica, a nosso juizo, cabalmente, a profusão com que ella tem sido intercalada nas chronicas mysticas de todos os paizes.

No livro intitulado *La Rose*, escripto pelo dr. Loiseleur Deslongchamps, e publicado em Paris em 1844, lê-se a pag. 23:

«Aqui é o lugar, ao que me parece, de collocar

o milagre das rosas, attribuido pelas legendas a Santa Isabel d'Hungria. Veja-se como mr. Montalembert o conta na historia d'esta rainha: «Isabel morria-se por levar aos pobres, na abada de seus vestidos, não só dinheiro, senão que os alimentos e outros objectos que lhes destinava. Assim carregada, atravessava os escabrosos e desviados atalhos que conduziam do paço á cidade e albergues dos valles vizinhos. Um dia em que descia, acompanhada pela mais querida de suas serviçaes, por um pedregoso caminho, que se conserva ainda, levando involtos no manto pão, carne, ovos e outras iguarias, para distribuil-as aos pobres, encontrou-se de repente face a face com seu marido, que regressava da caça. Admirado de vel-a opprimida sob o peso do fardo, disse-lhe: «Vejamos o que levaes.» E ao mesmo tempo abriu violentamente o manto que a rainha, amedrontada, conchegava do seio; mas apenas encontrou rosas brancas e encarnadas, das mais bellas que em sua vida logrou vêr.»

É desde tempos immemoriaes a rosa companheira e pregoeira da virtude na vida e na morte.

Se é tradição que da bocca do cadaver de S. Luiz, bispo de Tolosa (1) e filho de Carlos II, rei de Napoles, se viu sahir uma rosa, tambem o santo prelado de Noyon instituiu a festa da *Rosière* como premio solemne e publico da mais reconhecida castidade.

Por essa delicada instituição do bispo Médard,

(1) Era parente da rainha santa, isto é, cunhado de seu irmão el-rei D. Jayme d'Aragão.

todos os diocesanos de Noyon são obrigados a pagar o *feudo da rosa*, e no primeiro anno em que a festa se realisou S. Médard foi constrangido por escolha do publico a coroar em sua propria irmã a primeira *Rosière* de Salency. (1)

Tambem na vida de Santa Isabel, rainha de Portugal, a rosa toma por mais d'uma vez o caracter de premio e, se ha pouco era destinada a remunerar os obreiros do convento de Santa Clara de Coimbra, agora nos apparece como galardão aos operarios do templo d'Alemquer.

Diz-se que uma tarde passára pela rainha uma camponeza com um ramo de flores na mão, e que a rainha lh'as mandára pedir por uma dama sua.

Chegada a hora de recolher ao paço, deu a rainha a cada trabalhador uma rosa, dizendo que lhes gratificava a canceira d'aquelle dia.

Tomaram os trabalhadores á conta de gracejo a dadiva da flôr e, só como dadiva da rainha, a guardaram, mas dentro de breve tempo as rosas volveram-se em dobras d'oiro, e o milagre, divulgado, chegou aos ouvidos d'el-rei.

Mandou D. Diniz chamar os operarios e, certificando-se do prodigio, disse á rainha que, se lhe escaceavam meios para a edificação do templo, d'ali em diante correria a obra pelo cofre da fazenda real.

Ainda hoje parece conservar-se em Alemquer uma velha uzança commemorativa da protecção dis-

(1) *Histoire anecdotique des fêtes et jeux populaires au moyen age* por M.lle Amory de Langerack, pa. 209.

pensada á egreja do Espirito Santo por D. Diniz e Santa Isabel, e do milagre das flores, que ainda representam entrelaçadas em corôas.

«Ha aqui (Alemquer) uma uzança muito antiga que vem a ser nomear annualmente um imperador, que desde domingo de Paschoa até o Espirito Santo vai com magestade imperial assistir aos officios divinos, e do mesmo modo acompanha as procissões, toma parte nos banquetes e divertimentos publicos e particulares; pessoas nobres servem o imperador, que ao depois de offerecer ao Senhor uma das tres corôas, que leva com grande apparato, dita a missa, se assenta debaixo do docel, ali preparado para esse fim; sendo caso que esteja principe n'essa occasião, o que já tem acontecido, este leva a corôa desde o convento de S. Francisco até á egreja do Espirito Santo...» (1)

A corôa offerecida pelo *imperador* a Deus representa a humilde realesa a cuja iniciativa deve a villa de Alemquer a edificação do templo.

O bispo Lacerda, fallando d'esta velha tradição, diz que *são distribuidos ramilhetes pelas pessoas nobres do acompanhamento.*

Ainda, e sempre as flores!

Nas mãos da rainha santa as flores tomam todas as fórmas imaginaveis: tornam-se oiro, voltam de oiro a rosas; e ennastram-se em formosas capellas para coroar a Rainha das rainhas.

Logar é este de observar que á virtuosa esposa

(1) *Diccionario abreviado de chorographia, topographia,* etc., por J. A de Almeida.—Valença.

de D. Diniz se deve a instituição da festa da Immaculada Conceição de Maria, sendo bispo de Coimbra D. Raymundo, e que com tão doce invocação mandou construir uma capella na egreja conventual da Santissima Trindade de Lisboa.

«D'aquelle tempo em diante (o seu reinado) se continuou em Portugal a festa da Immaculada Conceição da Senhora, e vendo os nossos reis que a Santa Rainha lhe fabricára capellas, as foram tecendo com devotas flores, e ultimamente el-rei D. João IV de feliz fortuna e saudosa memoria, pois tirou da castelhana testa a portuguesa corôa, conservando com prudencia o que restaurou com maravilha, em signal de sua gratificação e para firmesa de seu estabelecimento, jurou e fez jurar a todos seus vassallos a Conceição Immaculada da Virgem Maria Nossa Senhora, e a tomou por protectora de todos os reinos e senhorios da corôa portuguesa...» (1)

Estando os reis de Portugal em Santarem, quiz a rainha D. Isabel vizitar o moimento de Santa Iria, cujo cadaver, lançado á corrente do rio Nabão, ficou depositado no mysterioso tumulo que ahi se formou para o receber. (2)

Remettemos o leitor para as *Viagens na minha terra*, do visconde d'Almeida Garrett, se deseja conhecer não só a legenda religiosa de Iria, a santa, mas tambem a xácara popular de Iria, a fidalga, como a trova diz:

(1) D. Fernando Correa de Lacerda, *Historia da vida, morte, etc. de Santa Isabel.*

(2) *Esboços e episodios*, do author, pag. 93.

Chamavam-me Iria, Iria a fidalga,
Por aqui agora Iria, a cansada.

Seja pois o visconde d'Almeida Garrett que, na sua prosa formosissima de simplicidade e elegancia, nos conte o milagre occorrido por occasião da vizita d'uma santa ao tumulo d'outra santa:

«As aguas tornaram a junctar-se e a correr como d'antes, e nunca mais se abriram senão d'ahi a seis seculos e meio, quando a boa rainha santa Isabel, mulher d'el-rei D. Diniz, tam fervorosas orações fez ao pé do rio pedindo á santa que lhe apparecesse, que o rio tornou a abrir-se como o mar Vermelho, á voz de Moisés, dizem os devotos chronistas, e patenteou o bemditto sepulchro.

«Entrou a rainha a pé inchuto pelo rio dentro, seguida de seu real esposo e de toda a sua côrte; mas por mais que trabalhasse ella, e que trabalhassem os outros com todas as forças humanas, não poderam abrir o tumulo; quebraram todas as ferramentas, era impossivel. Desinganado el-rei de que um poder sobrehumano não permittia que elle se abrisse, mandou a toda a pressa levantar um padrão muito alto sobre o mesmo tumulo, e tão alto que o rio na maior enchente o não podesse cobrir.

«O rio esperou com toda a paciencia que os pedreiros acabassem, e quando viu que podia continuar a correr, deu aviso, retiraram-se todos, tornaram-se a junctar as aguas e o padrão ficou sobresahindo por cima d'ellas.» (1)

(1) *Viagens na minha terra*, 2.º vol.

Vejamos ainda um d'esses grandes milagres que tanto abundam na vida de Jesus.

Transitava a rainha santa de Coimbra para o Porto, e, chegada ao logar de Arrifana de Santa Maria, sahiu-lhe ao encontro uma camponeza, que conduzia pela mão a filha cega.

Contrastava a impaciencia amante da mãe com a resignação evangelica da filha.

Tudo eram sombras de cegueira nos olhos da mocinha desventurosa.

Ouvia chilriar os passaros, na copa dos arvoredos, e para ella arvoredos e aves estavam involtos em noite tenebrosa.

As flores adivinhava-as pelo perfume e pelo que a pobre mãe lhe dizia que ellas tinham de velludo nas petalas, de colorido no velludo, e de divino no colorido.

A rapariga ouvia em extasis e, todas as noites, emquanto a mãe chorava ao vel-a ir procurando o catre pelo tacto, caminhava resando com as mãos abertas, como se tivesse a vaga esperança de conseguir rasgar algum dia as trevas da cegueira.

Chegou á aldeia noticia da passagem da rainha.

A mãe não mais socegou nem trabalhou.

O mais que fazia era esperar anciosamente a hora em que se avistasse a rainha para lhe apresentar a filha. Confiava, segura d'animo, no milagre, porque a rainha, além de santa, era mãe. Devia entendel-a, como mãe; como santa, devia protegel-a.

Assim foi.

Abeirou-se a camponeza, e pediu á rainha que tocasse com os dedos os olhos da filha.

A rainha, timida d'humildade, impoz as mãos sobre as descidas palpebras da rapariga, e, quando ao fundo da estrada desapparecia a rainha, ria nos olhos da camponeza a luz da primeira aurora, e a surpresa do espectaculo assombroso do mundo.

Desde essa hora, as aves deixaram de ser para ella apenas musica, e as flores apenas perfume, e a mãe apenas os dois braços meigos e promptos que a conduziam nas trevas.

Todavia mestre Carlo, o filho do mar, ria incredulo dos milagres da rainha.

Os marinheiros da peninsula, portuguezes e hespanhoes, são crentes em milagres, e desde muito que anda mencionada nas nossas chronicas a sua particular devoção com S. Pedro Gonçalves, natural de Placencia.

Frei Diogo do Rosario conta no *Flos sanctorum* (1) que «Durando o cerco de Sevilha posto por el-rei D. Fernando de Castella, foi de Lisboa a ajudal-o uma nau de soccorro, a qual sendo combatida de uma furiosa tempestade, os marinheiros afflictos se encommendaram a este Santo, pela fama que corria da sua grande virtude e poder que mostrava ter sobre os elementos, e valeu-lhe tanto sua confiança, que logo o viram sobre a gávea, e a tormenta amainou; e proseguindo a viagem com bom successo, lhe deram as graças do beneficio em Sevilha. D'isto procedeu a grande devoção que os mariantes desde então tiveram a este Santo...»

(1) Edição de Lisboa (1870) Vol. IV, pag. 118 e seguintes.

Fallando do culto que S. Pedro Gonçalves tem em Portugal, continua frei Diogo do Rosario: «... em Portugal é mais conhecido por Corpo Santo, e com este titulo tem em Lisboa uma ermida, que dá nome a um nobre bairro da cidade, e capellas com irmandades nas igrejas de S. Domingos, Santo Estevão, S. Miguel e em outras; e nas cidades do Porto, Lagos, e em algumas partes tem egrejas e capellas mui devotas.»

Mestre Carlo não tinha a credulidade religiosa dos marinheiros peninsulares. Para crêr é indispensavel ter familia, porque a familia é verdadeiramente uma religião. O genovez não a tinha, ou antes, só a tinha no mar, porque o mar era a sua familia, e só no mar era credulo.

Para elle os fogos que, depois da tormenta, caracoleavam ao longo dos mastros, não eram o iris de Sam Telmo, mas um phenomeno do mar, um meteoro, um mysterio do oceano.

Não obstante, a fama dos milagres da rainha santa ia-se difundindo com assombro das gentes.

Ella era enfermeira nos hospitaes, remedio na enfermidade, alegria na viuvez, protecção na orphandade, paz na discordia, consolação na angustia, e tantos thesouros reunidos em um só coração não revelavam condição humana.

Por isso o povo lhe chamava: A Santa!

E quando a rainha, vestida de romeira, se foi em peregrinação a S. Thiago de Galliza, desciam em bando as povoações pelo pendor das serras d'um e outro paiz, como se quizessem estender ao longo do caminho um estrado parallelo á via lactea,

e, pondo o joelho em terra, diziam reverentes: A Santa!

E os pobres, chamando uns aos outros, traziam cabazes de flores, que derramavam pelo chão, contentes como se levassem uma riquesa comsigo, por que ia ali a santa do milagre das rosas.

E quando a noite descia sobre as aldêas, e se accendiam as estrellas nas alturas, um rastro de luz no ceu e um rastro de flores na terra indicavam á devoção popular o caminho que seguira A Santa!

VII

> E assim se entregou todo
> ás aguas do mar...
> Bernardim Ribeiro—*Menina e moça.*

Violante não faltou ao que promettera.

Foi, na tarde do dia seguinte, e fallou a mestre Carlo, que anciosamente a esperava, porque o amor, nas organisações impetuosas, é tão impetuoso como a organisação.

Era bella de melancolia, n'essa tarde, Violante.

Conheceis decerto algumas paragens remotas, tristes e alpestres, cavadas entre dois montes esguios e áridos?

Por ventura já ahi vistes como a aurora, que é festa de luz em toda a parte, se insinua timida e pallida por entre as serras, e doira a medo, e com a vaga melancolia d'um occaso, o colmo das choças e a agua das fontes?

Pois bem.

Imaginai que o coração da orphã era esse valle

sombrio e silencioso, e o amor a aurora, medrosa e deslusida, que receiava entrar onde não via flores, não encontrava hymnos, não a esperavam sorrisos,—e tereis o retrato moral de Violante, amante e amada.

Á força de concentrar-se e escutar-se a si mesma, começou a suspeitar da verdade do sonho.

Não seria o amor de mestre Carlo a nuvem negra?

Receiou que fosse, e tanto mais, que, attribuindo a milagre o sonho, o tomava como prophecia da rainha santa.

Entrou-se então de pungentes remorsos de sua deslealdade para com a rainha, que certamente lhe adivinhava os intimos pensamentos, e em sua alma a estava accusando de ingratidão e fingimento.

Esta idéa apunhalou-lhe o coração.

Suppol-a a rainha ingrata e hyppocrita, a ella, para quem a rainha era o anjo da guarda, a estrella unica da manhã da orphandade,—esperança e conforto, luz e balsamo!

Se não havia ainda revelado quanto entre ella e mestre Carlo se passára, desde o primeiro dia em que se viram, era só porque não tinha coragem de repetir na presença da rainha as palavras do genovez, e porque o repetil-as se lhe affigurava sacrilegio.

Chorou, padeceu angustias e tribulações emquanto não acabou comsigo abrir ella propria a sua alma á rainha, não para que a rainha lh'a conhecesse, porque bem sabia a estava vendo, mas para que não a accusasse de ingrata e de fingida.

Pediu licença para entrar aos aposentos de sua real senhoria.

Ia demudada no semblante e no gesto. Diz-se que o corpo humano é fragil, porque é de vidro, e o mais das vezes deixa vêr a alma.

Não carecia seguramente a rainha da transparencia do barro terreno para saber o que se passava no attribulado coração da orphã.

Acolheu-a, pois, com um sorriso nectarisado por doçura celestial.

Violante, dado o primeiro passo na camara, correu a lançar-se chorosa e tremula aos pés da rainha.

Os soluços embargavam-lhe a voz.

A rainha affagava-lhe as longas tranças com as mãos de fino alabastro, e tão serena de phisionomia, que, se Violante erguesse os olhos, cobraria alento para fallar.

Decorridos alguns instantes de silencio, apenas interrompido pelo soluçar da orphã, disse a rainha com ineffavel maviosidade:

—Pois que choras, Violante, crês que são grandes tuas angustias. Não as avalies tu mesma, que o avalial-as cumpre á justiça divina, menos dura que a dos homens.

Violante ficou ainda mais enleiada.

Se aquella voz, meiga e vibrante, lhe dava fortalesa, tambem o ouvil-a lhe avivava um remorso.

Renasceram-lhe as lagrimas nos olhos, e os suspiros nos labios.

—Falla, Violante, tornou a rainha. Grande é a justiça do Senhor Deus, mas a clemencia maior. Se

te presumes culpada, falla, que o Senhor Deus permittiu que as lagrimas fossem a agua lustral da culpa. Bem sabes como és amada em meu coração. Aqui o tens aberto para te receber. Falla, Violante...

—Não posso, senhora rainha... soluçou Violante.

—Serena o teu animo, filha. Olha que a imaginação desesperada avulta ás vezes as dores que são minimas. Crês-te já sem remedio em tua tribulação! Desacerto sacrilego é esse! Ha-o para as grandes faltas; não ficarão pois incuraveis as menores. E, que mal fizeste tu, Violante? És boa, és pura, não offendes nem és offendida. Vê que te molestas sem rasão. É o coração que te pésa. E porque ha de elle pesar-te? O amor, quando não tem sombras, não deve ser tormenta, mas bonança. Tu amas, Violante. Essas lagrimas o dizem. Não estavas preparada para receber o amor, porque não conhecias o mundo, e desconhecias a ti mesma. Nasceu-te subito no coração, como a aurora no ceu. Extranhaste, por desconhecido, o fogo que te acalentava. Foste como dois pastorsinhos da minha terra, que, pela primeira vez que pastoreavam na montanha, sahiram de noite, e adormeceram tiritando sobre fragas. Quando despertos, olharam-se quentes e consolados. Olharam para o ceu, e não viram sol. Ficaram um e outro surprehendidos. Entraram de cogitar, até que viram sobreposta uma cobertura. Admiraram-se mas, procurando afadigados os rebanhos, viram a mãe a pastoreal-os, e a sorrir-se. Tu estás como os dois zagaes, Violante; desconheces o fogo que te acalenta, e não olhas para

o Senhor Deus, como elles para a mãe, esquecida de que, se o amor da mãe cobre os filhos, o amor do Senhor Deus tudo cobre! Tudo está regulado na terra pela sabedoria divina, filha. Querer a alma regular-se a si mesma, e por si mesma dirigir-se, é pôr a vaidade onde deve estar a obediencia. Não offendamos loucamente o Creador. Amas, Violante? Não tornes o amor culpado, que para isso é que tens rasão, e não te amofines de amar. Eu cuido que sei tanto da tua vida como tu mesma, porque o affecto, com que as pessoas se entrequerem, quando não tem sombra de interesse, tudo alcança com a vista. Amas um dos alcaides de galé. Como se chama não sei. É moço e gentil. Talvez não seja crente. São porventura differentes as vossas indoles. D'ahi é que procedem as tuas lagrimas. Queres abrandar d'uma só vez o animo duro. Não fies tanto de ti, Violante. Espera o tempo, que é mestre e desengano. O tempo é obra do Senhor Deus, e a primeira entre as maiores, porque sem o tempo não haveria a morte, e sem a morte não haveria a eternidade. Com vagar se vão sobrepondo os granitos, e os granitos com o discurso do tempo apparecem tornados edificios. Assim acontece com os homens, e assim é para tudo. Leva hoje a corrente uma pequenina areia, ámanhã leva a segunda e, deixando-as umas em cima das outras, sobre um só palmo de terra, dá origem a uma ribeira, se isto acontece na margem d'um rio, ou a uma ilhasinha, se é no meio do rio.

Violante, emperladas nas faces algumas lagrimas, como gottas d'orvalho que se crystallisam na rosa,

ouvia, enlevada, boqui-aberta, extatica, a secreta verdade dos seus pensamentos. Era, para ella, mais um milagre da rainha. E, ao mesmo passo que em seu coração augmentava a magua, que a incredulidade de mestre Carlo lhe dava, porque tambem crescia a veneração pela santa,—e só santa podia ser a de taes milagres,—respirava desopprimida do gravame do remorso, e da culpa, porque a rainha lhe não condemnava o amor, por affrontoso, antes o desculpava, como natural.

A esposa de D. Diniz proseguiu placidamente:

—Sempre os meus olhos te seguem por toda a parte, Violante, e com os meus olhos as minhas orações. Á minha guarda estão entregues todas as donzellas da côrte. Por todas vélo como posso. Vem os genovezes, que são novos na terra e considerados pelo sr. rei, requestar-vos. Venham, que não ha n'isso aggravo ao sr. rei nem a vós. Nem vós nem elles vos escondeis das vistas da côrte. O amor, que se não occulta, não é culposo. Melhor é que se mostre a innocencia do que se resguarde o crime. Mas, como a innocencia é cega, eu cá estou para supplicar ao Senhor Deus que a allumie e a tome pela mão quando ella se transviar. Tu não te transviaste, filha. Ergue-te, pois, e mostra a tua face. Não queiras antecipar o tempo, que tem sua marcha e seu regulador. Cada dia traz uma aurora, e cada aurora muita luz. Por isso é que o tempo aclara sempre. Se o genovez estiver em verdade amoroso, e captivo, elle affeiçoará sua alma á vontade da tua. Se é fingido, e não te ama, o Senhor Deus te dará aviso e força para que te não despe-

nhes na escravidão do amor, que não serias então esposa mas escrava. Elle não crê? Tambem a rocha do Horeb era dura, e abriu-se para dar passagem á agua, que tudo fertilisa.

—Senhora rainha!—exclamou finalmente Violante ajudada pelo divinal influxo de tão santas palavras.—Mestre Carlo, que assim se chama o genovez, é incredulo de vossos milagres.

E a voz de Violante tremeu ao dizer as ultimas palavras como se lhe faltasse o alento.

—Que dizes, Violante! Olha que offendeste o Senhor Deus! Não ha milagre que não seja divino, e eu sou como tu, mortal e peccadora. O milagre! o milagre! Já ouviste tu dizer que lograsse alguem empanar o sol, de modo que o não denunciasse em toda a parte a luz que tem? Já os homens conseguiram fazer calar o mar, de maneira que deixasse de fazer-se sentir por algum tempo? Ha um Deus, Violante, um Deus que tudo póde e tudo creou, e, se não houvesse, seria preciso imaginal-o para explicar tanta grandesa e profusão, e ha de a incredulidade dos homens conseguir que se não veja a sua luz, que se não oiça a sua voz! Não póde ser. O milagre é o grande reflexo da Divindade, filha; não é outra coisa. Não se deve, pois, attribuir o milagre senão a Deus. Repara agora no teu erro, e na cegueira do teu espirito! Não tornes a cahir em similhante desacerto, Violante! Só não crê no milagre quem não crê em Deus. Pois os homens não acreditam que o Senhor Deus restituisse o pé a tua pobre mãe, e acreditam na existencia das estrellas, que elles não fizeram, na força do mar, que

elles não crearam, na luz do sol, que elles não foram pôr nas alturas! Houve já alguem que inventasse outra estrella? Que descobrisse a delicada materia de que a terra usa fazer as flores? Não houve. Pois o milagre, Violante, é um prodigio como a flôr e a estrella, é mais outro, mais um, e como não são precisas mais flores na terra nem mais estrellas no ceu, e o Senhor Deus não cria nada inutil, opêra os seus novos prodigios em proveito dos homens, cuja ingratidão esquece, porque não é homem. Ora pois, Violante! São horas de se estarem desfadigando as outras donzellas, que devem fazer reparo na tua falta, e mestre Carlo tambem. Olha... lá estão conversando todos na esplanada. Apraz-me vêr que não se teme a côrte das vistas alheias; a malicia é que precisa de viver nas trévas, porque a claridade do dia a desmascara. Vai, Violante, e não tornes a offender o Senhor Deus com teus desacertos. Vejo d'aqui mestre Carlo. Lá está procurando com a vista o caminho d'onde te espera. Vai, filha, para que a impaciencia lhe não perturbe o coração.

Violante sahiu fortalecida e serena. Trasbordava-lhe a alma com a doçura que as palavras da rainha lá lhe deixaram. Jámais em sua vida sonhára tamanha humildade e virtude! Só por milagre cuidava ella que lograria ter-se ajoelhado lacrimosa e levantado tranquilla. Se não tivesse a profunda convicção de que a rainha era santa, tão de dentro do coração o ficaria crendo n'essa hora, que seria essa uma crença de toda a vida.

Mestre Carlo esperava-a effectivamente, e com amorosa impaciencia.

Violante desceu vagarosamente o caminho.

Illuminaram-se de subito os olhos do genovez, que se adiantou a esperal-a, quando já no balcão do castello assomára uma cabeça aureolada pelos derradeiros clarões do sol expirante.

Era a rainha.

—Tarde vindes, sr.ª Violante! exclamára o namorado genovez. Até se me affigurou que houvesseis quebrado vossa promessa!

—Não uso ser fingida, sr. arraes, e porque o não sou vos quero dizer que por vós me demorei...

—Tendes os olhos maguados de chorar!

—Não o quero encobrir. Hontem me pedistes que viesse aqui; prometti. Mas devo dizer-vos que se uma promessa vos fiz, a outra estou obrigada, e tão solemne, que foi juramento...

—E que jurastes vós, sr.ª Violante? perguntou o genovez com anciedade.

—O que eu jurei entende com a vossa descrença, que me magôa, sr. arraes!

Mestre Carlo encolheu negligentemente os hombros e sorriu, como quem n'um momento se alliviasse de pesado fardo.

—Sorris! tornou Violante.

—E quereis vós que chore, quando vos tenho diante de mim, e tão formosa que me enfeitiçaes? Não póde ser. Mal que vos vi, descendo o caminho, senti a alegria que me toma o peito, quando, após trabalhosa navegação, entrevejo terra. Ah! sr.ª Violante, que se vós, como já vol-o disse, soubesseis o que é a alma d'um marinheiro...

—De mais o sei, atalhou Violante. Por Deus, ouvi-me! Prometti que voltava hoje e, com authorisação da senhora rainha, voltei. Mas, sr. mestre Carlo, sinceramente vos digo que me não soffre o coração que tão ingratamente me estejaes pagando...

—Ingratamente?

—Ingratamente vos disse. Rides dos meus juramentos, zombaes das minhas crenças, e quereis as minhas promessas! Para que não zombaes d'ellas tambem?

—Sois cruel!

—Direis que sou cruel, mas não podereis accusar-me de artificio. Ha um momento, sr. arraes, que mais se me enraisaram no coração as crenças com que fui acalentada. Vinha dizer-vol-o, e começaes zombando! Não se acredita! Dissestes-me hontem que era o amor que vos trazia aqui. Pois bem, sr. arraes, eu não posso voltar a ver-vos se por este firmal me não jurardes conformar vossas crenças com as minhas...

Não extranhe o leitor a impaciencia de Violante, que voluntariamente se desviava dos conselhos da rainha.

Era que a sua adoração chegára ao ponto em que o sacrificio da propria vida seria consummado com sorriso nos labios e jubilo no coração.

Tudo aclara o tempo, dissera a rainha, e é certo. Mas Violante, n'esse momento de profunda commoção, não podia transigir com a idéa de escutar as impiedades d'um homem, que não respeitava as suas mais intimas crenças, e que talvez durante longo tempo a obrigaria a uma lucta, em que a ella

lhe parecia tão indigno o defender como o aggredir, porque a causa do pleito sobrepujava toda a aggressão e toda a defensa:—era inviolavel, reconhecida, santa!

—Mas que obstaculo—tornou incendido o marinheiro—vêdes vós na differença de nossas crenças, se d'uma só depende a nossa commum felicidade, e n'essa somos conformes? Quem attende na galé ao que secretamente pensam os praticos das manobras se todos vão apostados em entrar a salvamento o porto que demandam? O amor será para vós a galé, sr.ª Violante. Vós pensareis no que quizerdes, eu pensarei em vós, e ambos iremos procurando o rumo da mesma ventura, a praia da mesma felicidade...

Violante teve então um momento em que os olhos se afogueáram de extranho brilho, e as linhas do semblante se mobilisaram com assombrosa vitalidade:

—Não, não póde ser, dissera ella, que logre a embarcação, para me servir de vosso pensamento, marear sem naufragio quando vós, sr. arraes, fordes pensando em coisas que não lembram ao vosso immediato no commando, e a equipagem obedecer a vozes que não forem as vossas nem as d'elle. Pois então haveis de estar pensando, sem que os meus pensamentos se possam harmonisar com os vossos? Quereis que eu esteja osculando o meu firmal, sem que vós vos inclineis respeitoso perante esta sagrada reliquia, que eu herdei de minha mãe, e minha mãe recebeu de meu pae? Que quereis, pois, vós de mim, mestre Carlo? Quereis roubar-

me á protecção da senhora rainha, que prolongou a vida de minha mãe, que me tem amparado em todas as angustias e fortalecido em todos os desanimos? Quereis que eu esqueça a sr.ª rainha para ir na vossa galé, quando o sr. rei o exigir, sobre montanhas d'agua, sem poder siquer invocar o nome do Senhor Deus, para que não me façam zombaria e escarneo, sem poder pronunciar o nome d'aquella santa, que d'acolá está certamente adivinhando quanto vos estou dizendo agora? Não, bem vedes que não póde ser. Já vos disse, sr. arraes, que eu fiz um juramento. O que eu jurei, claramente o sabeis. Pois bem. Hontem me dissestes que estaveis disposto a metter a pique a vossa galé, se eu tanto quizesse. Não é preciso tanto. Muito menos desejo. Sois filho do mar, dissestes. Jurai-me sobre este firmal, pela felicidade da vossa galé, pelo que no mar ha para vós de sagrado, que recebereis todas as minhas crenças, que d'hoje em diante a vossa alma se abrirá para crer e os vossos labios se cerrarão para que a zombaria não mais os torne a macular!...

Mestre Carlo escutava offegante, tremulo, desvairado.

—Desgraçado de mim! exclamára elle. O que me pedís é impossivel, sr.ª Violante! Se vos amo! oh! se vos amo! Por minha vida, que nunca senti no peito este fogo que me está inflammando como se um raio m'o despedaçára! Mas ouvi-me bem, sr.ª Violante. Nasci no mar; bem sabeis, que já vol-o disse. Desde pequeno me chamaram Carlo; Carlo me chamo. Não recebi outro baptismo, senão o

das ondas. Não penseis todavia, sr.ª Violante, que eu não tenho como vós uma religião. Tenho; é a do mar. Quando eu completei doze annos, tive de fazer a solemne iniciação a que nenhum genovez filho do mar se póde eximir. Attentai n'esse horrivel juramento, sr.ª Violante, e comprehendereis que terrivel angustia estou soffrendo n'esta hora. Jurei manter inviolavel o sagrado culto do mar; sacrificar a minha vida, quando fosse preciso morrer com a coragem que nobilita o marinheiro, e não acreditar em outras crenças que não fossem as que recebi de meu pae, e meu pae recebeu de meus avós. Após este juramento é preciso passar pela ultima prova: a confirmação. Despenha-se o marinheiro, e segue nadando a galé, para receber do mar a força que lhe ha de ser precisa na tormenta e no naufragio. Quando os seus camaradas o recebem, o marinheiro está iniciado, completo, digno d'elles, de si, e da sua galé. Aqui tendes a verdade, lisamente contada, sr.ª Violante. Lembrai-vos agora de que sou arraes, e de que o faltar aos meus juramentos seria o mesmo que aviltar-me a mim, e deshonrar os meus leaes companheiros de tantos annos. Se o sr. rei D. Diniz exigisse de mim que eu renegasse as minhas crenças, para vir servil-o, certo não chegarieis a conhecer-me, sr.ª Violante, que não teria vindo a Portugal. Mas o que eu jurei ao sr. almirante foi guardar-lhe fidelidade, guiar a minha galé contra os inimigos do sr. rei e do seu reino, christãos ou mouros, e tomar parte nas expedições commerciaes que me forem ordenadas, quando o serviço regio não carecer de mim nem da minha ga-

lé. (1) Oh! nunca eu vos conhecera, sr.ª Violante, que não saberia o que é soffrer tamanho tormento! Quereis que eu abjure as minhas crenças, para tomar as vossas. Não posso, sr.ª Violante, bem vedes que não posso, porque jurei mantel-as, e porque preferia morrer a vêr-me deshonrado. Disse-vos a verdade. Um marinheiro não sabe enganar. Não vos quero illudir, fingindo-me renegado, porque vos amo; tambem não posso illudir os meus companheiros, fazendo-lhes crêr que não apostatei, nem que similhante idéa me occorreu a mim ou a vós, porque depois de vós, sr.ª Violante, só a elles amo e estremeço. Oh! é horrivel! é horrivel!...

N'este momento, e chegada a noite, os alcaides de galé, que vieram a conversar n'aquella tarde, chamaram o seu companheiro, que não dava tento de que se ausentavam:

—Mestre Carlo! mestre Carlo! é tempo de levantar ferro!

(1) O leitor póde vêr a pag. 150, vol. I, da *Historia de Portugal* do sr. Pinheiro Chagas um interessante resumo do tractado que Manuel Pezagno fez com D. Diniz, e ao qual, sob o ponto de vista que lhe interessava, se referia mestre Carlo.

VIII

> Stando el-rei D. Diniz quieto da guerra de fóra, não pôde fugir a de casa, e da pessoa de que menos a devia esperar...
>
> Duarte Nunes de Leão — *Chronica dos reis de Portugal.*

Somos chegados ao lance em que as guerras civis entre D. Diniz e seu filho vem interromper os dolorosos idyllios do castello de Leiria.

Já vimos, no principio d'esta narrativa, como derivou d'uma imprudencia d'el-rei a influencia exercida por extranhos no animo do herdeiro do throno, e já estamos prevenidos de que foi o desamor dos filhos que puniu em D. Diniz o excessivo amor com que lhes queria.

Entrado o infante da suspeita de que el-rei desejava legitimar D. Affonso Sanches, filho bastardo, e coincidindo com a suspeita a ida d'uma embaixada portugueza a Roma, para logo suppoz que os embaixadores tinham por missão impetrar da côrte de Roma a legitimação do bastardo.

Chegando, porém, ao conhecimento de D. Diniz

as desconfianças do infante, escreveu ao pontifice, que era João XXII, pedindo-lhe que interviesse para desvanecer as loucas conjecturas do principe herdeiro. João XXII accedeu promptamente, no interesse da paz entre portuguezes, promulgando uma bulla de que foi executor D. Giraldo, bispo d'Evora.

Graças á intervenção pontificia, a guerra civil pôde suster-se desde 1314 até 1319, anno em que o infante D. Affonso, por suggestões d'um seu criado, de nome Lourenço Vogado, filho d'um carpinteiro de Beja, conseguiu que a rainha D. Maria de Castella, sua sogra, solicitasse de D. Diniz licença para que o infante, acompanhado da infanta e seus filhos, fossem vel-a a Castella para acalmar saudades.

El-rei D. Diniz, receioso das consequencias da vizita, chamou o infante e pediu-lhe que não fosse. Todavia o herdeiro do throno persistiu no intento e, sahindo de Portugal com a infanta D. Beatriz, conferenciou em Cidade Rodrigo com a rainha sua sogra.

Não se fizeram esperar muito tempo os funestos resultados do conluio entre sogra e genro, porque D. Maria de Castella mandou de sua parte requerer a D. Diniz se dignasse alargar ao infante o regimento da justiça do reino.

Indignou-se D. Diniz da impudencia do requerimento, e indeferiu-o por descabido, sendo que não podiam governar dois reis, ao mesmo tempo, o mesmo reino.

Remordeu-se o infante em sua cobiça e concha-

vando-se com dois aquantiados seus, Pero Guilherme e Pero Gonçalves, fez com que elles sahissem do reino, e de fóra trouxessem escripturas que provassem haver D. Affonso Sanches peitado a chimicos extrangeiros para que ministrassem peçonha mortal a elle infante. Facil foi aos dois traficantes o voltarem ao reino com documentos escriptos em castelhano, e comprovativos do supposto crime. D'elles tomaram conhecimento os juizes de Coimbra, onde o infante então residia. A fabula da traição era a seguinte.

No dia 21 de novembro de 1318 compareceram perante João Peres, que era então alvasil, e seus respectivos alcaides e tabellião, nove vaqueiros, pelo alvasil nomeados, com outros vaqueiros de Ruy Sanches de Avila, os quaes trouxeram presos cinco portuguezes, um a cavallo, que vinham de guarda a outro.

Depozeram os vaqueiros que o preso lhes dissera que lhe acudissem, porque os portuguezes o traziam preso, e que elles vaqueiros acudiram por libertal-o, e se travára combate, resultando ficar ferido o preso a quem o de cavallo denunciára traidor.

Como o de cavallo visse manietados os quatro homens de pé, que o acompanhavam e levavam preso o traidor, disse aos vaqueiros que não havia motivo para tamanhos rigores que, para verem a verdade o que dizia, o deixassem ir a cavallo perante os juizes de Magazella, e que, depois, de o ouvirem, resolvessem, mas que primeiro elles o acompanhassem á presença do ferido.

Foram.

Então o de cavallo disse ao *traidor*, que estava moribundo:

—«Amigo, eu sou Pero Gonçalves, escrivão do infante D. Affonso de Portugal. Vós bem sabeis a traição, que machinastes com Garcia d'Alverca para alcançardes peçonha que matasse o infante meu senhor. Portanto, agora vos lembro que estaes em tempo de arrependimento, e de declarar a verdade, por não perderdes a alma, pois já perdestes o corpo.

O moribundo respondeu affirmativamente, e expirou.

Então Pero Gonçalves mostrou uma carta do infante, que o acreditava seu escrivão, e recommendava ás justiças lhe dessem ajuda para conseguir a captura dos que attentavam contra sua vida.

Escreveu immediatamente o infante a el-rei seu pae, dando-lhe parte da occorrencia, e pedindo a justa punição d'Affonso Sanches.

El-rei, conhecendo de sobra o caracter do infante, respondeu com asperesa, censurando-lhe a perfidia, e pedindo os originaes dos instrumentos crimes.

O infante retrucou ameaçando, e denegando os documentos authenticos.

D. Diniz, querendo tirar a limpo a verdade, mandou carta de rogo aos juizes de Magazella para que informassem.

Os juizes, verdadeiramente surprehendidos, responderam com certidões negativas do facto.

Então começaram as verdadeiras tribulações de D. Diniz.

Estava travada a lucta entre o infante, d'um lado, e el-rei e Affonso Sanches, do outro.

Exhaurido de forças moraes, reuniu D. Diniz os primeiros homens do seu conselho para que todos concertassem nos meios a empregar para tornar o infante a bom caminho.

Lidas por um dos conselheiros as certidões dos magistrados de Magazella, disse D. Diniz com voz trémula e amiude cortada pela ancia da respiração:

(1)—«Bem quizera encobrir de vós (se podera) meus desgostos, se quem m'os dá, quizera que foram secretos. Mas vieram a ser tantos, e tão notorios, que me cumpre dizer-vol-os, não para me desculpar a mim, nem para culpar meu filho: mas para vos pedir conselho e ajuda, para os remediar, ou ao menos para mais com paciencia os soffrer;—e referir ante vós os beneficios que o infante meu filho de mim recebeu, além d'aquelles por que os filhos estão obrigados a seus paes, a quem depois de Deus não podem responder, nem satisfazer, fôra escusado. Mas como comvosco fallo, tambem para desabafar de meus nojos, já que heis de ouvir meus aggravos, ouvi a causa d'elles. Bem sabeis que ternamente amei meu filho pela qual causa ante tempo e fóra do costume dos reis, meus antecessores, não sendo elle ainda de seis annos, lhe dei casa, e muita renda, e muitos honrados vassallos e criados. Porque sendo casados e tendo já filhos, traziam os

(1) Este capitulo é quasi todo baseado na chronica de D. Diniz por Duarte Nunes de Leão, e as palavras d'el-rei as mesmas que Duarte Nunes põe na bocca de D. Diniz.

reis passados seus filhos herdeiros do reino em sua casa, sem terem servidores nem vassallos apartados. El-rei D. Affonso meu avô, sendo já casado com a infanta D. Urraca, e tendo filhos, andava em casa d'el-rei D. Sancho seu pae. E se el-rei meu senhor me deu a mim casa sendo solteiro, foi em tempo que eu era já de 18 annos, e havia 14 que elle estava em cama sem se poder levantar nem reger bem seus vassallos. De maneira que depois que me apartou casa, não viveu mais que nove mezes. Tambem sabeis, pois os passastes commigo, os grandes trabalhos e perigos que passei, e guerras que fiz, por se effectuar seu casamento, com a infanta D. Beatriz, por o deixar por minha morte pacifico e quieto. E sendo elle, de rasão natural e politica, obrigado a me servir e obedecer, todos os meios que pôde buscou para me anojar e offender. E posto que outros mais graves excessos fez contra mim, que os que vos quero contar, direi os que mais me maguaram. Primeiramente, despedindo-se de mim, e de meu serviço, o conde D. Martim Gil, pela contenda, que entre elle e D. Affonso Sanches havia sobre as partilhas de seu sogro, por serem ambos casados com duas irmãs, posto que meu filho foi desterrado, maltratado, eu fui muito favoravel ao conde, por amor do infante meu filho, por ser seu. E á custa de muito dinheiro, que por composição dei ao dito Affonso Sanches, os concordei. E sendo o conde meu vassallo, e meu alferes mór e mordomo mór do infante, esquecido dos beneficios que de mim recebera, e de ser eu seu Rei e Senhor, se foi fazer vassallo de el-rei de Castella,

e lhe fez preito e homenagem, sob pena de traidor que o serviria contra mim, quando lh'o elle mandasse, induzindo sobre isso alguns vassallos meus, que fossem contra meu serviço. E havendo o infante por lei natural e divina, de desamar quem me fazia traição, por ser seu pae, e por elle haver de ser successor da corôa de meus reinos, favoreceu ao conde e lhe fez mercês, e escreveu cartas de grande favor. Tambem sabeis, que estando concertado D. Affonso Sanches meu filho com D. Isabel sob o escaimbo de Medelhim, por Aguiar, e estando assignado certo dia para se fazer, sob pena de dois mil marcos de prata, indo a isso por meu consentimento e mandado, o infante sahiu a elle para o matar. E mandando-lhe eu dizer por João Rodrigues Vasconcellos, que lhe não fizesse mal, que por meu mandado ia, elle o não quiz fazer, e me mandou sem nenhum pejo dizer, que o que tinha começado havia de acabar. Pelo que, por atalhar o muito mal que se apparelhava, acudi a isso em pessoa, e vós, que me ouvis, commigo. E não se pacificou a coisa, senão com o damno que vistes. Outrosim Vasco Paes d'Azevedo, que em Castella contra mim e meu serviço disse algumas coisas, que não devia, querendo-se d'ellas alimpar, perante mim, pôz a culpa a Martins Raimundo. E porque Affonso Martins Raimundo seu sobrinho que estava presente lhe disse que seu tio nunca tal dissera, e que lh'o defenderia pelas armas, e lhe faria confessar, que não dizia verdade, o infante tomou a parte de Vasco Paes, e fallou por elle palavras mal attentadas. E querendo Vasco Martins desculpar e escusar seu

tio, os do infante o quizeram logo matar. E perante mim, sem nenhum acatamento de minha pessoa, o feriram, sem meu filho querer tornar por isso, consentindo em tamanha offensa, como se me fez. Além d'isto, dois sobrinhos do bispo de Lisboa, confiados que pelo favor que eu fazia a seu tio, poderiam haver perdão de qualquer maleficio, estando eu e a rainha e meus filhos em Lisboa, elles sobre segurança real mataram publicamente na metade da hora do dia, um filho do bom cavalheiro Estevão Estevez, e por a fealdade do caso os mandei logo publicamente justiçar. Pelo que, o bispo seu tio se foi a Roma onde por todas as vias, que póde, me desserviu. Pela qual rasão o infante lhe fez honra e mercê, e o favorece, por saber que n'isso me anoja. Além d'estas coisas me tem feito outras muitas sem-rasões, que lhe soffri, esperando que com o crescimento dos dias, da honra, e do estado, que tinha, se emendasse, e me tirasse a occasião de dizer mal de meu sangue, e de quem me ha de succeder no nome e no reino. Mas, porque vejo que cada dia acrescenta mal a mal, e que em lugar de se emendar se empeóra, vos dou conta d'isso para que me deis remedio, ou ao menos conselho como amigos.»

Expirou entre lagrimas a narrativa de D. Diniz, e a tal extremo o levou o seu abatimento d'animo, que os conselheiros, offerecendo a el-rei suas vidas e fazendas, optaram pela paz, no presupposto de que não teria coração para guerrear com o filho.

Todavia o infante, bandeado com sequazes da ul-

tima ralé, e grande caiçalha de criminosos, consentia em assassinos, roubos e violações de toda a especie.

Alguns d'estes scelerados, de pé e a cavallo, foram roubar o mosteiro de Mormelal e matar o bispo d'Evora, D. Giraldo, por haver sido o executor da bulla pontificia.

O infante, zombando das admoestações d'el-rei e do papa, reuniu em Coimbra quantos criminosos pôde encontrar nas ultimas escaleiras da infamia, e sahiu para Leiria, simulando ir de peregrinação a S. Vicente de Lisboa, sendo o seu verdadeiro proposito tomar Lisboa.

El-rei, que com a côrte havia sahido improvisamente de Leiria para Santarem, mandou dizer ao infante que lançasse de si os malfeitores, e retrocedesse.

O infante desobedeceu.

Então o rei e a rainha partiram de Santarem para Lisboa e, chegados ao Lumiar, souberam que o infante, receioso de desbarate, retirava para Cintra.

Ao romper do dia seguinte, e a occultas da rainha, tomou D. Diniz o caminho de Cintra. A rainha ouvindo, porém, grande tropel de cavallos e estrepito d'armas, mandou avisar o infante no proposito de suster o mais sacrilego dos combates que entre homens se podem travar: entre filho e pae.

Defrontados os dois exercitos, caso é que revela influição divina o não se ter derramado sangue nem rompido as hostilidades.

Parece que entre as duas legiões, apparelhadas

para combate decisivo, pairára invisivel o anjo da paz!

Voltou o infante a Coimbra, d'onde foi a Castella deixar em logar seguro sua mulher e filhos, seguindo depois para Leiria, em cujo castello entrára.

Aqui temos nós, mercê dos desvarios humanos, a que tambem os principes estão subjeitos, tornada em acampamento militar a esplanada onde os genovezes vinham galantear as donzellas da côrte!

Logo que ao conhecimento de D. Diniz chegou participação do infante haver entrado em Leiria, que era senhorio da rainha, e chegado el-rei áquella tibieza d'animo, que os trabalhos trazem, deu ouvidos ás calumnias palacianas que designavam a rainha como secreta protectora de seu filho.

O mesmo foi acreditar a perfidia e mandar retirar a rainha para Alemquer, desapossada de todas as rendas, que por doações successivas lhe cabiam.

N'este temporario desterro, supportado com evangelica paciencia, teremos ainda occasião de seguir de mais perto os passos da rainha, embora hajamos de retroceder.

Repetiram os dois exercitos marchas e contramarchas sem conto.

O rei, fatigado e desgostoso, recolheu a Lisboa.

O infante, seguindo para o norte, tomou Coimbra, Montemór-o-Velho, Gaya, Feira, e a fortalesa da sé do Porto, porque n'esse tempo ainda a cidade não era cercada, resistindo-lhe apenas Guimarães.

D. Diniz, sabendo porém que Coimbra estava em

poder dos sequazes do infante, e vendo-se privado de tamanha parte de seus reinos, marchou sobre Coimbra.

Chegou ao solitario retiro da rainha noticia da imminencia de novos perigos occasionados pela guerra civil, e dos horrores que os vassallos da Beira estavam soffrendo com a invasão das hostes.

O anjo da paz quiz logo obstar que uma só gota de sangue maculasse sacrilegamente o territorio portuguez.

Portanto, a rainha santa partiu do seu desterro de Alemquer ao encontro do filho, que encontrou diante de Guimarães.

Não valeram porém lagrimas da rainha. Toda a doçura da sua alma não logrou abrandar a colera do infante, que de Guimarães seguiu para Coimbra.

Foi-lhe na piugada a rainha, para aos primeiros assomos de combate se interpôr aos exercitos do marido e do filho.

Ainda d'essa vez não logrou esfriar no peito do infante a ruim paixão da cobiça.

Romperam-se as hostilidades, com notavel ardimento, na ponte de Coimbra.

Todavia o anjo da paz, confrangido da vista do sangue, pairou sobre as hostes aguerridas, e conseguiu que ficassem suspensos nos braços hyrtos os ferros apontados ao peito d'irmãos.

Por intermedio da rainha santa justou-se em fim a paz, com largas concessões ao infante, jurando-a o rei no templo de Leiria e o infante na egreja de Pombal.

Sem embargo de estarem distanciados, pae e filho abraçaram-se depois em Leiria.

A rainha santa conseguira essa solemne conciliação em que o filho rebelde, e só apparentemente humilde, foi cingido nos braços do pae, em cujo peito tão longas tristesas haviam coado lento veneno.

D. Diniz sahira, doente de corpo e alma, d'essa longa lucta civil, que, por intervenção da rainha, se interrompera diante do altar para renascer mais tarde no campo de batalha.

Não obstante os juramentos com que se firmára a paz entre o rei e o infante, novas sombras entenebreceram o ceu da patria no anno de 1323.

D. Diniz havia pedido a Affonso Sanches que se retirasse a viver em Castella para serenar o animo do principe. Affonso Sanches obedeceu mas, julgando já adormecidas as paixões, senão esquecidas, pediu a el-rei authorisação para residir em Portugal.

Deferida a pretensão, repatriou-se, e o mesmo foi voltarem com elle as emulações latentes.

O infante D. Affonso só conhecia, porém, um meio de manifestar seu despeito: era a exacção.

Exigiu immediatamente augmento de rendimentos, allegando que os que lhe eram dados não bastavam ao decoro principesco que a successão da corôa requeria.

D. Diniz, ou por já irresoluto de soffrimento ou por escrupulos de pae, congregou as côrtes, que denegaram despacho ao requerimento do infante.

D. Affonso contava certamente com a negativa,

senão das côrtes, do rei, porque logo partíu para Santarem armado e acompanhado para nova rebellião.

De Santarem caminhou sobre Lisboa, e mal que o rei soube que o principe se avisinhou da cidade, mandou-lhe ao encontro um plenipotenciario de bom conselho no intuito de persuadil-o a retroceder.

Foi Alvaro Martins d'Azevedo o emissario eleito e, apesar de todos os meios persuasorios que empregou, o infante respondeu altaneiramente, como quem vinha d'animo feito para combater.

Então o velho rei, enfermo, triste, e abatido teve de sahir com o seu exercito a encontrar-se com o do filho.

Avistaram-se no Campo d'Alvalade, hoje Campo Grande, as vanguardas das hostes, inimigas posto que portuguezas, e tão incendidas vinham uma e outra, que entre si travaram escaramuças, como se devesse seguir-se-lhes uma sangrenta batalha, finalmente decisiva para o rei ou para o infante.

Havia de parte a parte sêde de sangue, febre de combater, ancia d'um desfecho, que necessariamente devia assellar-se com lagrimas.

Mas os guerreiros d'uma e outra bandeira esqueciam-se, á hora decisiva da lucta, de que tanto os parciaes do infante como os defensores do rei tinham por si a sombra d'uma aza protectora, que certamente o anjo da paz viria abrir sobre elles.

D'um lado estava o filho; do outro o esposo.

A rainha santa não deixaria de dividir o seu coração, de modo que chegasse para salval-os a ambos.

E assim aconteceu.

Mal que a rainha soube nos paços do Castello que os dois exercitos se procuravam, se é que o não adivinhou, deu-se pressa em cavalgar, e conseguiu chegar ao Campo d'Alvalade a tempo de suspender o combate.

Inclináram-se reverentes os contendores quando a rainha, atravessando por entre uns e outros, procurava o filho.

E lagrimas e supplicas, por igual ferventes, conseguiram n'esse momento solemne, em que mais ardia no peito dos cavalleiros a fragua do rancor, como exceptuemos o rei, um dos mais assombrosos milagres, que se devem referir na vida legendaria da rainha santa,—*o milagre da paz!*

O infante seguiu a rainha que submissa o guiava para os braços do rei, desnervados de commoção e velhice.

Grandes angustias foram essas que, a tão repetidos golpes, dilaceraram o coração do velho rei!

A sua alma, tão carecida de repouso, só na morte devia encontral-o, porque o infante, domiciliado em Santarem, sabendo que o rei, por um d'esses caprichos tão frequentes nos enfermos, queria ir habitar na mesma villa, desconfiou de intenção reservada onde só havia doença.

E, quem sabe! não quereria o rei, sentindo-se desfallecido, procurar a companhia do filho, para que a ultima reconciliação, verdadeira porque era ultima, cicatrizasse no peito golpeado as profundas feridas tantas vezes renovadas?

Todavia o infante não cuidou d'estas branduras

de sentimento, que devem lembrar a um filho, por que sem melhor conselho induziu os seus criados a travarem rixas com os homens d'el-rei nas ruas de Santarem.

D. Diniz, para que o deixassem agonisar no leito a que a doença o pendia, houve de distanciar Affonso Sanches para Castella, onde havia residido.

Dissipadas assim as sombras que de novo obscureciam o animo do rei, inteiramente exhausto, restava-lhe para consolação e amparo na hora extrema o anjo da paz, a santa das flores, ou simplesmente, como dizia povo, a SANTA!

IX

> Perco a esperança
> nas mostras que vejo,
> mas no meu desejo,
> revive a esperança.
> Rodrigues Lobo—*O desenganado.*

Retrocedamos, como promettemos, a encontrar a rainha santa no seu breve desterro em Alemquer.

Admiremol-a ahi, como a temos admirado no throno, proscripta no desterro e no throno, porque só exulados é que os anjos demoram na terra.

Como se lhe não doera a saudade da côrte, que era sua, os que deviam de confortal-a d'ella recebiam conforto, e o seu grande espirito, sempre submisso e resignado, velava cuidadoso pela sorte do rei e do infante, na esperança de vêr arraiar a aurora da paz.

A rainha explicára d'uma vez ao seu novo confessor fr. Estevão de Santarem, que substituira fr. Pedro Serra, a resignada conjunctura em que se encontrava, com estas verdadeiras palavras:

—Quando em mim propria attento, padre, cuido-me uma arvore de muito folhar, posta entre duas que precisam de sol. Cresce o coração com prejuizo d'ambas e, querendo amparar as duas, maior é o damno que lhes faço que o bem que lhes dou. Se procuro uma, porque é filho, molesta-se o pae; se anteponho o pae, resente-se o filho! Esperemos todavia, padre, que seja feita a vontade do Senhor Deus, cuja misericordia chega para todos, e a todos cobrirá. Não ha guerra, que não traga paz. A paz virá, portanto. Lamentemos porém o sr. rei e o sr. infante D. Affonso, que tamanhos trabalhos padecem sem causa nem rasão. O infante tem por si a mocidade, é forte, mas ruim peculio de recordações anda amontoando para a velhice. El-rei está quebrantado de saude e de espirito. São por igual lamentaveis os dois, e a ambos chora o meu coração, se bem que a esperança de congraçal-os seja em mim superior á dôr de vel-os desunidos.

Santa era, como depois demonstraram os factos, a previdencia da rainha no tocante á velhice do filho.

O principe, que por tanta maneira angustiára o coração de seu pae, veio a ser punido pelo proprio coração, quando os affectos paternos lh'o tornaram amoravel.

Devia começar a comprehender o que ha de assombrosamente harmonico entre o futuro e o passado, entre a justiça d'ámanhã e a injustiça d'hontem, quando a infanta D. Maria, sua filha, casada com o rei de Castella, lhe mandou dizer para Portugal os vexames com que perante toda a côrte era

affrontada pelos amores adulteros do marido com D. Leonor Nunes de Gusmão, vendo-se não só espoliada do throno, porque a verdadeira rainha era D. Leonor, mas até do coração do rei, absorvido nas escandalosas delicias do seu amoroso ninho de Burgos!

Cruciantes deveram de ser na velhice do rei Affonso os remorsos do assassinio da loira Ignez de Castro, que elle podera evitar, e horrivelmente afflictiva a visão da mãe, condemnada á morte, e dos filhos, condemnados á orphandade, no lance em que a representa Camões:

Para o ceu crystallino alevantando
Com lagrimas os olhos piedosos;
Os olhos, porque a mão lhe estava atando
Um dos duros ministros rigorosos:
E depois nos meninos attentando,
Que tão queridos tinha, e tão mimosos,
Cuja orphandade, como mãe, temia,
Para o Avô cruel assi dizia...

O que Ignez de Castro disse por ventura, e Affonso IV ouvia em tormentosas allucinações, depois que cerrára os olhos para a não vêr immolar, não era certamente a falsa declamação que Luiz de Camões põe na bocca da desventurosa mãe, na hora em que a lembrança dos filhos, que deixava, seria bastante a desluzir todas as recordações historicas *da mãe de Nino* e dos *irmãos que Roma edificaram*: mas um carpir tão maguado, um tão delirante e desesperado abraçar os filhos pequeninos, que o velho rei devia de sentir o estertor da morte de

cada vez que as lagrimas, choradas sobre as creanças, e renovadas pelo remorso, lhe coavam lenta peçonha nas duras entranhas.

O supplicio que a desgraça da infanta D. Maria começára, e a morte de Ignez de Castro continuára, teve remate condigno no saudoso ardor com que o principe D. Pedro, por vingar a morte da mãe de seus filhos, entrára pelas comarcas d'Entre-Douro-e-Minho e Traz-os-Montes, roubando, assolando, matando.

Assim havia feito D. Affonso IV, quando infante, para desaggravar-se da estima em que seu pae tinha Affonso Sanches, o bastardo.

A justiça divina!

Para coroar este quadro d'horrores deviam soar-lhe aos ouvidos os queixumes do pae moribundo, as maldições de Affonso Sanches desterrado e desherdado, e o estrondoso desabar do castello de Codesseira, do qual a ultima pedra cahira sob o ultimo palmo de terra que restava ao bastardo, doente de febres quartãs em Medelhim e, sobre doente, pobre, e desterrado em quanto a rainha santa não conseguiu restituir-lhe as rendas e a patria.

Notabilissima antithese!

Ao lado do filho, que se chamou Affonso IV, poz a Providencia a mãe, que se chamou santa Isabel, rainha de Portugal.

Para contrastar com as bravezas do principe sobram virtudes no coração da rainha. Se elle é a guerra e a ameaça, ella é a paz e a doçura. Elle guerrea, ella supplica.

E quando mais se condensava a cerração do re-

morso em torno do solio de Affonso IV, uma visão luminosa surgia a mitigar as agonias da alma attribulada: era a rainha, que suspendia a colera dos dois irmãos, como suspendera os exercitos do pae e do filho, e ia a Hespanha pedir ao rei de Castella amor e paz para a filha de seu filho.

Muito deve haver de divino n'estas contradições mundanas, todos os dias repetidas, para que, volvidos seculos, sejam ainda notadas e assombrosas!

O que é puramente humano altera-o o tempo; o que não é dos homens nem pelos homens parece reviver na eternidade.

Frei Estevão de Santarem respondera á rainha santa:

—Tambem vós, sr.ª rainha, digna sois de lastima pelo muito que soffreis. Aqui estaes, retirada em Alemquer, com o coração dividido em duas dores: uma pelo sr. infante, outra pelo sr. rei. Prasa a Deus que venha breve o termo d'esta discordia, que a todos inquieta, e o sr. rei se veja desfadigado de tamanhas canceiras, a que hoje não é extranho o coração, e ámanhã talvez não seja alheia a consciencia...

—Não incrimineis o sr. rei, padre...

—Não é meu proposito accusar ninguem, muito menos o sr. rei, volveu Frei Estevão. Mas é que não ha cuidado que não traga seu espinho, porque o cuidado ou é proprio ou alheio, ou a gente cuida mais de si que dos outros, ou mais dos outros que de si. No primeiro caso é desacerto o antepôrmo-nos a todos; no segundo o pospôrmo-nos a tudo. O meio termo, a prudente conciliação dos deveres

do homem com os direitos da humanidade, deve de ser o mais agradavel a Deus, por quanto o homem, sem esquecer o que é, se lembra do que os outros são. Mas a guerra, sr.ª rainha, é um peccaminoso alheamento, uma cegueira humana, que não deixa reconhecer vinculos de sangue, e tanto assim é, que vossa real senhoria, sendo mãe e esposa, aqui está apartada em Alemquer sem filho e sem marido!

—Não falleis do meu apartamento, padre. É porventura isto solidão? Não ha n'esta villa tão piedosas mulheres, que tão promptamente acudiram ao meu chamamento, e nos actos religiosos supprem a falta d'algumas donzellas que me não acompanharam? (1) Não estou eu com a minha doce Violante, que tão carinhosa é, e tantas lagrimas chora por mim e por ella? Para louvar ao Senhor Deus não estaes vós aqui, padre, e não são ferventes vossas orações? Attentae, pois, no bem que eu estaria, se não tivesse o coração ausente, e posto nos cuidados que por lá trazem inimistados o sr. rei e o sr. infante... Pobre sr. rei, que tão enfermo se sente de saude de corpo e alma! e por lá traz exposta a perigos a pouca saude e talvez a vida! Oh! é horrivel, padre, é crudelissimo lembrar-se a gente de que dois exercitos se procuram, e o reino inteiro se divide, por

(1) Tanto que a Santa Rainha chegou áquella villa, (Alemquer) convocou algumas mulheres, de cujo espirito e devoção tinha noticia certa, e com ellas frequentava os divinos louvores, os exercicios santos, fazendo rigorosos jejuns etc.»
D. Fernando Corrêa de Lacerda. *Historia de Santa Isabel.*

dois homens que, sobre serem portuguezes, teem nas veias o mesmo sangue! Estremece o coração de ouvir dizer que pae e filho se guerream, e com tamanha sem rasão, se ha rasões que justifiquem a guerra! Pobre sr. infante, tão mal aconselhado pelos seus e por si! Vêde pois, frei Estevão, que não é solidão a minha, e tanto não é, que vos tenho aqui ao pé de mim para vos pedir que vades orar pelo sr. rei, pelo sr. infante e pelos seus, d'um e d'outro.

Sahiu frei Estevão de Santarem, quando entrava Violante:

—Senhora rainha! senhora rainha! — exclamára a orphã—muita gente de pé está lá fóra, e vos pretende fallar. Que resposta quereis enviar-lhe?

O primeiro momento foi de surpresa para a rainha, que se tornou livida e pensativa; mas, ao cabo d'alguns instantes, disse serenamente a Violante:

—Manda-os entrar, que os fico esperando.

Abriram-se de par em par as portas do paço, e por ellas jorrou grande multidão de pessoas de toda a idade e condição. Creanças e donzellas, que muitas eram as da turba, traziam grinaldas e abadas de rosas; aos anciães pintava-se-lhes nas faces um mixto sentimento de magua e jubilo.

Parou, a meio da vasta sala, a grande onda, e um dos mais honrados e idosos varões d'Alemquer adiantou-se gravemente e disse por todos:

—Sr.ª rainha! Juntos viemos a fazer a vossa real senhoria offerecimento de nossas vidas e fazendas, se d'umas e outras carecerdes para sahirdes d'este desterro em que vos achaes, e não mereceis... Se

nol-o consentirdes, senhora, d'aqui sem delongas nos partiremos a procurar el-rei, por onde quer que ande com seu exercito, para que se vos restitua a liberdade e o senhorio...

—Não, vassalos leaes e dedicados, respondeu sorrindo angelicamente a rainha, não vol-o consinto, para não aggravardes os dissabores d'el-rei, que muitos são já para suas forças e saude. Que a todos vos amo, bem sabeis, e se vos não amasse desde muito, desde hoje ficaria captiva de vossa dedicação. Guardae vossas vidas para vós e para vossas familias. Uma só coisa vos peço, porém, a todos vós, velhos e novos, homens e mulheres,—é que não descontinueis de orar para que ao Senhor Deus aprasa suspender os damnos da guerra, que tantos são já, e podem vir a ser irremediaveis. Isso peço eu, e do fundo do coração vol-o peço, que não é outra a minha ancia nem a vossa. Ide em paz e tende a segurança de que, se me trouxestes flores, eu não quizera que vós levasseis lagrimas... Aproximai-vos, os que tão engalanados vindes com as vossas rosas. Que formosas são! São as rosas irmãs da mocidade, e acerto é o vel-as em donzellas. Obrigada, muito obrigada. Ide em paz, certos de que para toda a vida me obrigástes, e de que a minha gratidão será tão ardente como o vosso zelo e liberalidade.

Sahiu reverentemente a turba, (1) e a rainha lon-

(1) Não é este um episodio phantasiado por mim. O prelado portuense refere de passagem que «Sabendo os seus vassallos que el-rei a tinha reclusa e lhe tirára as villas de que era senhora, certos de sua innocencia, indignados d'a-

go tempo se quedou recolhida em seus intimos pensamentos.

Violante, de pé, com os olhos postos nas rosas, pareceria arrebatada em sonhos do paraiso, se duas serenas lagrimas lhe não denunciassem nos olhos o terreno e doloroso dos sonhos.

A rainha relanceou-lhe um olhar que parecia vago, e que todavia bastou a revelar-lhe o maguado cogitar da orphã.

—Velas ou sonhas, Violante? interrogou meigamente a rainha.

—Desperta estou, sr.ª rainha, e tão desperta, que o vêr estas flores...

—Te fez chorar. Assim acontece, que os mais contrarios pensamentos sejam ás vezes simultaneos no acudir á memoria. Vê tu se já houve no mundo coisas mais oppostas do que são as flores e as lagrimas! Todavia das flores nasceram agora as lagrimas... Vem cá, Violante, dize-me que tristezas encontraste tu nas minhas rosas...

—Senhora rainha...

—Não precisas, Violante, de procurar rodeios. Sê franca, que o meu amor t'o merece.

—Mas, respondeu balbuciando a orphã, se o pensamento fosse ingrato para com vossa real senhoria?...

—Não ha ingratidão onde não ha esquecimento e tu, Violante, tão lembrada de mim estás, que te accusas de ingrata para commigo... Que te lembrava, pois?

quella impostura, lhe foram offerecer as vidas e as fazendas.»

—Estava a lembrar-me de Coimbra, sr.ª rainha, d'aquella manhã em que vossa real senhoria entrou ao nosso albergue, e eu tinha posto este firmal entre rosas...

—Ah! sim, comprehendo-te.

Violante purpurejou-se.

—Ahi está como das lagrimas nascem as rosas! continuou a rainha alludindo ao colorido que subitamente retingira as faces de Violante. Comprehendo-te, comprehendo-te... Tens saudades da tua vida de Coimbra, porque não choravas então, e choras hoje. Ah! Violante, commigo não foste tu ingrata, mas para com o Senhor Deus o és! Em Coimbra tua mãe estava em enfermidade e tu em perigo. Permittiu o Senhor Deus que tua mãe fosse á sua divina presença e tu estejas aqui, onde os meus olhos, emquanto a morte os não cerrar, por ti velarão. E choras ainda, Violante! E choras só porque mestre Carlo está com a sua galé á bocca do Tejo, como toda a esquadra, e tu estás em Alemquer! É pois bem certo que o amas...

O que nas faces de Violante era côr de rosa volveu-se escarlate vivissimo.

—Não cores, Violante, que não tens porque. Já te disse que não era crime o amar puramente, como tu amas. Mas para que procuraste enganar-te a ti propria e a mestre Carlo, afastando-o rudemente de ti? Eu havia-te aconselhado o contrario, e o teu coração, de impaciente que estava, esqueceu o meu conselho. Não appellaste para o tempo, que é a verdadeira medicina de todos os males do espirito. Mal fizeste, Violante! O Senhor Deus não

deixará que inteiramente se perca a alma de mestre Carlo, porque, segundo se deprehende de suas conversações, é n'elle peior a educação que a indole. Já te disse, e quero repetir-te, que depois da longura da noite vem a claridade da manhã. Assim deixou o Senhor Deus assignalado n'um maravilhoso espectaculo de todos os dias, que a luz vença as trévas. A aurora é para todos; ha de ser tambem para mestre Carlo. O que no ceu é tréva e luz, é na alma o bem e o mal. Ha lucta para haver triumpho. Não creias tu, porém, Violante, que o santo anjo da guarda, o mysterioso espirito que por toda a parte nos segue, nos desacompanhe sem perder toda a esperança de salvar-nos. E eu espero no Senhor Deus que mestre Carlo será salvo...

—Acreditaes? perguntou jubilosa Violante.

—Acredito, sim, porque do fundo do coração acredito na bondade divina.

—Mas se elle jurou, senhora...

—Indevida e erradamente jurou, e esse é o grande prodigio da luz, que vem de Deus,—o de esclarecer as mais falsas crenças, e as mais erradas convicções.

—Assim seja, sr.ª rainha!

—Assim espero que seja, Violante. Que importa que o tempo vos separe e vos envelheça! Tu amal-o, não é verdade, Violante?

—Amo, sr.ª rainha, amo-o para salval-o, respondeu Violante com resolução.

—Esse é o verdadeiro amor, e como elle seja salvo, tu morrerás venturosa, não é verdade, Violante?

—É, sr.ª rainha.

—Enxuga então as tuas lagrimas, e não desesperes do Senhor Deus, que tudo póde. Ha de levar-te o louco orgulho terreno a comparares-te, fragil creatura, ao universal Creador? Porque não lograste vencer mestre Carlo has de pensar que o Senhor Deus não logrará convencel-o! Não sabes que nenhum prodigio é impossivel a quem tantos operou no ceu e na terra? Não cures de antecipar o tempo, que é lucta improficua; põe todo o teu empenho em esperar a hora propicia. Leva d'ahi essas flores, Violante, e vai engrinaldar com ellas o altar da Virgem Mãe de Deus. Ao entrares na capella sentirás que a esperança inflora o teu coração. Pois bem, dirás então: «Senhora, bemdicta sejaes, porque sois a mãe de Deus, que todas as maravilhas creou, e que permittiu que a alma humana ultrapassasse toda a bellesa das flores, porque a ellas lhes morre o viço com o tempo e na alma com o tempo se robustece a esperança. Senhora, bemdicta sejaes, porque sois a mãe de Deus, que deu a brevidade á rosa e a eternidade á alma, para ser tão manifesto no que é transitorio como no que é eterno, no que vive um dia e no que vive sempre. Ao Senhor Deus, nosso dilecto filho, quero louvar na rosa, que é do jardim, e na alma, que me pertence, porque se a rosa me dá alegria de vel-a, a alma me torna alegre com o sentil-a, cheia de segurança em vós, dentro de mim.» Vae, dize isto, e repousa o teu espirito, Violante.

Entrára n'este momento frei Estevão de Santarem.

—Sr.ª rainha, dissera elle, sahia eu da capella, quando me noticiaram, para chegar ao vosso conhecimento, que o sr. infante está diante dos muros de Guimarães com as suas hostes.

—Em Guimarães! repetira a rainha.

—Em Guimarães me disseram, em resposta ao que vós perguntastes, sr.ª

—Pois bem, frei Estevão, pois bem, Violante, eu mandarei cuidar dos apercebimentos para irmos ao encontro do sr. infante.

—Quer vossa real senhoria sahír d'Alemquer? perguntou o confessor.

—Ha casos superiores á vontade.

—El-rei agastar-se-ha...

—El-rei é bom; perdoará.

—Mas, sr.ª, podereis affrontar a longura do caminho?

—Tudo será por Deus.

—E se baldardes a jornada?

—Não baldarei a esperança. Tudo fiarei do tempo, frei Estevão, porque o tempo tudo sanea. Isto dizia eu, pouco ha, a Violante...

—Mas se o sr. infante, quando vós fordes chegada a Guimarães, houver levantado campo?

—Procural-o-hei até o encontrar.

—E se recusar ouvir-vos?

—Appellarei para o tempo. Eu, que estou entre estes dois amores, padre, igualmente justos e santos, não posso deixar correr sobre o chão da patria o sangue do sr. rei ou do sr. infante sem offerecer o meu peito ao golpe que ha de ferir um d'elles. Somos todos um. Pois bem: Eu irei dizer ao

infante ou ao sr. rei: «Qualquer de vós, que persista em esquecer-se de que é pae ou filho, primeiro ha de atravessar o meu coração e cortar a minha vida.» O Senhor Deus ha de ouvir-me, padre, com a ajuda de nossas orações e de quantos estão empenhados na causa da patria. Se as discordias renascerem, como teem renascido, a minha esperança renascerá com ellas, até que chegue finalmente o dia da paz inquebrantavel.

Já sabemos, pelo capitulo antecedente, que a resolução da rainha prevaleceu.

De Guimarães seguiu o infante a Coimbra e, realisado o seu ardente desejo de congraçar pae e filho, recolheu a Leiria, onde, como tambem já sabemos, filho e pae se abraçaram; de Leiria trasladou-se a côrte ao paço de Lisboa.

Entretanto, e na espectativa de funestas consequencias, a esquadra commandada por Manuel Pezagno bordejava nas costas da Extremadura.

XI

> Santo Diniz na fé, nas armas claro,
> Da patria pay, da sua lingua amigo,
> D'aquellas Musas rusticas amparo.
> Antonio Ferreira—*Poemas Lusitanos.*

De dia para dia peiorava o estado d'el-rei, e, na esperança de obter algum allivio aos graves soffrimentos do real enfermo, trasladou-se a côrte de Lisboa para Santarem.

Houve de demorar-se a comitiva em Villa Nova em rasão de haver sobrevindo a el-rei o cansaço do caminho, e d'ahi foi que a rainha santa mandou chamar urgentemente o infante D. Affonso, então residente em Leiria.

Em Villa Nova da Rainha se avistaram pae e filho, e conciliação foi essa que enterneceu a lagrimas quantos a presenciaram.

Depois d'uma demora d'alguns dias, viandou a côrte para Santarem.

D. Diniz, já desnervados os braços, procurava

Aquietaram-se os exercitos, como que para reverenciar o mysterio da eternidade, que se avizinhava, e as forças de mar e de terra recolheram na sua maior parte a Lisboa, onde se conservaram com os olhos postos no throno d'onde o velho rei dentro em breve devia resvalar ao jazigo de seus maiores.

Estanciava a côrte no paço do Castello, porque ao soberano enfermo era consoladora tristesa o vêr atufar-se nas aguas do Tejo o sol que outr'ora lhe doirara os sonhos fallazes da mocidade, e uma vez por outra, e sempre na presença da rainha, que o não desacompanhava, queria ouvir, por algum dos seus dilectos trovadores, igualmente encanecidos, um d'aquelles ardentes cantares do tempo em que o alaude o desenfadava das canceiras da governação.

Sempre as lagrimas do rei vinham rociar as ultimas palavras da trova, e era esse um triste prenuncio de que o frigido orvalho da morte já esfriava no coração de D. Diniz as recordações do passado.

Então volvia á rainha olhares que se diriam de supplica e humildade.

A rainha comprehendia-os, e sorria o mais doce sorriso de perdão que em labios d'anjo póde desabrochar.

O rei chorava as suas leviandades de trovador; a rainha interpunha ao passado, que se havia sumido na voragem do tempo, e ao futuro, cujos sellos a eternidade ia abrir, o doce sorriso dos que desconhecem o azedume dos que punem perdoando.

Ella perdoava sorrindo, porque estava ali, quasi arrefecido nos braços da morte, o involucro terreno d'um nobre coração, muitas vezes ferido, e sempre extremoso.

Era preciso afofar de rosas o leito eterno de quem por mais d'uma vez adormecera sobre espinhos, contrariado em seus proprios affectos, e esmagado sob o peso do amor, que lhe consumira a vida.

Diversamente é considerado por historiadores antigos e modernos o caracter de D. Diniz.

Digam o que disserem parcialmente os historiadores que, por mais que a rasão os ampare, respiram na atmosphera das paixões, e de paixões se nutrem.

A grande voz da historia, que não representa os homens, mas a humanidade, que resume em si a opinião das sociedades, e é o verdadeiro echo do passado, ha de vêr em D. Diniz, pelas idades a dentro, um claro espirito que soube comprehender a responsabilidade da corôa, e um nobre coração, que em si mesmo encontrou o castigo de seus desvarios, e a si mesmo se purificou das maculas que o denegriam.

A rainha santa, como se fôra a imagem da historia, o symbolo do futuro, amparava contra o seio a fronte do rei moribundo, e é n'esse lance solemne que devemos estudar o reinado de Diniz, porque então encontramos inteiramente definidos os dois caracteres, resaltando n'um a nobresa do arrependimento, no outro a nobresa do perdão.

Violante voluntariamente acceitára o espinhoso encargo de velar á cabeceira d'el-rei, nos poucos

momentos em que a rainha era chamada a cumprir os deveres da realesa.

Poucos momentos eram, em verdade, porque n'aquella dolorosa conjunctura o esplendor do trono valia para a rainha e para os seus conselheiros muito menos que a saude do augusto enfermo.

Mal se cuidava das vans ostentações da côrte; a verdade eterna, a insondavel realidade da morte começava a preoccupar todas as attenções e a alvoroçar o animo das pessoas que se abeiravam do catre d'el-rei, abatido de espirito e saude.

Nãs escaceavam no paço pessoas de subida condição que se offerecessem para servir a doença de el-rei.

Em nenhuma confiava porém tanto a rainha como em Violante.

Era que a orphã, sobre ser dedicada e meiga, de sobra avaliava a esse tempo o que ha de profundamente triste na viuvez, e de suave no conforto de quem a conhece, e se cobre do luto com que ella amortalha o coração.

A rainha adivinhava-o e comprehendia-o.

A enfermeira que chora é a melhor, a primeira entre as enfermeiras piedosas e sinceras. Essa mede todo o alcance da angustia, e desce com o seu espirito até ás mais reconditas profundesas do sentimento. Nada consola tanto como o chorar, ainda mesmo quando os outros choram por nós. Uma lagrima vale mais que um livro inteiro de esperança e resignação. E, como a todos os bons conselheiros, nem siquer falta á lagrima a magia da palavra. Ella parece dizer: «Chamaste-me; aqui estou.

Eu sou a prova irrecusavel de que mergulhei com a minha piedade no oceano das tuas dores. Bem sabes que ninguem sae enxuto do seio do mar. E a dôr é tão funda! tão funda!»

Violante, velando á cabeceira do leito d'el-rei, chorava.

A sua delicada sensibilidade havia sido saccudida por uma d'essas violentas tempestades, que decidem da vida de quem lhes resiste.

As flores, que desabrocharam no seu coração ao halito d'uma primavera fecundante, haviam esmaiado na pallidez com que as lagrimas descoram as mais opulentas galas da phantasia.

Seccas as flores, e solitario o jardim dos amorosos enlevos, esperava a nortada que varre as petalas para onde quer que o destino as impelle.

Todavia não rugia em seus labios a blasphemia, que é a terrivel eloquencia do desespero, nem em sua alma crepitavam as chammas que dentro em nós pulverisam as esperanças amealhadas em dias venturosos.

Não era o anjo expulso do paraizo; era a flôr que pende, não para fenecer, mas para ressuscitar.

Descrido o seu coração da felicidade terrena, esperava porventura a hora de renascer aos pés de Deus, lá onde as flores são almas, e amor o perfume, e a eternidade primavera.

Só para os que não crêem na protecção do ceu é que os laços da vida estalam quando os élos da esperança se quebram.

Os que levantam o coração até encontrarem o primeiro reflexo da Providencia, e não cerram os

olhos, antes se embellesam, quando a luz celestial os deslumbra, ficam de pé sobre os destroços da sua esperança, porque para esses ainda ha mais que esperar, não na terra, onde as trevas os rodeiam, mas no ceu, d'onde a aurora da paz se lhes entremostra esplendida.

Mestre Carlo, ao cabo de alguns mezes de ausencia, em que bordejára nas costas do sul, abordára a Lisboa, onde as galés ancoraram, porque a doença d'el-rei dissipava todas as suspeitas de novas perturbações civis no reino.

Enfadonho lhe foi a elle o apartamento, e algumas vezes tão pungente o cogitar, que dera a vida por não haver conhecido Violante, que lhe avassallava o coração, quando a esperança parecia fugir com as vagas que iam rolando até que a mão de Deus, no limite do mundo, lhes dissesse: Parae.

Porque se sentia elle atordoado de cobarde tristesa, quando relembrava as tardes de Leiria, em que a formosura de Violante sobredoirava os esplendores do sol moribundo?

Pois o marinheiro, retemperado pelas luctas agrestes do mar, costumado a vencer a força poderosissima dos elementos, succumbia perante a recordação de que estava aberto entre si e Violante um abysmo cavado por ambos?

Succumbia, sim.

Se o mar tinha para mestre Carlo mysterios, o coração tambem os tinha. Acreditava nos segredos do mar e do coração, sem perscrutal-os, porque era rude. Bem sabia elle, embalado desde pequeno nas ondas, que são invenciveis as correntes secretas do

oceano, e que não haveria gigante capaz de desvial-as do rumo primitivo. Quando a embarcação não consegue evital-as, o sossobrar é certo. E elle não lograva fugir ás correntes impetuosas do seu coração. Deixára-se ir procurando o abysmo. Encontrou-as, cresciam já em torno da ousada embarcação. Que restava? O naufragio. A religião do mar,—e essa bem sabemos que era a de mestre Carlo—tem, como todas as religiões, superstições peculiares. É por isso que o verdadeiro marinheiro é sempre fanatico. Se não tem o culto do mar, é apenas um devaneiador que gosta de se confiar ás vagas. Se o tem, só ama o oceano, e só n'elle quer vêr fluctar o ninho da sua existencia errante.

Algumas vezes perpassára na mente de mestre Carlo a idéa da morte. Assim conseguiria que o fundo do mar escondesse o segredo da sua fraquesa; abjurar por amor de Violante seria publical-o.

Esperava elle que o Espirito das aguas, sempre compassivo para com os marinheiros, lhe relevasse a cobardia. O Espirito das aguas era bondoso, porque, na sua convicção, era divino. Não aconteceria o mesmo com os seus companheiros do mar, que, menos amorosos que elle, começavam a zombar da probabilidade da conversão de mestre Carlo.

D'uma vez em que se reuniram as galés n'um dos portos do Algarve para fazer aguada, estavam libando em commum as equipagens, quando dois arraes, dos menos dados a seducções, entraram de chasquear mestre Carlo.

—Certo que estás namorado! disse um.

—E quasi prégador de milagres! accrescentou outro.

—Ouve lá. A tua formosa Violante chegou a averiguar se o pé com que a mãe ficou era o verdadeiro?

E riam os genovezes ruidosamente da propria estulticia.

Mestre Carlo estava fitando o mar com sombria concentração.

—Não fallas! Emmudece-te acaso o pejo de estares convertido á fé de Deus?

—Marinheiro que deserta é como cão que morde o dono!

—Mestro Carlo queria trazer na galé a gentil sr.ª Violante, tão lida e sabida nos milagres da rainha santa! Santa! Que milagres são os da rainha, que, vou apostar, ainda te não fez apparecer, para desenfado dos olhos e do coração, a sua dilecta donzella! Ah! Carlo, Carlo, tu em Leiria eras mais namorado que marinheiro. Aquella mulher atemorisava-te mais do que uma tempestade. Sempre te suppuz mais forte...

—E eu...

—E tu? exclamou mestre Carlo erguendo-se magestoso de indignação e altivez. Quem vos disse que eu não galanteava apenas por distracção, como vós, como todos? Ha por ventura na minha vida de marinheiro um só facto que vos authorise a duvidar da lealdade do meu caracter? Não zombeis de mim, que sou digno de vós, e d'este mar que nos tem embalado desde a primeira hora em que nascemos. Oxalá que elle seja a minha sepultura.

Não quero outra. Dispenso a cruz no funeral. Quando eu morrer, quero por vós ser lançado ás vagas, que se hão de abrir para receber-me, e o Espirito das aguas reconhecerá se eu me tornei digno de repousar no seio dos homens fortes.

—Bravo, Carlo, que voltas a ser marinheiro!

—E a dispensar as honras funebres do pranto da sr.ª Violante...

—No enterro d'um marinheiro não ha lagrimas, tornou altivo mestre Carlo. Sobre o cadaver d'um marinheiro só pesa uma lagrima, a maior de todas, a unica digna d'elle,—o mar.

Applaudiram estrepitosamente os genovezes. Mestre Carlo recebeu a taça que lhe offereciam e emborcou-a.

Bebeu, e adormentou-se.

As libações abrasaram-lhe cabeça e coração em fogo do inferno.

Foram horriveis os sonhos d'essa noite para o homem que adormecera ebrio.

Sobre o mar, grande, imponente, enorme, via elle fluctuar, atravez da neblina do somno, a vaporosa imagem de Violante, e o mar, grande como era, parecia beijar-lhe reverente a orla do seu vestido branco e ondulante...

Ó prodigio do amor! força mysteriosa! flôr que te desfolhas n'um dia, e resistes á magestade do mar, na realidade e no sonho!

Passados dias, entrava no Tejo a esquadra portugueza. Mestre Carlo sahira a terra com as equipagens, que foram ao paço do Castello apresentar-se a el-rei.

A enfermidade de D. Diniz revelava, porém, o sinistro caracter, que dentro de mezes tomára.

Só o almirante Pezagno foi admittido na camara real.

Algumas das serviçaes do paço, anciosas de vêr os genovezes, vieram espreital-os muito a medo, e muito á pressa; que, sobre ser grave a conjunctura, alguma solemnidade triste se aproximava.

No discurso da doença tomou el-rei por muitas vezes o Santissimo Sacramento, escreve o erudito prelado portuense ao historiar os ultimos tempos do reinado do rei trovador. Pois bem. Era esse imponente acto religioso que se ia celebrar. Quando o almirante Pezagno sahia dos aposentos reaes, entrava frei Estevão de Santarem, com o vaso das particulas, seguido de todos os serviçaes da côrte.

O almirante, surprehendido a meio do caminho, houve de retroceder.

Violante, chamada pela rainha á capella, não teve noticia da chegada dos genovezes e, quando os avistou, encorporada no prestito religioso, sentiu que uma nuvem negra lhe toldára por momentos a vista.

Todavia as commoções profundas são rapidas.

O olhar de Violante atravessou de repente o grupo dos genovezes, que se afastavam, e reconheceu mestre Carlo.

Os outros arrastavam-n'o dissimuladamente para fóra, e mestre Carlo deixava-se ir com os olhos fitos n'um ponto, que era provavelmente Violante.

Á entrada da camara do rei enfermo, o prestito que, por numeroso, não cabia dentro, ajoelhou can-

tando os dulcissimos hymnos com que a Egreja celebra o descer da divindade até ás miserias terrestres e humanas.

Violante, inclinada e offegante, orvalhava de lagrimas ardentes as palavras do cantico.

Chorava, em presença de Deus, sobre as cinzas do seu casto amor, mas era um chorar tão suave, que só na presença de Deus póde haver tamanho linitivo para as maguas do coração dilacerado.

Favor divino reputára ella desde logo o ensejo que lhe fizera patente a obstinação de mestre Carlo, após tamanha ausencia.

Se o amor do genovez fosse capaz de purificar-se, mestre Carlo haveria ficado, e poria o seu joelho em terra diante de Deus que passava ali. Mas o arraes tivera mais uma vez vergonha de confessar-se vencido diante dos seus companheiros, e então mais alargára, ao sahir, o abysmo cavado entre os dois.

Violante havia pronunciado sobre o firmal que de sua mãe herdára: «Se, porém, fôr tamanha a sua cegueira, que lhe não deixe vêr a luz da verdade, juro que procurarei esquivar-me ao amor do homem, que o não tem para Deus.»

Levou involuntariamente a mão ao peito, e encontrou o firmal.

O seu juramento estava ali.

. . . . . .

Depois que pôde voltar á solidão do seu aposento, tirou do seio o firmal, beijou-o soffregamente, delirantemente, e, quando a commoção lhe permittiu que fallasse, articulou:

—Ó minha santa mãe, por cuja memoria jurei ser depois da tua ausencia digna do teu amor, bem deves saber, no logar que o Senhor Deus te destinou, que o meu coração sabe resistir á tentação do mal! Aqui estou, sozinha com a minha dôr, mas tão fortalecida pelo anjo da guarda, meu companheiro invisivel, que não consegue o desespero atormentar-me, nem a desesperança perder-me. Dava a minha esperança aos homens; desestimaram-n'a. Agora a restituo ao Senhor Deus, que se dignará acolher-m'a, porque o meu coração não tem odios n'este momento em que sinto estalar todos os elos que me prendiam á terra, d'onde tu partiste, ó minha querida mãe!

Isto disse a orphã e, conchegando do seio o firmal, foi retomar o seu logar d'enfermeira na camara do rei enfermo.

Quando entrava, os seus olhos encontraram-se com os da rainha, e n'esse mudo e respeitoso olhar foram confidencias insondaveis, porque não sahiram do coração.

A doença d'el-rei progredia, e trazia em alvoroço a côrte inteira, não só porque a morte não vem nunca sem o seu cortejo de tristesas, mas tambem porque o golpe da viuvez devia abrir profundissima ferida na alma da rainha santa.

E todavia a rainha, sentada quasi sempre á beira do leito, e attentamente inclinada para o enfermo cada vez mais sopitado, testimunhava humildade que, em face do irreparavel, e só a morte o é, accusava soccorro divino e divina conformidade.

De vez em quando uma lagrima silenciosa descia a orvalhar a pallidez de suas faces.

Na mesma camara, e um pouco afastada, outra mulher velava e pensava.

Tambem a sua dôr era a viuvez.

E tambem de longe a longe se lhe rociavam de mudas lagrimas as faces.

Não obstante o perigo que a vida de el-rei corria, algumas das serviçaes do paço, menos dedicadas á magua alheia, vinham de relance debruçar-se dos muros do Castello para avistarem os genovezes que de longe, e de sitio que podiam ser viziveis, as estavam esperando.

Contentavam-se com os galanteios que os olhos sabem trocar, e com a facilidade natural com que o gesto substitue a palavra.

Entre os genovezes vinha sempre mestre Carlo.

Era notavel a profunda alteração de sua phisionomia.

Na sua fronte, em que todas as linhas tinham a vigorosa accentuação dos homens do mar, condensavam-se umas sombras que denunciavam soffrimento.

Riam d'elle os companheiros, e elle procurava rir aos companheiros.

Algumas vezes chegou ao conhecimento de Violante a noticia de que mestre Carlo se mostrava pesaroso de não a ver, e de que os companheiros chacoteavam do muito que elle se mostrava namorado.

Violante, segurando com a mão o firmal que trazia pendente, contentava-se com responder:

—Bem sabeis que estou de serviço á camara do sr. rei.

E entrava com o seu anjo da guarda, que era aquelle firmal, na camara em que as nevoas da morte começavam a embaciar a luz nos olhos do rei trovador.

X

> Os infelizes chorem, que á ultima lagrima da penitencia segue-se a primeira da santificação.
>
> C. Castello Branco — *O romance de um homem rico.*

A saude d'el-rei D. Diniz estava gravemente damnificada.

Comquanto pouco mais contasse de sessenta annos, os repetidos desgostos de seu attribulado reinado haviam-n'o aproximado do tumulo, que é o repouso eterno.

E bem carecido de repouso devia de estar o abatido espirito do rei trovador!

Envelhecera.

Perante a morbidez, pregoeira da morte, e depois do milagre da paz consummado no campo de Alvalade, o infante D. Affonso começára a respeitar o doloroso occaso da vida de seu pae, após um longo dia de enfadosa realesa.

apertar contra o peito a rainha e o infante, e de cada vez que os estreitava mais parecia aquietar-se, como se lhe fosse doce o resvalar ao tumulo entre aquelles dois amores, dos quaes um, rasgando-lhe o coração com espinhos, mais santificava as rosas com que o outro acudia a linimental-o.

Estava-se no inverno de 1324.

O trovador moribundo via, do seu leito de dôr, a triste nudez da naturesa que lhe fôra enlevo.

O silencio dos bosques despidos devia alargar-se até ao seu coração, e antecipar n'elle a fria mudez do sepulcro.

Todavia esperava, sem desespero, a quéda da ultima folha da floresta, que certamente levaria d'envolta a ultima folha da vida.

Estava ali, a serenal-o nos lentos paroxismos, um anjo de doçura e resignação, que lhe entremostrava nos maguados sorrisos as auroras do ceu.

Condão é de certas almas o calmarem as maiores tristesas terrenas com a santa medicina que não sabem homens. São incuraveis as maguas? Não importa. Basta um sorriso para minoral-as, uma palavra para as mitigar.

Não ha maior dôr que a morte, e basta ás vezes uma lagrima para adoçar o fel da saudade que ella entorna nas almas viuvas e solitarias.

D. Diniz punha os olhos desluzidos no anjo, que perto d'elle orava, e sentia-se forte para ouvir soar a hora em que devia partir.

Ao cahir o ultimo bago d'areia, a sua alma voaria a luminosas espheras, e o anjo luctuoso baixaria as azas para esconder a sua dôr.

Dir-se-hia que o velho rei estava morrendo dia a dia da saudade dos que ficavam.

Havia já começado em meio de antecipado lucto o anno de 1325.

D. Diniz reclamou a presença de toda a côrte e, recostado em almadraques de pennas, quiz enviar aos que o rodeiavam o eterno adeus dos que saiem da terra para a infinda viagem de alem-tumulo.

Por tanta maneira o havia desfigurado a doença, que logo d'um lado e outro romperam soluços e lagrimas.

É o dolorido concerto da morte,—o carpir-se da viuvez, o arrulhar da saudade...

Foi então, n'esse momento solemne, que expressou as suas ultimas disposições, que fez, para assim dizer, o seu testamento oral.

Vê-se atravez das derradeiras palavras do rei moribundo a lucidez da sua intelligencia e a nobresa da sua alma.

Profanação indisculpavel seria o pôr o romance onde a historia cabe.

Portanto transcreveremos de Schœffer ou antes do traslado do sr. Pinheiro Chagas o ultimo rasoamento de D. Diniz, porque, se não póde ser considerado verosimil, tem, como o sr. Pinheiro Chagas pondera, o merecimento de apresentar d'um modo conciso os principios que presidiram sempre á sua administração.

Oiçamos reverentes a tremula voz do rei que se despede:

—«As provas de bondade que o meu Creador me deu são tamanhas, e o que pude fazer para lhe ex-

primir o meu reconhecimento é tão pouco, que só esse pensamento me faz perceber quanto é grave a hora que se approxima. Fóra d'isso nem é para temer a morte, nem para me affligir com ella: a minha vida foi feliz, porque Deus fez-me rei de Portugal, e vejo ao morrer que não foi a minha vida inutil. Nada se oppõe por conseguinte a que eu tenha morte socegada, e, se me restasse algum pesar, seria o de não ter tempo bastante para vos dar a todos provas do meu affecto. Porque esse affecto é tamanho, que vos dou a minha palavra real que os vossos paes não o podem sentir nem mais vivo nem mais profundo.

«Mas se não pude proval-o a todos como desejei, attribuam isso apenas ás perturbações que agitaram os meus ultimos annos, e que me fizeram pôr de parte n'este dever. Lego-te estas recordações, meu filho, continuou elle, voltando-se para o infante, afim que pagues em meu logar estas dividas sagradas; recommendo-te que ames o teu povo, porque serás rei do povo mais valente e mais leal que jámais foi governado por um monarcha infiel ou christão, exerce o teu poder com amor e com doçura, e não reines como senhor absoluto. A administração serte-ha facil se empregares só homens probos e bons conselheiros. Affasta de ti os aventureiros e os aduladores que vivem só de perturbações ou á custa dos reditos do Estado. Faze justiça, e observa-a rigorosamente, sem considerares as tuas proprias vantagens; porque a justiça que tiveres feito aos teus subditos encontral-a-has no tribunal de Deus. Seja a tua palavra tão sagrada como um juramento;

nenhum receio, nenhum preconceito a devem quebrar. Recebe este exemplo como uma herança de teu pae que nunca faltou á palavra dada: um rei que falta á sua palavra é indigno de possuir um reino. Fazendo justiça, mostra-te mais inclinado á misericordia do que á severidade; porque vale mais ser amado como amigo dos homens, do que odiado como executor da justiça. Eis o que é necessario para bem governar o Estado.

«Mas a vós, meus caros vassallos, recommendo-vos a obediencia ao rei que Deus vos deu, e supplico a Deus que lhe conceda sentimentos regios, afim de que o seu reinado seja prospero, e que sejaes felizes por elle. Deixo os negocios do Estado n'uma situação que me reconcilia commigo mesmo, pois sempre procedi de modo que conseguisse ser essa situação a melhor que Portugal gosasse desde que tem monarchas; e peço-vos que observeis as leis que vos dei, porque a lei mal executada assimilha-se a um planeta sem influencia.

«Na persuação que observareis todas estas recommendações, como devo esperal-o da vossa lealdade e do vosso nobre pensar, no sentimento da fraquesa sempre crescente que ameaça quebrar o fio da minha existencia, acabo pedindo-vos que veleis pela minha esposa, que presente está, e a cujo amor, amor que vos é bem conhecido, sou immensamente grato O affecto que vos tenho em nenhuma outra epocha foi talvez tão grande; possa elle ser agora bastante poderoso: quando vos recommendo este objecto querido, tenho confiança que por ella será o meu nome conhecido e illustrado o reino.»

A phisionomia do velho rei, posto que alterada pelo soffrimento, irradiava serenidade.

Poucos, dias rodaram dolorosos sobre esse emque toda a côrte ouvira a solemne voz de D. Diniz.

Sentindo já roçar-lhe na fronte esvaida a aza da morte, e ladeado pela esposa e pelo filho, proferiu o adeus intimo,—a ultima nota do coração amante:

«Morro, meu filho, mas um só pensamento me perturba, é o dos desgostos que pude causar a tua mãe na minha mocidade; tudo quanto a tua piedade e o teu arrependimento tencionavam fazer por mim em consideração do passado, faze-o por ella; descerra-lhe thesoiros d'amor, terás a minha benção e a sua.»

Depois devia de ser sublime o despedir-se da rainha, para quem se voltou.

Toda a vida que lhe restava no coração inflammou esse adeus extremo, porque, mal podendo segurar nas mãos convulsas um crucifixo, rendeu a alma a Deus pouco depois.

Era o dia 7 de janeiro.

Sahiu o infante, quasi dementado pela angustia, e, como se toda a côrte lê-se na sua commoção a triste noticia, entrou á camara e, ajoelhando, resaram todos.

A rainha, curvada, silenciosa, acompanhava certamente a alma do rei na viagem para que partira.

Os outros choravam; ella estava como que alheiada.

O seu espirito voejava; os outros confrangiam-se no espectaculo da morte.

Levai os que não crêem na immortalidade da alma á presença d'um moribundo.

Deixae-os contemplar longamente o lento apagar-se da luz nas pupillas, o esmaiecer gradual das faces, até que se enrigecem como gelo; o aprumar-se do pescoço para auxiliar a respiração cada vez mais difficil; o arquejar do peito, violento a principio, quasi imperceptivel depois; o azulejar das veias e o arroxear das unhas; o desnervar vagaroso dos braços, até que pendem inertes, e no meio d'esta grande desordem da naturesa, d'este doloroso desatar de todas as fibras, o doce sorriso em que transluz a alma superior a todos os revoltos movimentos da materia gasta...

Se tudo fosse terreno no homem, não haveria serenidade n'elle em tão attribulado lance. Tudo seria o deslaçar do corpo, o desespero de não poder reorganisar o involucro humano, a dôr de todas as dôres,—a do morrer.

Se a vida lhe correu tormentosa, e accidentada das paixões infrenes que rapidamente golpham o homem na voragem do tumulo, mostrai-o á incredulidade para que lhe observe o ardor com que áquella hora, em que tudo arrefe, segue com os olhos, já amortecidos, os labios do sacerdote, que está orando á beira do catre, e aperta contra o seio o crucifixo livido como elle.

Demorai-a até que assista ao ultimo momento, ao tremendo *consummatum*, que é o ultimo acto da tragedia da vida.

Então, quando mais o moribundo procura aprumar-se e levantar as palpebras, que devem ser-lhe

de chumbo, e cahe contra o travesseiro tirando o arranco final, que tem em todo o aposento um echo soturno, como o do descer do cadaver á terra, voltai-vos para o vosso philosopho, para o vosso sabio ou para o vosso louco e pedi-lhe que, se em em verdade elle é maior que todo aquelle espectaculo, sôlte, em face da morte, a gargalhada do seu despreso...

Pois que! Se a vossa philosophia, ó sabios dos mysterios insondaveis, tem bases, tem firmesa, tem coragem, entrincheirai-vos no reducto das vossas convicções, discursae os vossos arrasoados, cuspi n'aquelle cadaver, que vos não infunde respeito, arrastai-o á praça publica, alçai-o ao topo da montanha fragosa e deixai-o lá para banquete dos abutres.

Tudo aquillo é barro arrefecido, é terra, é pó, é nada...

De que vos podeis temer, ó sabios? Que respeitaes ainda n'esses labios que não teem voz, n'esses olhos que não teem luz, ó philosophos?

É que uma secreta preoccupação vos incommoda, uma duvida terrivel vos agita.

A vossa sciencia treme nos seus alicerces e o vosso espirito sente-se pequeno de mais para tamanho espectaculo.

Começais a pensar que ha alguem maior que vós, alguem maior que a morte, alguem maior que o mundo!...

Quem é?

O cadaver não tem voz mas responde-vos.

Não tem luz mas illumina-vos.

Já não tem espirito mas ensina-vos.

É Deus.

Aqui tendes agora a antithese da incredulidade, a alma que não duvida, o coração que não chora, porque os reflexos d'uma aurora desconhecida lhe enxugam as lagrimas.

É a rainha.

A sua alma, por uma percepção extranha, está descortinando os mysterios que deslumbram os outros.

Por isso os outros oram, e a rainha medita.

Depois, como se tivesse a certesa de que a alma d'el-rei havia chegado ao seu destino, e accordando do sonho, recolheu-se aos aposentos particulares e, servida pelas mais intimas donzellas de sua côrte, envergou o habito de Santa Clara e cobriu-se com o veu branco das nupcias celestes.

Foi Violante quem, por sua determinação, lh'o apresentou.

—Errou o meu sonho! suspirou lacrimosa a orphã. Sonhei que vossa real senhoria me toucaria a mim...

—Quem te diz que o teu sonho errou, Violante?...

Não era para expansões o lance.

O silencio da tristesa diffundiu-se.

Cuidou-se nos funeraes d'el-rei, cuja vontade, expressa em escriptura, era a de ser sepultado no convento de S. Diniz de Odivellas.

Era longo o transito e, para obstar á corrupção do cadaver, foi embalsamado, mettido em ataude e depositado na capella do paço.

Cantou pontifical o bispo de Lisboa, D. Gonçalo

Pereira, e em seguida resou missa o prior da real collegiada da Alcaçova de Santarem.

A rainha, vestida de burel, assistiu a todos os actos religiosos com assombrosa serenidade.

Um raio de luz, o unico que se insinuava na capella, tremeluzia na alvura do veu, que em suas amplas dobras occultava a nudez da cabeça.

Violante, ao pregar o veu, recebera ordem para desbastar as longas tranças.

Em derredor da rainha estavam prelados, senhores, clerigos e as communidades religiosas de Almoster, Abrantes, Leiria e Torres Novas.

Celebraram-se os funeraes com imponente solemnidade e, como terminaram, foi depositado o ataude em uma liteira, coberta de custoso brocado, e principiou a mover-se o prestito ao som da voz plangente dos sinos.

A rainha e seu filho seguiam empós o feretro ladeado de nobres e sacerdotes, que levavam tochas.

Não houve serviçal da côrte que não rendesse esse derradeiro testimunho d'affecto e respeito ao rei finado.

Acudiam á estrada os camponezes, que rompiam em vozes doloridas quando, ao pé do ataude, viam a rainha amortalhada no habito monastico.

Era um desafogo d'amor aquelle, profundo e espontaneo.

Justos parecem os ciumes do povo que desde logo conjecturára que a santa das flores ia sepultar na clausura a sua saudade.

Em Villa Nova da Rainha estanciou o prestito, sendo o cadaver depositado na egreja.

Ahi affluiram, chamados pela rainha, para resar responsos, os clerigos d'Obidos, Athougia e Alemquer.

A todos os officios assistiu a rainha santa, sem embargo dos incommodos do caminho.

O verdadeiro amor é tamanho, que vai da terra á eternidade.

Esse era o da rainha.

Quanto amor não ha ahi,—e só d'amor tem o nome—que parece esfriar com a morte e se esquece de lançar siquer algumas flores e algumas orações sobre a pedra tumular em que por certo está escripta metade da sua vida!

Encadêam-se as existencias como os élos em grilhão. Á corrente que entrelaça as existencias chama-se humanidade. Uma data gravada n'um epitaphio resume muitas paginas d'outra biographia; um nome escripto n'uma lousa relembra um drama que continua ainda.

Mas, tornando ao amor, sendo o amor um sentimento, e a alma immortal, não devera acabar o amor quando o corpo acaba.

O que sentia, apenas mudou de logar.

Portanto vós, os que vos dizeis amantes, mandai a vossa alma, ainda prêsa, em procura da alma, que se libertou.

Haveis d'encontral-a.

Preferis o esquecimento á tristesa de estar conversando o tumulo, que não responde, e, porque o tumulo não responde, achais que não deveis fallar-lhe

Imaginais-vos sós.

Procurais o bulicio, o ruido, o mundo...

Oh! é horrivel essa ingratidão infamissima dos que não se lembram dos mortos!

O tumulo não responde, porque é pedra, e vós não lhe quereis fallar, porque tambem sois pedra.

Por Deus! que o vosso amor devia subsistir e procurar o alvo em que se enlevava, porque elle não desappareceu, como suppondes, mas apenas se distanciou.

N'um momento de meditação, alta noite, quando a solidão é maior, e vós recordaes o passado, não por saudade, mas por egoismo, por vos chorardes a vós e não a quem vos falta, dizei sinceramente, com a mão na consciencia, se não cuidastes ouvir, de longe a longe ou por ventura uma só vez, a voz que vos fallava, a respiração que vos fazia companhia, os passos amigos que quebravam o silencio da vossa casa?

Que é isso que está conversando comvosco, ouvindo-vos, respondendo-vos, vivendo finalmente?

É a imaginação?

Pois que! A imaginação é um echo de tudo o que está fóra de nós, e a voz então onde está?

No sepulchro?

O sepulchro é de pedra.

Será a memoria?

A memoria é um echo de tudo o que está dentro de nós, e a voz então onde está?

Mas o esquecimento é a negação da memoria, e vós vivieis esquecidos da voz que vos fallava.

Nunca essa imagem esteve comvosco, e em vós, depois que o veu da mortalha a encobriu.

Que é então?

É o espirito longiquo, o que não morreu, o que sente ainda, a luz, a alma, o mysterio...

Chegado o prestito ao real convento de S. Diniz d'Odivellas, sahiram a recebel-o á portaria o bispo de Lisboa, que se havia antecipado no caminho, o cabido, o clero, o senado da camara com a nobresa e povo da cidade.

Depositado o feretro sobre a eça, vieram oitenta religiosas, presididas pela abbadeça, cantar o primeiro responso, e em seguida officiou o bispo, com o cabido, a missa.

Aberto o tumulo, e descido a elle o rei, retirou-se para Lisboa Affonso IV, e a rainha ficou em Odivellas, nas casas reaes que dentro do convento então havia, não a vigiar o tumulo, que é de pedra como todos, mas a conversar o espirito longiquo, o que não morreu, o que sentia ainda, a luz, a alma, o mysterio...

Para todos havia morrido o rei.

A historia escrevia a primeira lettra na pagina do seu reinado.

A poesia lançava sobre a fronte das saudosas Musas rusticas um veu de lucto.

D. Diniz havia morrido.

Para a rainha, não.

XII

> Se um mosteiro não é ceu porque o não ha nem cabe na terra, é um santo e bemdito refugio, onde muitas penas se atalham e muitas se adormentam.
>
> Visconde de Castilho — *A chave do enigma.*

Foi de verdadeiro recolhimento a vida da rainha santa no mosteiro de Odivellas, depois do passamento d'el-rei seu esposo.

Era a sua dôr um mixto de saudade e esperança. Nascia da ausencia a saudade. A esperança derivava de Deus.

Libertada do captiveiro terreno, iria consubstanciar-se eternamente na alma d'el-rei, que se separara da sua. De modo que a saudade era dulcificada pela esperança, e a esperança alimentada pela saudade.

Dividia pois o seu pensamento entre o tumulo e o ceu.

Para o tumulo era a saudade.

A esperança era para o ceu.

Imaginai vós que um estatuario como Miguel Angelo, aquelle peregrino cinzel que parecia fazer estatuas vivas, como a da *Noite, fu da un Angelo scolpita*, modelava o archanjo da saudade, á beira d'um tumulo, de modo que figurasse estar olhando para a loisa e levantando o pensamento para o ceu...

Assim era a rainha.

E só para que a esperança não se deixasse adormentar pela saudade, antes com ella se fortalecesse, resolveu ir em piedosa peregrinação a S. Thiago de Galliza, acompanhada pelas pessoas que melhor sabiam comprehendel-a e amal-a...

Quem sabe que doces segredos não deletrearia a sua alma na luminosa brancura da via lactea?...

O ceu, tão mysterioso para nós, só para os santos e para os sabios deve de ser grande e comprehensivel.

Para os santos, porque ante-vêem as auroras que estão para lá do veu azul...

Para os sabios, porque sabem conhecer as formosas constellações, que são outras tantas auroras accesas sob o veu que resguarda as outras...

Violante acompanhou a rainha.

Tambem a orphã devia de ir absorta n'esse scismar maguado com que os tristes erguem os olhos ao ceu.

Ha ineffavel doçura em vêr aquella estrellada amplidão que dá uma vaga idéa da grandesa de Deus...

Quando o povo descia em chusma a esperar a romeira santa no caminho, e a cobria de rosas, de-

via de ser commovente espectaculo o vêr passar a viuvez, com a sua esperança, por baixo d'uma abobada de estrellas e d'uma chuva de flores...

O coração de Violante havia de fortalecer-se com a visão d'esse luto, que desconhecia o desespero, e se vestia de flores e estrellas, porque as flores são companheiras das nupcias, e as estrellas uns reflexos do ceu, e era nas bodas mysticas de além-tumulo que a viuvez da rainha santa punha o pensamento e a esperança...

Demorou-se a rainha em Compostella orando e meditando no templo e, ajoelhando diante do altar, offereceu como holocausto a sua corôa d'oiro, por que para ella havia acabado a realesa, e os seus vestidos da côrte, e as suas perolas finas, e a sua baixella de prata, como se de tudo isso, que era mundano, quizesse fazer pedestal á cruz que a sua esperança arvorava...

Quando já a rainha se estava preparando para voltar ao seu recolhimento de Odivellas, apresentou-se-lhe um velho sacerdote pedindo audiencia para grave assumpto.

Tanto que a rainha o recebeu, o sacerdote disse:

—Ha tres dias, senhora, que se finou em Castella uma dama que havia sido de vossa côrte...

—D. Theresa Pires? interrogou vivamente a rainha.

—Essa mesma, senhora. Louca se finou e muito viveu para que o Senhor Deus haja de descontar-lhe o que penou. De tal modo o remorso lhe attribulou o espirito, que finalmente ensandeceu ha seis mezes. Nas suas horas de inquietação dizia entre-

ver a imagem d'uma serviçal da casa de vossa real senhoria, e só espirito e corpo se aquietavam quando outra imagem, a da filha da serviçal, que sei nomear-se Violante, parecia sorrir-lhe e perdoar-lhe pela mãe. Grande lastima foi na côrte de Castella o viver de D. Theresa Pires, mormente depois que mais desamparada ficou com a morte da senhora rainha, vossa filha. Ha um anno que D. Theresa Pires fez solemne testamento perante muitas das mais nobres e piedosas pessoas da côrte de Castella. O testamento que fez aqui o trago eu, senhora, porque elle particularmente interessa á serviçal Violante, que presumo viva. Se, porém, o não é, nas mãos de vossa real senhoria o deposito, segundo ordem que da côrte de Castella recebi.

—Violante é viva, respondeu a rainha santa. Ella mesma virá receber de vossa mão o testamento de que sois portador.

Foi Violante chamada á presença da rainha e do sacerdote.

Ouvida a narrativa, que o sacerdote repetiu, Violante recebeu, chorosa e commovida, o testamento.

Que tumultuosos pensamentos não deviam preoccupal-a n'esse lance! A recordação da mãe, que D. Theresa Pires assassinou; a loucura em que a fidalga agonisára; o seu longo e expiatorio soffrimento; a lembrança de mestre Carlo e a saudade afflictiva d'um paraiso sonhado e perdido, que levára D. Theresa Pires a ser criminosa, e a ella a fazia triste e scismadora...

Todavia Violante, dominando a sua commoção, recebeu com mão trémula o testamento.

—Bem sabe vossa real senhoria,—disse ella voltando-se para a rainha—pois que intimamente me conhece, que não ha em meu coração ambição de grandesas, que me não são proprias. Se recebo este testamento, senhora, vós sabereis mais tarde a tenção com que o recebo. E pois que a pessoa, que tamanha mercê me fez, cuidava ouvir em sonhos o meu perdão, acordada o repito, porque a alma de minha mãe, que certamente nos está ouvindo, não sabe negar o perdão a quem não se negou ao arrependimento.

—A alma de D. Theresa Pires vol-o agradecerá, tornou o sacerdote. Justo é o perdão quando o arrependimento o pede. Eu assisti á longa enfermidade de D. Theresa Pires, e de sobra sei que a sua alma convictamente lamentava o muito que se desvairou. Perdoai-lhe, pois, vós, que o Senhor Deus é divinamente misericordioso e justiceiro. Desempenhada a missão a que vim, permitta vossa real senhoria, que lhe oscule a mão, pois que me foi dado reconhecer na penitente a rainha. Esta ventura não a esperava eu, que já vou dobrando ao peso dos annos, e o Senhor Deus permittiu-m'a, e eu lh'agradeço, porque ella parece revigorar-me para a tornada.

Recolheu a rainha a Portugal para assistir ás honras funebres que por alma do rei se deviam celebrar em Odivellas, e ás quaes foi presente com D. Affonso seu filho, e com os prelados e ricos homens do reino.

Em Odivellas encontrou Violante o ensejo que procurava desde que regressára de terras de Hespanha.

—Senhora rainha, balbuciára ella timidamente, quizera abrir-vos o meu coração...

—Falla, Violante, e por escusada tenho a tua timidez. Não cabe ella, onde a confiança está. Falla, pois, desassombradamente.

—Para Coimbra vai vossa real senhoria, e certo que a Coimbra vos chama o mosteiro de Santa Clara, que tudo a vossa real senhoria deve.

—Tudo se deve ao Senhor Deus, Violante, que se me não prolongára a vida, não tivera eu ensejo de curar de obra que tanto amo. Para Coimbra vou, é certo.

—E para Coimbra quizera eu tambem ir... de vez.

—Explica-te.

Violante, tomando affoutesa, proseguiu:

—Bem sabe vossa real senhoria que sou rica, tão rica, que não sei quanto o sou. Do meu oiro, que me parece extranho, quizera eu tambem fazer o que vossa real senhoria fez de todas as alfaias e riquezas da côrte: tornal-as agradaveis ao Senhor Deus, offertando-lh'as.

—Apenas suspeito comprehender-te...

—Quando em Hespanha acceitei o testamento da finada D. Theresa Pires, que o Senhor Deus tenha em sua santa guarda, não disse eu a vossa real senhoria que o recebia com intenção reservada?

—Disseste.

—Pois o meu proposito era tomar aquelle habito que mais agradavel fosse a vossa real senhoria, e doar ao mosteiro que houvesse de recolher-me quanto de D. Theresa Pires herdei.

A rainha, fitando em Violante os seus olhos d'uma doçura etherea, contrapoz:

—Ha que tempo formaste em teu animo essa secreta resolução, Violante?

—Desde os paroxismos do sr. rei.

—Que motivos te moveram a tomal-a?

—O vêr cada vez mais cego o entendimento de mestre Carlo em occasião em que era conduzido o sagrado viatico á camara do sr. rei. O sr. almirante ia a sahir; os alcaides de galé esperavam-n'o. Mestre Carlo, não obstante ter-me visto, deixava-se arrastar pelos outros para fóra. Comprehende vossa real senhoria? Mestre Carlo não queria ajoelhar-se diante do Senhor Deus creador do ceu e da terra. Fez quando pequeno juramentos de impiedade; não quer quebrantal-os, que por solemnes os tem. A sua alma continua nas trêvas do erro. E eu amo-o, sr.ª rainha, oh! que em verdade o amo. Quero pois salval-o, viver no recolhimento da oração para que o meu espirito melhor se concentre na esperança que o absorve,—supplicar noite e dia ao Senhor Deus que o tome sob o manto da sua divina misericordia, e permitta recebel-o no grémio dos que o adoram. Por certo tenho que vossa real senhoria comprehendia desde muito a minha dôr. Vós me confiaveis, sr.ª rainha, serviços que demandavam tristesa d'animo. Bem sabeis que me não distrahi uma só vez no desempenho do doloroso encargo de assistir ao sr. rei. Vós bem me vieis o intimo da alma, porque me daveis preferencia entre as mais nobres senhoras de vossa côrte no officio de enfermeira. Com a vossa ajuda, sr.ª, comecei des-

de os paroximos do sr. rei D. Diniz a minha obra d'orações e lagrimas. Farta occasião tinha eu de orar e chorar á beira do leito de sua real senhoria. Orei e chorei, e o coração fortaleceu-se-me com a esperança de que mestre Carlo será um dia convertido á verdadeira fé e á verdadeira religião...

A rainha santa respondeu:

—Conheço bem o teu coração, Violante, para que tente contraminar-lhe a resolução. És boa e dedicada; tens a coragem do sacrificio. Lograste dominar as impaciencias do amor para inteiramente te confiares no Senhor Deus, que todas as maravilhas permitte que o tempo realize. Onde faltar a fé, sobra a dôr. Tu, Violante, graças á protecção do Senhor Deus, que te soccorre, esperarás e ganharás. Tambem a minha esperança está posta no divino premio. Finou-se o sr. rei, e bem sabes em que solidão me deixou. Quiz, porém, o Senhor Deus que me não tomasse em seus loucos desvarios o desespero, e fez descer sobre mim a mysteriosa força da esperança. Oh! que grande misericordia o Senhor Deus me concedeu! Como eu me sinto fortalecida para esperar a hora em que me seja dado voar á eterna companhia do sr. rei! Jámais a fé deixou de ser galardoada. Crês e esperas; serás ouvida. Ajoelhemos e oremos, Violante, que devemos ser as mais gratas creaturas que estão sobre a superficie da terra.

Passou-se a Coimbra a rainha santa, inteiramente desacompanhada da grandesa que faz cortejo aos principes.

A nobresa que a servia ficou na côrte de D. Af-

fonso IV; seguiram-n'a poucas e escolhidas serviçaes, que preferiram viver no mosteiro de Santa Clara a demorar nos paços do successor de D. Diniz.

Violante era do numero, postoque, desde que se partiram de Odivellas, já não fosse considerada serviçal da rainha, mas noviça do mosteiro que demandavam.

Quando a rainha santa chegou a Coimbra, ainda o edificio do convento não estava concluido e, como sua protectora que era, ardentemente se devotou ao progresso das obras, mandando outrosim edificar uns paços, annexos ao mosteiro, e um hospital annexo aos paços.

Era seu intuito professar, como haviam feito anteriormente sua mãe, a rainha D. Constança, sua avó, a rainha D. Violante, e sua tia, santa Isabel, rainha d'Hungria.

Desconvenceram-n'a porém os conselhos de esclarecidos varões, entre os quaes o padre frei Salvado, a esse tempo seu confessor e depois bispo de Lamego, porque, sendo a côrte uma continua lucta, indispensavel era que se não enclausurasse no retiro conventual o anjo da paz, que o mesmo seria privar de bonança as tormentas dos paços reaes.

E rasão tinham os doutos varões, como posteriormente os factos demonstraram em terras de Hespanha e Portugal.

O hospital, que tinha duas amplas enfermarias para quinze homens e outras tantas mulheres, foi pela rainha santa doado ao mosteiro em escriptura authentica.

Paços, mosteiro e hospital são hoje umas ruinas que o viajante encontra na margem esquerda do Mondego.

As alluviões do rio foram lentamente excavando os alicerces, até que no reinado de D. João IV, a requerimento das freiras, se mandou proceder á construcção do novo convento de Santa Clara, no monte da Esperança, para onde, em outubro de 1677, se trasladou a communidade e o cadaver da rainha santa.

É porém certo que todas as ruinas teem sua historia. Não prescindimos portanto de contar a do antigo mosteiro de Santa Clara, porque o mesmo será demorarmos por instantes o pensamento n'uma das mais formosas paginas da vida legendaria de Santa Isabel.

Foi D. Maior Dias, dama de muita nobresa e bens de fortuna, a fundadora do antigo mosteiro. Sem embargo de haver tomado habito no convento de S. João das Donas, não só não professou solemnemente, mas até declarou querer manter inteira liberdade de pessoa e bens, porque era seu pensamento, desde muito afagado, fundar o mosteiro de Santa Clara á margem do Mondego.

Começada a edificação, e doado o seu patrimonio ao novo mosteiro, sahiram os conegos de Santa Cruz a pleitear com D. Maior, allegando que era dona professa, e que, subjeita á sua ordem canonica, não podia dispôr de bens nem pessoa. Só depois do fallecimento de D. Maior se chegou á conclusão do pleito, favoravel ao conegos de Santa Cruz, ordenando a arbitragem que o novo edificio se désse

ao frades de S. Francisco e se repartissem as freiras pelos antigos mosteiros.

Condoeu-se a rainha da sorte do convento e das freiras, e intercedeu com os conegos para que nem o convento fosse alheado nem as freiras expulsas, e assim foi que a communidade volveu á posse de onze casaes e algumas das propriedades legadas por D. Maior.

O anjo, que o tinha sido de paz entre os principes, tambem o foi entre as monjas, e dos seus haveres repartiu largamente com a communidade, que dotou, e com o edificio, que reconstruiu.

De Çamora, diz o sr. Simões de Castro, (1) mandou vir para o mosteiro, logo que o seu estado o permittiu, nove freiras, e professaram tambem n'elle varias donzellas e damas de sua casa.

Como sabemos, entre as que professaram, professou Violante.

Preparou-se espiritualmente para a festa, que foi solemnissima, da sua entrada no mosteiro.

Parecia noivado, porque em verdade o era, o abrir-se da clausura para receber uma noviça.

Com flores a esperava a communidade, como se quizesse fazer lembrar a primavera eterna do ceu, e com brandões accesos, em duas extensas alas, como significando que era aquelle o caminho da luz.

A noviça ia toucada, como se não a esperasse o altar, mas o thalamo.

(1) *Guia historico do viajante em Coimbra e arredores*, pag. 219.

O orgão enchia as tres naves do velho templo com o dulcissimo hymno do noivado mystico.

No campanario tocavam festivamente os sinos até que, ao terminar o acto religioso, dobraram melancolicamente para annunciar ao mundo que a noiva do Senhor já não era da terra.

Quiz a rainha toucar por sua propria mão Violante.

Foi ella que lhe soltou sobre os hombros as largas ondas do veu nevado e roçagante.

Então, por entre lagrimas e sorrisos, lhe disse a rainha santa:

—Vês como não errou o teu sonho, Violante! Sonhaste que eu te toucaria. Para noivado te estou toucando.

—É verdade! soluçou Violante curvando-se para receber o veu.

E levantou-se, toucada, com um sorriso em que desabrochavam doçura e esperança superiores á esperança e doçura terrenas.

D'ahi a momentos abria-se a portaria e recebia a noviça.

Passou a communidade ao templo, onde o veu do noivado cahiu aos pés do altar á mistura com os ondulosos anneis das tranças de Violante.

As vestes de festa foram substituidas pelo habito da ordem, e os sinos do templo começaram então a dobrar plangentemente...

Violante já não era da terra.

Quer certamente o leitor que lhe conte da vida da rainha santa e da orphã Violante sob a mesma abobada do mosteiro de Santa Clara.

Era um inalteravel praticar com Deus no seio da communidade, um constante cerrar os ouvidos ao tenue ruido exterior e abrir o coração aos doces effluvios do ceu.

Madrugava a rainha e com ella a communidade.

Passavam a ante-manhã em louvores ao divino, matinas e prima.

Sol nado, o capellão particular da rainha cantava na capella dos paços reaes missa de defunctos pela alma d'el-rei, e em seguida algum exemplar sacerdote celebrava a missa da feria ou festa do dia, rematando inalteravelmente os actos religiosos com terça e sexta.

Breves eram os cuidados que a rainha santa consagrava ao mundo, e só por attender os pobres se apartava da communidade, e se tornava rainha.

Depois das missas, recebia petições que, em sua maior parte, eram d'esmolas.

Dado o despacho que os pobres impetravam, resava nôa com as religiosas até que batesse a hora destinada á parca refeição.

Depois dos pobres, os doentes.

Muito da manhã ia-se na vizita aos enfermos, que não só medicamentava mas tambem consolava.

Se algum encontrava nos transes angustiosos que, por via de regra, precedem a morte, fallava-lhe do ceu com maviosa candura, e esse agonisava sorrindo tranquillo para a eterna luz de que nas palavras dulcissimas da rainha transparecia um vago reflexo...

Chegada a noite, resava completas com as religiosas, o officio dos defunctos, e as suas devoções particulares.

Cumpre, porém, notar que sempre a alma d'el-rei, desde pela manhã até á noite, era lembrada ao sopé do altar, como se a saudade e a esperança fossem por igual vividas nas côres indecisas da manhã e nas sombras melancolicas da noite.

Recolhida ao seu oratorio, ahi era o exalçar-se a Deus com secreto fervor.

Não curemos de saber que pensamentos intimos se traduziam em ardentes orações.

O que é certo é que metade da noite era desvelada n'esse mysterioso orar e meditar, porque a meditação profunda, religiosa, fervente, é tão irmã da oração, que não sabemos dizer se óra quem medita em Deus ou se medita em Deus quem óra.

Ao soar da meia-noite repousava sobre estrado humilimo a filha do rei d'Aragão e a viuva do rei de Portugal.

Era um adormecer nos braços de Deus, um passar da serena vigilia ao dormir sereno, apenas conhecido dos justos.

Dormir de justo dizemos geralmente, quando, aproximando-nos d'um catre, precisamos de attentar o ouvido para escutar a pausada respiração de quem dorme, e lhe lemos na phisionomia a tranquillidade da alma, libertada das tribulações do sonho.

Assim devia de ser o repousar da rainha santa á hora em que Violante, reaccendendo no seu oratorio a lampada que fulgia durante toda a noite, mandava a Deus o ultimo pensamento antes de cerrar-se o coração na apparente morte do adormecer.

XIII

Ridebit in die novissimo.
Livro dos Prov.—Cap. 31.
25.

A missão da rainha santa não estava ainda completamente realisada.

O seu espirito, antes de despertar na manhã do dia novissimo, que a esperava, tinha de enviar ao mundo o adeus consolador das saudades que deixava.

A pomba da paz devia, ao voejar para as alturas, deixar cahir sobre a terra o ramo d'oliveira.

Como o odio, onde faz raizes, é mau d'arrancar, segundo a expressão de Duarte Nunes, o infante D. Affonso, subido ao throno de seu pae, mandou instaurar processo contra seu irmão Affonso Sanches, obtendo sentença de desterro e confiscação de officios, honras e terras.

Affonso Sanches, vantajosamente relacionado em Castella, onde tinha senhorios, reuniu gente armada

e entrou em Portugal por Bragança, auxiliado pelos seus vassallos de Albuquerque e Medellin, que transpozeram a fronteira perto do Guadiana.

D. Affonso IV, irritado com a noticia da invasão, enviou ao encontro do irmão o mestre d'Aviz, D. Gonçalo Vaz.

Acudiu Affonso Sanches a Albuquerque a defrontar-se com Gonçalo Vaz, que sahiu desbaratado.

Avisado D. Affonso IV da derrota, reuniu tropas e marchou sobre Albuquerque a tempo que Affonso Sanches estava em Medellin doente de febres quartãs.

O rei de Portugal sitiou com os seus o castello de Codeceira, obrigando o alcaide Diogo Lopes a render-se, e destruindo o castello.

Chegou porém ao apartamento do mosteiro de Santa Clara de Coimbra a triste nova das contendas fraternas, e a rainha santa para logo interveio, apesar de distante, conseguindo desarmar as hostes do rei e do bastardo, e obtendo d'Affonso IV que levantasse ao irmão a injusta sentença de desterro e confiscação.

Affonso Sanches morreu em Portugal, no anno 1329, sem que os odios do rei, inteiramente dominados, lhe perturbassem os ultimos annos de vida.

Do ramo d'oliveira havia cahido, a apagar os incendios da guerra, o benefico orvalho da paz, e todavia a pomba do ninho solitario tinha ainda de pairar sobre a terra, porque novas dissenções, se não em Portugal, em Castella, haviam de ir acordal-a nos extasis do seu retiro monastico.

Os desatinados amores do marido da infanta D. Maria, filha de D. Affonso IV, com uma formosa viuva castelhana—amores de que teremos ainda occasião de fallar,—obrigáram o rei de Portugal a reptar o de Castella, seu sobrinho e genro, logo que assentou praça d'armas em Extremoz.

Estava debilitada e velha a rainha santa, e eram grandes as calmas, que mais arriscado deviam de tornar o estio em provincia tão pouco salubre como o Alemtejo.

Empenharam-se as pessoas que rodeavam a rainha, em despersuadil-a da jornada, que tentava com o intuito de obstar á guerra entre Portugal e Castella.

Não valeram supplicas.

A missão da pomba da paz era levar o ramo d'oliveira aonde quer que soasse estrepito d'armas.

Se morresse no caminho, morreria contente sob as azas que o Senhor lhe déra para voar ao encontro da guerra...

Supplicas, idade, doença e as calmas do verão não lograram retel-a.

Foi.

Chegada a Extremoz, faltaram-lhe inteiramente as forças, ao extremo de lhe ser impossivel, na segunda feira 1 de julho de 1336, assistir, de manhã cedo, á missa, como tinha por costume.

D'esta alteração em suas devoções imprescriptiveis, inferiram a gravidade da molestia as pessoas que a acompanhavam.

Recolhida ao leito, foi-lhe enfermeira assidua a rainha D. Brites, sua nora.

Tranquillo era o repousar da rainha, e amiude tentava erguer-se em extasis durante os quaes abria sorrisos que se diriam para os anjos.

A enfermeira e os assistentes não podiam explicar-se as palavras que lhe ouviam, quando a rainha descia os olhos á terra, e com os olhos o espirito.

D'uma vez alçou a doente os braços como para abranger uma imagem invisivel a quantos estavam na camara.

—Dai-lhe logar para que eu a possa receber! exclamou a rainha alvoroçando-se alegremente.

E, tentando erguer-se, continuou:

—Ó angelica visão! Ó dulcissima imagem! Ó meiga, ó pura, ó bemdita...

Interrompeu-a a rainha D. Brites, perguntando-lhe de quem fallava.

—Não vedes? continuava a rainha sorrindo alheiada. Vestida de branco, formosa, mais bella que as estrellas, mais rescendente que as flores...

Entre-olharam-se os circumstantes, entre respeitosos e surprehendidos.

A rainha proseguiu:

—Sorri! É uma aurora o seu sorriso! Falla! São musica as suas palavras.

Ajoelharam então os circumstantes, vendo que a rainha baixava a cabeça, como se em verdade lhe estivesse batendo nos olhos o reflexo d'uma aurora só para ella patente.

E a rainha, descahindo contra as almofadas do leito, olhou para todos, e sorriu...

Decorreram dois dias em extasis e sorrisos.

Chegada a quinta feira, pediu a enferma, pela manhã, a presença do seu confessor.

Com elle esteve praticando, até que, terminada a confissão, desejou vestir-se.

Abeirou-se da janella, apoiada nos braços da rainha D. Brites.

Esteve breve tempo contemplando a suavidade da manhã, que era das mais alegres do estio.

Riram-se-lhe labios e olhos quando, alongando a vista pelo horisonte, a suspendeu absorta n'um ponto que devia de ficar muito afastado da terra...

Disse, quando se acordou, com voz entrecortada d'ancias:

—Bemdicto seja o Senhor Deus! fonte de toda a vida! origem de todo o ser!

Quiz, não obstante fallecerem-lhe as forças, prolongar a adoração e, pedindo que a pozessem no catre, mandou que lhe dissessem missa, em sitio onde lhe fosse vizivel o sacerdote e o altar.

Tanto que se adiantou a missa, lançou-se fóra do catre e, caminhando de joelhos até ao altar, commungou pela mão do sacerdote.

Carecera de grande esforço para tamanho empenho de forças e, todavia, chamou de parte el-rei seu filho e com elle praticou sobre a paz de Castella e outros assumptos por igual momentosos.

Era de mais.

Reconheceram os physicos a necessidade que a doente tinha de descanço, e sahiram da camara com el-rei, que ficou vigilante á porta.

Breve tempo decorrido, presentiram as damas, que assistiam o leito, que a rainha havia cahido em

desmaio, e afflictivamente chamaram el-rei e os physicos.

Acudiram todos.

Amparou-a o filho nos braços, e beijou-a.

É este, como já em outro logar dizemos, o maior prodigio do espectaculo da morte: o abrandar todos os corações, de modo que, onde ás vezes abrolhou o espinho, desabrocha o beijo.

Tornou a enferma em si, e sorrindo placidamente, recitou com doçura:

Maria, mater gratiae
dulcis parens clementiae
tu nos ab hoste protege,
et mortis hora suscipe.

Em seguida recitou o Padre Nosso, o Crédo e, succedendo-se outras orações, foi com o alento enfraquecendo a voz.

Pouco depois voava a Deus o grande espirito.

Quebraram-se as azas contra a lousa do tumulo, e partira o anjo.

. . . . . .

Fizeram guarda ao cadaver os prelados que se haviam reunido em Extremoz quando a enfermidade da rainha déra rebate em todo o reino.

No dia immediato ao da morte celebraram-se as exequias e, opinando o mais da côrte que se devia respeitar uma clausula do testamento, deliberou-se que o corpo, posto em umas andas, fosse transportado ao templo de Santa Clara de Coimbra.

Eram ardentissimas as calmas, e longo o caminho.

Não obstante, na extensão de trinta e duas leguas esperava o povo em alas a passagem do feretro, e, mal que o avistava, lançava-se por terra a multidão pranteando e orando.

Choravam pela rainha; as orações eram para a santa.

Fôra o corpo amortalhado em habito d'estamenha escura, franzido na cintura por um cordão.

Da cabeça pendia em largas prégas um veu de seda branca.

O bordão e a bolsa, de peregrina, completavam a humilde grandesa do ataude, que era de madeira sem lavores.

Entre os que soffreram com o ardor do sol e a longura do caminho, refere a tradição João Maceira, que tinha sido manteeiro da rainha, e o padre Fernão Martins, capellão do bispo de Lamego.

Não os privou porém a febre, de que foram tomados, de acompanhar o prestito, porque, tanto que se valeram da oração, acharam-se habilitados a seguir caminho.

Quando o acompanhamento chegou a Coimbra, após sete dias de jornada, ia de foz em fóra.

Tendes visto no mar virem rolando as vagas umas após outras, até que parece escarparem-se n'uma serra de agua, que de repente se aliza na praia?

O mesmo aconteceu com o povo, agglomerando-se em vagas, no esteiro do feretro, que retinha a multidão, como se fôra a columna de fumo que no deserto guiava o povo errante.

Depositado o esquife na egreja do convento de Santa Clara, receiou-se motim indigno da solemni-

dade do acto, por ser pequeno o templo para tamanha multidão, e grande e geral a ancia de ver descer ao ataude o feretro.

Resolveu-se pois que ficassem de guarda ao cadaver alguns fidalgos de maior graduação e que, noite a dentro, o depozitassem no moimento mandado lavrar pela propria rainha logo que, depois da morte d'el-rei, se recolhera ao mosteiro.

Assombroso é porém o haverem adormecido os nobres vigias, que só acordaram quando, ao romper da manhã, o povo fremia impaciente á porta da egreja.

Tomou-se por aviso o successo, e adoptou-se a contra-resolução de fazer publico o enterro.

Assim aconteceu.

Celebraram-se as exequias, após as quaes foi o ataude conduzido por gentis-homens ao moimento, que estava na capella superior.

Como houvessem, porém, de atravessar uma das portas interiores do mosteiro, acudiram as religiosas implorando licença para se despedirem da santa que sob aquellas abobadas receberam.

Era justo attender a saudade.

Então, descoberto o cadaver, cobriram-n'o de beijos e lagrimas as religiosas, e quasi foi preciso arrebatar-lh'o dos braços para depositál-o no moimento.

Entre as religiosas que saudosamente se despediam da santa que em vida lhes fôra mãe e protectora, uma o fazia com tão maviosa tristesa e tão dolorida candura, que deu na vista dos fidalgos, que a reconheceram.

—É a orphã Violante! disseram elles.

E quedaram-se enternecidos a lagrimas a vel-a segredar, não sabiam que mysterios, inclinada ao ataude.

Fervorosa era a prece; mas que segredo intimo ella involvia não o comprehenderam elles.

Quando os fidalgos houveram de cortar as ardentes expansões d'aquella amorosissima despedida, soror Violante despregou da mortalha da rainha santa uma flôr artificial, que beijou soffregamente, e escondeu no seio.

Depois ajoelhou e seguiu com a vista o ataude.

Santificação maior jámais a houve na hora em que o corpo d'um justo desceu á terra.

Se o povo invocava a protecção da rainha, a que já em vida chamava santa, os nobres repartiam entre si os fragmentos do panno carmesim que pelo caminho cobrira o ataude, e soror Violante juntava ao firmal, que de sua mãe herdára, a flôr que despregára da mortalha da rainha santa...

A Egreja, porém, tinha de esperar pelo tempo para proceder ás inquirições que precedem a beatificação.

Frei Manuel da Esperança refere na parte segunda da *Historia serafica* os resultados do exame feito á sepultura:

«Achou-se o santo corpo cozido n'um encerado de linho, e este era tão forte, que com muito trabalho se rasgou. Depois d'elle se viu uma colcha branca com a mesma côr e graça da sua primeira hora; e logo desenvolvendo-a, appareceu claramente a veneravel rainha, vestida de estamanha parda escura, com um cordão pela cinta, e com as prégas

do habito concertadas e compostas, sem d'ellas se ter quebrado ao menos uma linha. Na cabeça, a qual se achou coberta com alguns pannos de linho, por cima d'elles estava um veu de seda, e desfazendo-se todo este envoltorio manifestaram o rosto, que parecia dormir com muita serenidade, representando ainda a brandura, e amor, com que tratou os vassallos.

«Estava todo o corpo envolto na sua carne muito massiça e fresca: a côr d'ella como a de cera fina, que tira a transparente; sem n'ella se enxergar um signal de corrupção. E para mais apurarem esta grande maravilha, lhe rasgaram até o peito o habito, onde os medicos viram a carne do mesmo modo. Assi tambem a acharam nas mãos, e nos braços, que apertaram, e estenderam com força, puxando pelos nervos, e apalpando os ossos; com o que ficaram certos, que tudo estava são.»

No dia 25 de maio de 1325 o papa Urbano VIII confirmou, finalmente, a canonisação que o povo portuguez antecipára cento e oitenta annos, tão profunda era a sua veneração pela santa do milagre das flores.

A infanta D. Maria, filha de D. Affonso IV, de Portugal, casára com D. Affonso, rei de Castella.

Dois annos depois do casamento, enamorára-se o principe castelhano da formosa D. Leonor Nunes de Gusmão, com quem vivia com grande escandalo da esposa, da côrte e do reino.

D. João Manuel, vassallo poderoso de Castella.

duque de Peñafiel, marquez de Villena, senhor de Escalona e em 1320 eleito co-regente do joven Affonso XI, resentido de que o rei de Castella preferisse a princesa de Portugal a sua filha D. Constança, valeu-se de D. Leonor Nunes de Gusmão para inimistar o rei de Portugal com o de Castella.

D'este modo esperava vingar-se d'ambos os monarchas.

Entretanto o moço rei de Castella mais cego se tornava d'amores nos braços de D. Leonor.

D. Affonso IV, indignado da affronta que do genro recebia na pessoa da filha, escolheu para noiva de seu filho D. Pedro a filha de D. João Manuel, D. Constança.

D. João Manuel delirou de contentamento nectarisado pela empeçonhada ambrosia da vingança.

O rei de Castella, sem romper em colera, tratou de obstar perfidamente ao casamento, extranhando aos de Castella a bisarria do dote, que D. João Manuel dava á filha, e dizendo para Portugal que não era a riquesa doada a D. Constança digna do successor da corôa de Affonso IV.

Não obstante, realisou-se o casamento, sem que o rei de Castella mostrasse para logo o despeito que depois rebentou em cruenta explosão. Quiz até presentear a noiva do principe portuguez mas, quando ella sahia para Portugal, deu ordem para que fosse retida.

D. Affonso IV, indignado, mandou a Castella embaixadores, que foram desattendidos.

Uma das cartas que o rei de Portugal escrevera ao de Castella era aspera e resoluta.

D. Affonso XI pediu conselho a D. Leonor, que defendeu a indignação de D. João Manuel, como era d'esperar, visto que elle lhe reconhecera respeitosamente a authoridade que exercia no animo do real amante.

D. Affonso XI, arrastado pela influencia dos amavios de D. Leonor, escreveu para Portugal desculpando-se.

Todavia a lucta estava travada; faltava-lhe apenas a declaração official, que um rei de armas foi, por mandado de D. Affonso IV, levar a Castella.

Feito o repto, sahiram dois exercitos portuguezes sobre Hespanha: um pela Galliza, o outro por Badajoz.

Demorando-se a campanha, Affonso IV voltou a Portugal no intuito de reforçar-se.

Coincidiu com o regresso do rei o passamento da rainha santa, em Extremoz, quando a movia o empenho de congraçar os dois reaes contendores.

Continuou a guerra, porque faltava o anjo da paz.

Recolhida a Lisboa com despojos uma esquadra que tinha devastado as costas da Andaluzia, sahiu segunda com o mesmo intuito, commandada pelo almirante genovez Manuel Pezagno.

A esse tempo, porém, já a armada castelhana corria a costa do Algarve, fazendo grandes destroços, e o rei de Portugal ordenou que Manuel Pezagno e seu filho Carlos acudissem ao Algarve.

Encontraram-se as duas frotas, com encarniçado ardor, nas alturas do cabo de S. Vicente.

Grande era a furia dos castelhanos e extremo o

denodo dos portuguezes, entre os quaes avultava um arraes genovez, cujo sombrio semblante parecia justificar o denodo com que se expunha á morte.

Era mestre Carlo.

A tristesa envelhecera-o.

Entediava-o a vida, mas os brios de marinheiro obstavam ao suicidio.

Um homem do mar só no mar quer morrer.

A saudade de Violante, depois que ella tomára o veu, pungia-lhe amargamente o coração, e anciosamente esperava a hora em que podesse, no derradeiro momento, pronunciar abertamente o nome da mulher que para sempre perdera.

Nove das galés dos castelhanos foram logo abordadas e desbaratadas.

Todavia, a subita mudança de vento fez com que inesperadamente a armada de Castella levasse de vencida a de Portugal.

Da esquadra commandada por Manuel Pezagno muitas galés foram mettidas a pique, e as que restaram tomadas, e presos e feridos os marinheiros, sem excepção do almirante.

Tambem mestre Carlo sahira gravemente ferido.

Foram os prisioneiros levados pelo almirante de Castella para San Lucar e d'ahi a Sevilha, onde estava o rei.

Durante o caminho, pereceram alguns dos que mais gravemente estavam feridos.

Um d'esses, como sabemos, era mestre Carlo.

Já á vista de Sevilha pediu que o pozessem no convez, porque a ancia da morte lhe tirava o ar.

Ahi, agonisante, cravou os olhos na soberba fle-

cha da cathedral de Sevilha e, sorrindo extranhamente, parecia contemplal-a com a pouca luz que já lhe allumiava a visão.

Amparava-lhe a cabeça um genovez, a quem elle disse com o ultimo alento que lhe restou:

—No convento de Santa Clara de Coimbra... está Violante... Se algum dia te libertares... do captiveiro de Castella... dize-lhe que morri... contemplando a cathedral de Sevilha... Violante ha de... comprehender-me...

E expirou.

CONCLUSÃO

Feitas as pazes entre os reis de Portugal e Castella, por intervenção de Benedicto XII, que succedeu a João XXII no throno pontificio, e quando o exercito portuguez já se preparava para a campanha que se eternisou na historia com a batalha do Salado, bateu á portaria do mosteiro de Santa Clara em Coimbra um desconhecido, que perguntou por soror Violante.

Responderam-lhe que estava moribunda a freira, a esse tempo muito vizinha dos setenta annos.

O desconhecido replicou:

—Queiram fazer-lhe constar, se a encontrarem com vida, que um genovez vinha a dizer-lhe que mestre Carlo se finára em Hespanha contemplando

a cathedral de Sevilha. Resume-se n'isto a minha missão. Recebi-a de mestre Carlo. Era dever de marinheiro cumpril-a; cumpri. Não tenho mais a accrescentar.

Foram as religiosas repetir as extranhas palavras a soror Violante.

Ella, levou uma das mãos ao firmal, em que estava enleiada a flôr da mortalha da rainha santa, e a outra ao coração.

Depois sorriu para o ceu e sahiu da terra.

FIM

BIBLIOTHECA RELIGIOSA

Com este titulo encetamos hoje a publicação de uma collecção de livros religiosos, d'um genero inteiramente novo, contendo cada um a vida d'um santo ou santa. É o deleite dos sentidos entrelaçando-se com o que mais póde impressionar o coração piedoso. Intitula-se o 1.º volume.

O LIVRO DAS FLORES

Apresenta-se em sentidas paginas a vida de **SANTA IZABEL**, rainha portugueza, cujas virtudes lhe valeram uma aureola de gloria.

No prelo:

O LIVRO DAS LAGRIMAS

Legendas de Santo Antonio de Lisboa

por ALBERTO PIMENTEL

Preço de cada volume 300 réis

SERMÕES INEDITOS

Do eminente prégador portuguez

F. R. da Silveira Malhão

Sermões publicados:

N.º 1 — Sermão de Penitencia — 120 rs.
N.º 2 — Sermão de Passos — 120 rs.
N.º 3 — Sermão de N. S. das Dores — 120 rs.
N.º 4 — Sermão do Mandato — 120 rs.
N.º 5 — Sermão do Calvario — 120 rs.

No prelo:

N.º 6 — Sermão do Enterro — 120 rs.

As pessoas que desejarem ser assignantes de qualquer d'estas publicações, devem participal-o a Mattos Moreira e C.ª, praça de D. Pedro, 68, Lisboa. As assignaturas da provincia são pagas adiantadamente.

DP
575
I8P5

Pimentel, Alberto
O livro das flores

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 12 02 08 001 7